

*Josanan Alves*



# **PRIMEIRO O REINO**

**Como uma pobre viúva nos ensina  
os princípios da verdadeira adoração**

*Josanan Alves*

# **PRIMEIRO O REINO**



**Como uma pobre viúva nos ensina  
os princípios da verdadeira adoração**

Casa Publicadora Brasileira  
Tatuí, SP  
2021

*Direitos reservados à*

Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia ©  
Av L3 Sul, SGAS, Quadra 61, Conjunto D, Parte C, Asa Sul  
CEP 70200-710, Brasília - DF

*Administração:*

Stanley Arco  
Edward Heidinger  
Marlon Lopes

*Coordenação Editorial:* Diogo Cavalcanti

*Editoração:* Glauber S. Araújo e Nerivan Silva

*Revisão:* Josiéli Nóbrega, Anne L. Hirlle e Luciana Gruber

*Edição de Arte:* Thiago Lobo

*Projeto Gráfico e Capa:* Fábio Fernandes

*Imagem da Capa:* Montagem sobre fotos de © Wirestock e Seventyfour | Adobe Stock

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

1ª edição / 2ª impressão

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Alves, Josanan

Primeiro o reino : como uma pobre viúva nos ensina  
os princípios da verdadeira adoração / Josanan  
Alves. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira,  
2021.

ISBN 978-65-89895-35-0

1. Adoração 2. Crescimento espiritual  
3. Fidelidade – Ensino bíblico 4. Mordomia cristã  
5. Vida cristã I. Título.

21-71789

CDD-248.3

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Adoração : Cristianismo 248.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB 8/9427

Os textos bíblicos citados neste livro foram extraídos da versão Nova Almeida  
Atualizada, salvo outra indicação.

Nos casos de novas edições dos livros de Ellen G. White com dupla paginação, as  
notas bibliográficas indicam a paginação atual, seguida pela original entre colchetes.



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer  
meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia*  
*autorização por escrito* da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Tipologia: Aleo 9/13,8 – 19612/43904

# SUMÁRIO

Apresentação .....	5
Introdução .....	7
1. Essência x Aparência .....	9
2. De Onde Vem a Essência? .....	13
3. Como x Quanto .....	18
4. Olhar Padrão .....	23
5. Aprendendo a Pedalar .....	28
6. Meu Tudo .....	33
7. Não me Parece Justo! .....	38
8. “Tudo Entregarei” .....	43
9. Usa-me, Senhor! .....	48
10. “Sim, Eu Amo a Mensagem da Cruz!” .....	53
11. Conhecimento que Leva à Ação .....	58
12. Minha Maior Herança .....	63
13. O Verdadeiro Final Feliz .....	68
14. O Verdadeiro Objetivo da Fidelidade .....	73
15. Aprendi a Viver .....	78
16. A Felicidade que Nunca Chega .....	83
17. A Estranha Matemática do Céu – Parte 1 .....	88
18. A Estranha Matemática do Céu – Parte 2 .....	93
19. Movidos por Princípios – Parte 1 .....	98
20. Movidos por Princípios – Parte 2 .....	103
21. Alguém Está Vendo! .....	108
Conclusão .....	113



# APRESENTAÇÃO



Uma das coisas mais importantes que tenho aprendido em minha caminhada cristã é a necessidade da dependência de Deus. Quando leio o início do capítulo 15 do evangelho de João, concluo que só posso experimentar plenamente as bênçãos divinas se estiver totalmente ligado a Cristo, a verdadeira Videira.

Tenho aprendido, por isso, que dependência de Deus implica, necessariamente, em fidelidade a Ele e reconhecimento de que tudo o que tenho e sou se deve ao fato de Ele, como Criador e Mantenedor, sustentar-me continuamente. Por isso, a gratidão e a entrega total a Ele orientam minha vida.

Estou muito satisfeito com esta obra escrita pelo pastor Josanan Alves, pois ela trata da urgência de colocarmos a Deus como o primeiro em tudo, especialmente nas finanças pessoais.

O ensino bíblico sobre os dízimos e as ofertas me faz pensar em dois aspectos. Primeiro, sou tão dependente do Senhor como era a viúva que deu tudo o que tinha. Essa história bíblica serve de ponto de partida para a obra. Em segundo lugar, devemos ter a clara percepção de que a fidelidade nos dízimos e nas ofertas é um verdadeiro combate ao egoísmo humano. É o meio usado por Deus para garantir recursos a tantas regiões do mundo onde o evangelho precisa ser pregado e pessoas necessitam ser alcançadas. É o cumprimento da missão de proclamar a volta de Jesus, nossa grande esperança.

O autor foi muito feliz ao abordar essa temática. Ele o faz de forma consistente, bíblica, contextualizada e em harmonia com os escritos de Ellen White. Sua linguagem é agradável e amigável. Neste livro, você poderá entender ou rever os conceitos da mordomia cristã, e mais do que isso: será convidado a uma mudança de hábitos para vivenciar esses princípios e experimentar a felicidade da dependência.

A obra também nos prepara para um grande movimento, o da Santa Convocação, que ocorrerá a partir do segundo semestre de 2021. Essa ação envolverá pastores e líderes das igrejas na visitação das famílias, enfatizando acolhimento, apoio e fortalecimento nos princípios de fidelidade.

## 6 • PRIMEIRO O REINO

Seja bem-vindo a essa jornada de fé, na qual a prioridade será a fidelidade a Deus, a confiança em Seu inigualável amor e, finalmente, o foco no cumprimento da missão de apresentar Jesus como Salvador.

Sigamos dependentes de Deus e fiéis a Ele!

Stanley Arco

Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia para a América do Sul

# INTRODUÇÃO

Durante minha infância, ouvi sermões em que o pregador fazia a seguinte pergunta: “Qual é o primeiro personagem bíblico que você quer ver no Céu?” Em algum momento você já pensou sobre isso? Eu lembro que minha resposta girava em torno de três personagens: Daniel, Moisés e José. Mas o tempo foi passando e comecei a descobrir outros personagens bíblicos que marcaram profundamente minha caminhada cristã. E alguns deles nem eram tão conhecidos e não ocupavam grande espaço na Bíblia. Mesmo assim, foram determinantes para minha formação espiritual. Alguns deles são: Jabez, Jetro, Onésimo, Filemom, Onesíforo, etc.

No entanto, entre os personagens bíblicos “menos conhecidos”, nenhum me causou mais impacto do que a viúva, que entregou duas moedas no templo. Seu nome não é apresentado na Bíblia e sua história ocupa apenas quatro versículos no livro de Marcos e outros quatro no livro de Lucas. Mas, apesar disso, a vida dessa mulher tem um conjunto de lições que me impressionam e me ensinam cada vez que volto os pensamentos para sua história.

Há alguns anos, preparei uma série de mensagens sobre essa mulher e gostaria de compartilhar com você os ensinamentos dessa maravilhosa história em uma caminhada de 21 dias. Depois de tudo que aprendi com a história da viúva, passei a desejar que ela seja uma das primeiras pessoas que eu quero encontrar no Céu. Gosto de imaginar a expressão de surpresa no rosto dela ao descobrir que sua história marcante fez parte das Escrituras Sagradas e foi usada como base para milhares de sermões ao longo da história, e até como tema do livro de um escritor iniciante.

Ao longo do livro, você perceberá que uma pequena história estudada com afinco pode trazer lições extraordinárias. Como afirmou Martinho Lutero: “Nas Escrituras qualquer florzinha é uma campina.”

Para que o livro se torne prático e eficaz em sua vida, em cada capítulo você será desafiado a fazer duas coisas: Primeiro, escrever uma pequena reação ao que foi lido. Pode ser uma frase que confirme o que você leu ou demonstre sua decisão de agir de acordo com o que aprendeu. Segundo, assistir a um pequeno vídeo que reforçará o conteúdo apresentado no capítulo.

## 8 • PRIMEIRO O REINO

Espero sinceramente que a leitura seja uma bênção para seu crescimento espiritual e que diariamente sua vida seja tão impactada como foi a minha com a história dessa simples viúva de Israel: “Sentado diante da caixa de ofertas, Jesus observava como o povo lançava ali o dinheiro. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias. Vindo, porém, uma viúva pobre, lançou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante. E, chamando os Seus discípulos, Jesus disse: – Em verdade lhes digo que esta viúva pobre lançou na caixa de ofertas mais do que todos os ofertantes. Porque todos eles deram daquilo que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento” (Mc 12:41-44).

# 1 • ESSÊNCIA X APARÊNCIA



*“Seu valor foi estimado, não pela importância da moeda, mas pelo amor para com Deus e o interesse para com Sua obra.”*

*Ellen G. White*

*“Em um mundo no qual o dinheiro é mais valorizado que os sentimentos, a aparência também acaba sendo mais importante que a essência.”*

*Roberto Shinyashiki*

**J** imagine-se no tempo de Jesus, indo levar uma oferta ao templo. A gloriosa construção, com toda a beleza e história era capaz de impressionar cada adorador, mesmo os que já haviam feito esse trajeto diversas vezes. Antes de ter acesso ao templo, você teria que se dirigir aos tanques de purificação na parte externa do templo e lavar-se neles para, em seguida, atravessar todo o pátio dos gentios e entrar pela porta formosa que dava acesso ao pátio das mulheres judias. Esse pátio era o lugar em que mulheres e homens poderiam ficar, mas nesse lugar também ficavam treze receptáculos de bronze, uma espécie de cofre ou gazofilácio, em forma de trombeta onde os adoradores poderiam colocar sua contribuição para o funcionamento do templo. Cada receptáculo estava marcado com letras do alfabeto hebraico para que as pessoas pudessem saber especificamente a que uso se destinava o dinheiro. O adorador poderia depositar suas moedas no gazofilácio destinado aos tributos do templo, à compra da madeira, do incenso, dos sacrifícios do templo.<sup>1</sup>

Por ser um lugar de grande circulação, era ideal para se proferir discursos. Foi nesse pátio que Jesus proferiu Seu ensino, registrado em João 8:12 a 20, em que Ele afirmou ser a luz do mundo. É nesse pátio que se passa toda a história que irá nos acompanhar pelos próximos trinta dias. O texto de Marcos 12:41 diz que naquele dia Jesus não estava fazendo um discurso, mas apenas observando “como o povo lançava ali o dinheiro”.

À primeira vista, essa história parece ser unicamente sobre dinheiro, pois Jesus estava em frente aos cofres, onde eram depositadas as ofertas, e observava as pessoas depositarem as moedas. No entanto, uma palavra do texto muda completamente o sentido do relato: é a palavra “como”. Ela nos ajuda a entender que o que estava sendo observado naquele momento não era a aparência e sim a essência de ser cristão.

Veja, o texto diz que Jesus observava “como” e não “quanto” era depositado. Jesus estava mais interessado no “como”, que reflete a essência do coração do que no “quanto”, que revela a aparência do esforço próprio. O “quanto” revela apenas o que fazemos, mas é o “como” que revela quem somos. Quando se entende isso, a vida cristã toma um novo sentido.

Muitos de nós foram ensinados a viver e pensar na vida cristã apenas como um acúmulo milenar de regras que devem ser obedecidas para alcançar um estágio superior. Esse tipo de pensamento nos leva a ver Deus como um “fiscal” que está observando quanto você faz e, principalmente, quanto você não faz, para lhe dar a recompensa ou punição merecida. Por isso sou tão apaixonado por essa história da viúva, pois ela nos mostra que o grande interesse de Deus é mais no “como” do que no “quanto”.

No cristianismo apresentado por Cristo, o fazer e o ser são importantes, mas o ser cristão antecede o fazer coisas na vida cristã; o fazer é o resultado inevitável do ser. Com o esforço humano, podemos até conseguir “fazer” coisas que os cristãos devem fazer, mas Jesus tem uma proposta mais profunda: Ele deseja nos levar a “ser” um cristão genuíno. Um cristão em toda a sua essência e não apenas de aparência.

Precisamos entender uma grande verdade: o inimigo não queria que você fosse um cristão, mas já que você é, ele tenta levá-lo a olhar apenas para o quanto você faz ou o quanto se deve fazer. Um dos objetivos deste livro é levar-nos a pensar que o ideal de Cristo para nossa vida é transformar o que somos para modificar o que fazemos.

Para Satanás, o importante é que você olhe apenas para os sábados que guarda; quanto de dízimos e ofertas você entrega; quanto você ajuda o próximo. O propósito de Cristo é levar você a pensar em como guardar o sábado, como devolver os dízimos e ofertas e como ajudar o próximo. Ele deseja ver quais sentimentos dirigem suas ações de fidelidade.

Permita-me explicar isso com uma história pessoal. Meu pai aprendeu a experimentar o amor de Cristo em sua vida. Ele tem suas lutas na vida cristã,

mas tem um amor tão contagiante por Jesus que, se você perguntar porque ele observa o sábado, com certeza ele não vai responder que é por ser uma regra da igreja. Ele vai lhe responder que o sábado é o melhor dia da semana. É o dia em que ele tem a oportunidade de ter companheirismo com a Pessoa que ele mais ama. Sua expectativa pela chegada desse dia especial era tão intensa que, várias vezes, eu o vi começar a desejar feliz sábado para as pessoas já na quinta-feira.

A mesma coisa é verdade em relação aos dízimos e ofertas. O verdadeiro objetivo da fidelidade é levar você a reconhecer quem é Deus em sua vida e responder, pela obediência, com base em seu amor por Ele e por Sua causa. Ellen White afirma: “Os olhos de Deus tomam conhecimento de cada moeda devotada à Sua causa e da disposição ou relutância do doador. Os motivos que animam a dar são também anotados.”<sup>2</sup>

Você percebe? O interesse de Deus é conhecer os sentimentos que nos movem à ação. Temos disposição ou relutância em obedecer? Os motivos são nobres ou egoístas? Foi por isso que Paulo afirmou: “Deus ama quem dá com alegria” (2Co 9:7). O que Paulo estava declarando é que Deus ama não quanto dou, mas o sentimento que me move a doar. Isso dá sabor à vida cristã. Alguém disse, certa vez, que ser cristão tem gosto e o gosto é bom.

Durante Seu ministério, Jesus combateu com muita força a religião de aparência, quando Ele disse que os religiosos de Sua época eram como sepulcros pintados de cal por fora, mas cheios de podridão por dentro (ver Mt 23:27); quando Ele disse aos que se autoproclamavam salvos por suas boas obras: “Em verdade lhes digo que os publicanos e as prostitutas estão entrando no reino de Deus primeiro que vocês” (Mt 21:31). Você imagina o que significou para os líderes religiosos da época ouvirem isso? Eles pregavam que qualquer pessoa que se tornasse um judeu poderia ser salva, menos as prostitutas e os cobradores de impostos. E foi exatamente a esses que Jesus buscou para a salvação. Os pecadores que sabiam exatamente quanto necessitavam da graça transformadora chegariam primeiro do que os que viviam apenas a aparência religiosa.

Para mim, a declaração mais forte está em Mateus 7:21, na qual Jesus afirma que “Nem todo o que Me diz: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos Céus.” E continua as acusações até terminar com o decisivo: “Afastem-se de Mim, vocês que praticam o mal” (Mt 7:23).

Esse texto é impressionante e me faz pensar que em nenhum lugar da Bíblia é relatado que os ímpios irão questionar porque serão destruídos.

Os habitantes de Sodoma e Gomorra não irão questionar, os que foram destruídos no dilúvio não irão questionar, mas os cristãos que viviam de aparência, esses, sim, vão questionar e dizer: “Mas eu fiz tanto, contribuí tanto, guardei tanto...” e Jesus dirá: “É verdade” você tinha a aparência, mas não a essência, e Eu não estava olhando para o “quanto” e sim para o “como” você vivia a vida cristã.

Você não acha que podemos terminar esse primeiro passo da nossa caminhada com um pedido a Deus? Escreva nas linhas abaixo um pedido de perdão ao Senhor por viver uma vida mais preocupada com a aparência do que com a essência do cristianismo.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



Acesse o QR Code e veja o que significa uma submissão completa.

#### Referências

- <sup>1</sup> W. Hendriksen, *Comentario al Nuevo Testamento: El Evangelio Según San Marcos* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1987), p. 509.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017), p. 292.

## 2 • DE ONDE VEM A ESSÊNCIA?



*“Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo,  
tanto nos que são salvos como nos que se perdem.”*

*Apóstolo Paulo*

*“A pregação de que este mundo mais precisa são os sermões  
em sapatos que estão andando com Jesus Cristo.”*

*Dwight L. Moody*

Certo dia fui a uma loja de perfumes que tinha um conceito completamente novo de vendas. Era chamada de self-service dos perfumes. Eles vendiam essências de todas as partes do mundo e você “criava” seu próprio perfume. Primeiro, escolhi a essência entre centenas de aromas diferentes, depois decidi quantos mililitros de perfume iria comprar. Havia centenas de frascos nos mais variados formatos para escolher. Não era uma escolha fácil, os vidros eram belíssimos e os aromas muito convidativos. Finalmente, decidi por um frasco, uma quantidade e uma essência em especial.

No entanto, em minha opinião, a parte mais interessante era observar o vendedor fazendo, em tempo real, a composição de meu perfume. Ele pegou o recipiente e a essência que eu havia escolhido, encheu-o quase até a borda com água, álcool e um tipo de óleo fixador. Em seguida, colocou algumas gotas da essência escolhida, agitou o líquido um pouco e me entregou o frasco com meu novo perfume. Naquele momento, eu me senti enganado. Senti que estava comprando água e álcool e não perfume. Eu queria a essência e não a água. E, em tom de brincadeira, expressei minha indignação a ele dizendo: “Amigo, eu vim comprar perfume e não água. Você colocou apenas algumas gotas de essência no vidro. Eu quero mais essência.” Ele sorriu e disse que essa é a composição de todos os perfumes do mundo, óleo, álcool, água, fixador e algumas gotas de essência.

Eu saí daquela loja refletindo no ocorrido e fazendo algumas comparações com a vida cristã. Queremos ter a essência de um cristão, mas devemos reconhecer que somos apenas como um “bonito” frasco cheio de água, álcool e fixador. Não exalamos o bom perfume de Cristo naturalmente, pois não produzimos a essência do cristianismo por nós mesmos. Devemos chegar a essa conclusão o mais rapidamente possível, para que consigamos avançar na vida cristã. Queremos ser cristãos em essência, mas, muitas vezes, nossas obras são provas de que não temos a essência, apenas a aparência de um cristão.

Paulo afirmou em Romanos 3:23 que “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. O verbo “destituir” significa ser afastado ou privado de alguma coisa. O ser humano vivia permanentemente na presença de Deus. A santidade era o perfume que ele exalava a cada instante. Em todo o Universo havia perfeição e paz, e o homem refletia a imagem e semelhança de Deus (ver Gn 1:26). Após o pecado, perdemos esse contato pessoal com o sagrado e fomos afastados da glória e do caráter de Deus. Podemos dizer que perdemos a essência com a qual fomos criados. Já não era natural para o ser humano ter o “aroma” da santidade de Deus.

É aí que entra o milagre da comunhão diária com Cristo. Ele é a própria essência do cristianismo. E, diariamente, quando vamos à Sua presença, Ele “pinga” algumas gotas de Sua essência em nossa vida e saímos a compartilhar o bom perfume de Cristo com todos com quem entramos em contato. Jesus ensinou isso em um belíssimo sermão que está registrado em meu capítulo preferido da Bíblia: capítulo 15 do evangelho de João. Ele disse: “Eu sou a videira, vocês são os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15:5). Esse texto é extremamente simples e objetivo. Jesus está ensinando que somos apenas o galho e que dependemos todo o tempo da seiva recebida da planta. Longe da planta e sem a seiva somos apenas um galho murcho e sem vida. Essa é a base do verdadeiro cristianismo: estar ligado a Cristo e receber continuamente Sua essência.

Quando pensamos na viúva (ver Mc 12:41-44), podemos nos perguntar: Como alguém é capaz de entregar tudo o que tem por uma causa? Como alguém é capaz de colocar sua própria manutenção em risco? A melhor resposta é: ninguém é capaz de fazer isso. Ninguém! Sozinhos não podemos ser altruístas, verdadeiros e puros. Ser um cristão autêntico é completamente impossível ao ser humano. Mas isso é possível se, a cada dia, a essência maravilhosa

de Cristo for derramada em nossa vida. Assim podemos ser e agir como um reflexo da vontade e das ações de Cristo. Podemos exalar o bom perfume de Cristo. Você entende? O bom perfume Dele e não o nosso, pois não temos o perfume, apenas água e álcool.

É nesse ponto que muitos cristãos se atrapalham. Eles começam a vida cristã com grandes sonhos de viver uma vida de santidade, pureza, entrega e poder. E, ao longo da caminhada, percebem que há um abismo entre o que pretendiam ser, quando se tornaram cristãos, e o que são na prática, no dia a dia. Nessa situação, nossas perguntas geralmente são: “O que posso fazer para ser um cristão verdadeiro?”, “Como faço para deixar de ter uma vida cristã hipócrita?” Mas as perguntas estão equivocadas. Não podemos fazer nada, pois estamos destituídos da essência. Precisamos permitir que Cristo atue em nós. Que Ele derrame em nós Sua essência e nos permita compartilhar Seu perfume. As perguntas corretas seriam: “O que Cristo pode fazer em mim?” ou “Como posso permitir que o agir de Cristo em mim me torne um cristão genuíno?”

Veja essa citação do livro *Caminho a Cristo*:

Você sente que o pecado separou você de Deus, e que está cativo do poder do mal. Quanto mais luta para escapar, mais percebe sua incapacidade de vencer. Seus motivos são impuros; seu coração, também. Você vê que sua vida está repleta de egoísmo e pecado. Você quer ser perdoado, purificado, libertado. Como, então, obter harmonia com Deus e semelhança com Ele?<sup>1</sup>

Você já se sentiu assim? Já ouviu algum cristão expressar sentimentos de frustração com palavras semelhantes a essas? Como você o aconselharia? O que responderia? Como alcançar essa almejada vida em harmonia e semelhança com Deus, uma vida de essência e não de aparência? Alguns responderiam: “você deve se esforçar mais”, “deve fazer sua parte”, “deve tentar novamente viver uma vida cristã vitoriosa”.

A continuidade da citação do livro *Caminho a Cristo* responde com as seguintes palavras:

Paz é o que você precisa – o perdão, a paz e o amor do Céu no coração. O dinheiro não pode comprá-la, a inteligência e a sabedoria não conseguem alcançá-la. Pelos próprios esforços você não

pode esperar obtê-la. Mas Deus a oferece como um presente, “sem dinheiro e sem preço” (Is 55:1, ARA). É sua a decisão de estender a mão e recebê-la. O Senhor diz: [...] “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo (Ez 36:26, ARA).”<sup>2</sup>

Aleluia!

Deus está nos dizendo hoje: você não tem, mas Eu tenho; você não é, mas Eu Sou; você não pode, mas eu posso dar-lhe a essência e posso tornar você um cristão autêntico. Precisamos da paz, da segurança e da certeza de que somos amados e aceitos em Cristo. Ele tem o que nos falta, e por Seu amor e graça pode nos tornar aquilo para o qual fomos criados e chamados para ser.

Agora a história da viúva começa a ter sentido. Ela não era uma espécie de supercristã; não pertencia a uma casta mais elevada; não era feita de outro material. Ela apenas permitiu que Deus agisse em sua vida e assim Deus o fez. Sabe qual é a grande notícia de hoje? O Deus da viúva é o seu Deus. O poder que transformou a vida daquela pobre mulher está disponível para transformar a sua e a minha vida. Quando, por meio da comunhão diária, permitimos que a seiva maravilhosa de Cristo alimente nossa vida, faremos coisas extraordinárias das quais nunca imaginávamos ser capazes. E quando alguém nos perguntar como fomos capazes de fazer uma coisa tão grandiosa por Cristo e por Sua causa, nossa resposta natural será: “Já não vivo eu, mas Cristo vive em mim!” (Gl 2:20).

Deus seja louvado, pois ao longo do tempo, cristãos conhecidos e desconhecidos têm ido à presença de Deus de maneira tão intensa e têm dedicado o melhor de suas vidas à causa do Senhor.

Em 3 de outubro de 1895, um grupo de missionários desembarcou na colônia Britânica, chamada de Costa do Ouro, hoje conhecida como Gana no continente Africano. Eles vieram como resposta a uma série de solicitações feitas por cartas enviadas à Associação Geral por parte de um adventista africano chamado Francis Dophijn. Ele estava liderando um grupo de crentes na região, mas necessitava de auxílio.

Quatro missionários atenderam à solicitação de Dophijn. O líder era um homem chamado Dudley Hale, acompanhado por um colportor chamado G. P. Riggs e um casal de enfermeiros George e Eva Kerr. O casal Kerr veio acompanhado dos seus dois filhos. Naquele momento, o continente africano estava sendo severamente atacado por diversas doenças como difteria, febre da água

negra e uma severa complicação da malária. No período de dois anos, todos, com exceção de Dudley Hale, morreram dessas doenças. Ele foi forçado a ir para a Inglaterra, em 1897, para se tratar de uma severa malária. Assim que melhorou, foi enviado como missionário ao Caribe, mas como sentia que seu trabalho na África estava inacabado, ele pediu para retornar, em 1903, para o mesmo lugar em que seus amigos haviam morrido. Até o final de sua vida, ele deu continuidade ao trabalho iniciado por seus amigos.<sup>3</sup>

O que faz alguém se doar assim por uma causa? O que levou uma viúva pobre a entregar tudo o que possuía? É a essência de Cristo na vida. Só isso é capaz de nos levar a fazer uma entrega nesse nível.

Hoje eu gostaria de convidá-lo a escolher alguns horários ao longo do dia para que você vá à presença de Deus reconhecendo que precisa que Ele derrame a essência do verdadeiro cristianismo em sua vida, a fim de que você seja capaz de viver de modo tão altruísta como os missionários. Esses horários serão seus momentos de devoção pessoal. Sugestão: escolha três momentos, no começo, no meio e ao fim do dia. Talvez, nos primeiros dias, você precise da ajuda de um despertador. Pare todas as atividades e priorize esses momentos para desfrutá-los na presença de Deus. Ao escrever os horários abaixo, faça uma oração e peça a Deus que o ajude a cumprir o compromisso estabelecido. Que Deus o abençoe nessa caminhada!

Horário: \_\_\_\_ : \_\_\_\_

Horário: \_\_\_\_ : \_\_\_\_

Horário: \_\_\_\_ : \_\_\_\_



Acesse o QR Code e veja o que uma vida de essência é capaz de fazer pela causa do Mestre.

## Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), p. 44, 45 [49].

<sup>2</sup> White, *Caminho a Cristo*, p. 45 [49].

<sup>3</sup> D. J. B. Trim, *A Living Sacrifice: Unsung Heroes of Adventist Missions* (Nampa, ID: Pacific Press, 2019), p. 31.

## 3 • COMO X QUANTO



*“Deve-se fazer com que todo interesse terreno se subordine à grande obra da redenção.”*

*Ellen G. White*

*“Não é tolo aquele que dá o que não pode manter, para ganhar o que não pode perder.”*

*Jim Elliot, missionário e mártir*

J á descobrimos algumas verdades nos dois primeiros capítulos. Elas nos ajudarão a colocar mais um tijolo na construção do nosso conhecimento de como ter uma vida cristã vitoriosa. Descobrimos que o grande interesse de Deus não é me fazer parecer um cristão e sim me tornar um cristão de fato e de verdade. Também aprendemos que sem Cristo não conseguimos ter um cristianismo genuíno. Agora estamos prontos para pensar no ponto seguinte da história da viúva: se Jesus olhava o como e não o quanto, isso quer dizer que o interesse de Deus não é no que eu tenho e sim no que eu faço com o que tenho.

Se o interesse de Deus fosse apenas no que temos, a história da viúva provavelmente não estaria registrada na Bíblia, pois sua oferta era insignificante em valores monetários. A história dela nos mostra que o que realmente chamou a atenção de Cristo foi o que ela fez com o que tinha. Essa é uma descoberta extraordinária, neste mundo em que somos medidos, avaliados e valorizados pelo que temos. Deus nos apresenta uma história em que alguém foi valorizado e percebido não pelo que possuía e sim pelo seu modo de agir com o que possuía.

Esse é um dos pontos centrais da história. O importante não era quanto a viúva possuía, mas como usava o que possuía. O olhar de Jesus estava sobre a atitude e não sobre o valor monetário que a oferta representava. Sendo assim, precisamos entender que, na perspectiva do Céu, todos temos alguma

coisa significativa que pode fazer uma enorme diferença no reino de Deus. A pergunta a ser respondida hoje é: O que estamos fazendo com o que temos? Diante da história da viúva, você não pode responder: “Tenho pouco, não vai fazer diferença, minha entrega não vai mudar nada.”

Em um aspecto bem prático, precisamos entender que o interesse de Deus não é saber qual é a marca do nosso carro; o interesse Dele é saber a quem damos carona. Ele nunca irá perguntar quanto gastamos por mês com as compras do supermercado, e sim com quem dividimos a comida. Ele nunca irá perguntar quantos metros quadrados tem nossa casa e sim a quem hospedamos. Isso precisa ficar bem claro em nossa mente: não é o que tenho que importa e sim o que faço com o que tenho.

Lembra-se da história da rainha Ester? Em certo momento da história, o povo de Deus estava prestes a ser destruído. Um decreto havia determinado o completo extermínio do povo judeu. Mordecai, pai adotivo de Ester, ao ler o decreto resolveu pedir que a rainha agisse em favor do povo e da causa de Deus. Em resposta ao pedido dele, Ester respondeu que não seria possível ajudar, pois, para fazê-lo, ela teria que ir falar com o rei mesmo sem ser convidada por ele, e essa atitude, naquele reino, poderia levá-la à morte. Mordecai decidiu tentar novamente usando um forte argumento: “Quem sabe se não foi para conjuntura como esta que você foi elevada à condição de rainha?” (Et 4:14).

Você entende em que consiste o argumento de Mordecai? O argumento era o seguinte: Ester, não pense que Deus lhe deu o reino apenas para que você tenha roupas de rainha, status de rainha ou penteado de rainha. Deus lhe deu tudo isso para que pudesse ser usado na causa Dele onde e quando fosse necessário, e esse é o momento que Deus e seu povo esperam que você use o que tem para uma causa nobre.

Esse é o momento, amigos, momento de percebermos o propósito para o qual Deus nos deu o que temos. A história de Ester pode ser considerada uma miniatura do encerramento do grande conflito que nos aguarda. Decreto, perseguição, união dos poderes terrestres e, principalmente, um grandioso livramento estão presentes na história dela e na história do desfecho da luta entre o bem e o mal.

Precisamos entender o que Ester e Mordecai entenderam. Quanto mais decisivo e profético for o momento, mais precisamos servir à causa de Deus com altruísmo e fidelidade. Observe a seguinte citação do livro *Conselhos Sobre Mordomia*: “Se apenas reconhecessem quão perto está o fim de todo o trabalho em prol da salvação de pessoas, sacrificariam suas posses com a mesma

prontidão com que o fizeram os membros da igreja apostólica. Trabalhariam para o avanço da causa de Deus com a mesma empolgação com que os mundanos trabalham para adquirir riquezas.”<sup>1</sup>

Precisamos compreender o tempo profético em que estamos vivendo. Isso será determinante para o tipo de entrega que faremos à causa de Deus. Imagino que Deus já impressionou você em algum momento a se envolver mais com a causa da cruz e a se doar mais por ela. Hoje, por meio da leitura desse capítulo, Ele está nos enviando mais um lembrete.

Certo dia, um homem chamado Willian Carey começou a sentir um forte desejo de servir como missionário em terras estrangeiras. No entanto, ele era um simples sapateiro. Seu desejo era tão intenso que ele resolveu pendurar em sua sapataria um mapa-múndi e marcou o lugar em que ele desejava servir à causa de Deus. Ele era movido por um desejo tão intenso de servir à causa que isso se tornou o principal tema de suas conversas, para incômodo de algumas pessoas mais próximas. Até que um dia, um de seus amigos já sem aguentar toda aquela conversa de missionário disse: “Carey, deixe toda essa conversa de ser missionário. Você é apenas um sapateiro, e esse é seu trabalho.” Carey respondeu: “Eu sou sapateiro apenas para pagar as despesas, mas meu trabalho de verdade é servir à causa de Deus.”

Imagine se hoje tivéssemos na igreja mais professores, pedreiros, psicólogos, empresários, autônomos, agricultores, etc. que dissessem: Eu sou professor, pedreiro, psicólogo, empresário, autônomo, agricultor apenas para pagar as despesas, mas meu trabalho de verdade é servir à causa de Deus. Precisamos reconhecer que nosso envolvimento na causa de Deus revela se realmente nos interessamos por ela. Precisamos agir e não apenas defender pontos de vista sobre a verdadeira entrega e fidelidade a Deus.

Certo dia, Jesus contou uma parábola que aborda esse tema. Essa história está registrada em Mateus 25. Para compreensão dessa parábola é importante lembrar que o contexto do capítulo é o sermão profético de Cristo. Ele estava ensinando sobre que tipo de atitude devemos ter diante do tempo do fim. Falou de um homem que deu uma soma de recursos a três de seus servos. Um recebeu cinco talentos, outro recebeu dois talentos e outro recebeu um talento (ver Mt 25:14, 15). Depois de um tempo, esse senhor retornou e pediu contas a cada um deles do que haviam feito com o que tinham recebido.

O primeiro servo e o segundo foram capazes de dobrar o que haviam recebido e, diante dessa atitude, ouviram o senhor dizer: “Muito bem, servo bom e fiel;

você foi fiel no pouco, sobre o muito o colocarei; venha participar da alegria do seu senhor” (Mt 25:21). O servo que havia recebido um talento foi devolver o talento recebido e ouviu a seguinte repreensão: “Servo mau e preguiçoso” (Mt 25:24). Por que esse servo foi repreendido? Ele não roubou o que recebeu, ele não estragou o que recebeu, ele devolveu o que recebeu da mesma forma que havia recebido. A grande questão é: ele decidiu não fazer nada com o que havia recebido.

Esse é o perigo que corremos no tempo do fim, decidir não fazer nada com o que temos. Podemos agir assim por diversos motivos: negligência, falta de tempo, achar que o que temos não fará diferença, etc. Mas precisamos entender que qualquer uma dessas atitudes provocará a mesma reação em nosso Senhor. Seremos chamados de servos maus e preguiçosos. Precisamos usar com fidelidade o que temos para a causa de Deus e receberemos a garantia de que a fidelidade no pouco leva à capacidade de gerir o muito que Deus tem preparado para nós na eternidade.

Certo dia, em Bombaim, uma importante cidade da Índia, houve uma conferência sobre a fome. Centenas de pessoas de todo o mundo foram para lá a fim de discutir como em quinze anos o mundo poderia produzir comida suficiente para todos os habitantes do planeta. Entre as pessoas convidadas a palestrar estava Madre Teresa de Calcutá.

Ao chegar no lugar das reuniões, ela encontrou na porta do evento um homem que estava morrendo de fome. Imediatamente, ela o levou para sua casa e cuidou dele até o último dia de vida. Em sua palestra, naquele dia, ela disse: “Vocês estavam a dois passos de um homem que estava morrendo de fome e discutem como em quinze anos acabar com a fome? Eu nunca penso que sou responsável por grandes multidões. Preocupo-me com cada pessoa; não posso amar de fato, senão uma pessoa por vez. Somente uma, uma, uma. Vocês podem começar assim... Eu comecei assim, recolhendo uma pessoa que estava morrendo na rua. Talvez, se não tivesse recolhido aquela única pessoa, não teria nunca recolhido outras 42 mil. Basta começar... uma, uma, uma.”<sup>2</sup>

Que tal começarmos? Uma atitude de entrega e fidelidade gera mais atitudes de entrega e fidelidade, pois fidelidade gera fidelidade. E essa atitude nos traz a capacidade de receber mais e mais aqui e na vida eterna. O princípio é o seguinte: se não sou capaz de honrar a Deus com o uso sábio de um tempo limitado de vinte e quatro horas que Ele me oferece a cada dia, como poderei cuidar da eternidade que me aguarda? Se não sou capaz de ser fiel a Deus com recursos financeiros limitados que tenho aqui, como serei capaz de honrá-Lo

em uma cidade em que as ruas serão de ouro e as paredes de pedras preciosas? Por isso, Ele afirma que minha maneira de usar o pouco aqui, me prepara para usar o muito que terei à disposição no Céu.

Hoje, nossa ação será escrever três pontos de nossa vida que precisamos dedicar à causa de Deus: Seja um dom que não está sendo usado; um recurso que deve ser devolvido ao Senhor; uma atitude de perdão que Deus tem convidado você a exercer. Eu não sei, mas se você orar nesse momento, Deus irá ajudá-lo a perceber o que você precisa entregar.

Senhor, por Tua graça eu decido entregar:

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_



Acesse o QR Code e veja a trágica consequência de não fazer uma entrega completa.

#### Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 30 [40, 41].
- <sup>2</sup> Roberta Bellinzaghi, *Cinco Minutos com Deus* (São Paulo: Paulinas, 2017), p. 60.

## 4 • OLHAR PADRÃO



*“Para Jesus, doar não é um assunto de foro íntimo.”*

*Richard Foster*

*“Santo é o que Deus é. Para ser santo, Ele não Se conforma a um padrão. Ele é o padrão.”*

*A. W. Tozer*

O templo de Jerusalém estava sempre repleto de pessoas, dezenas percorriam os pátios daquele recinto para adorar o Deus Criador do Universo. Antes de dirigir-se ao lugar em que eram oferecidos os sacrifícios, as pessoas paravam no pátio das mulheres para depositar suas ofertas em um dos treze gazofilácios disponíveis. Essa era uma ótima forma de chamar a atenção dos presentes para a generosidade das dádivas, pois o barulho das moedas caindo no cofre mostrava a quantidade oferecida e atraía olhares admirados ao generoso ofertante. E, além disso, ao lado de cada recipiente havia um sacerdote de plantão. O ofertante tinha que dizer a ele o valor da oferta para o controle financeiro do templo. Quem ficasse nas proximidades podia acompanhar o processo e até ouvir a quantidade de oferta entregue.<sup>1</sup>

A cultura dominante da época era de chamar atenção pelas vestes compridas, saudações nas praças, principais cadeiras nas sinagogas, os primeiros lugares nos banquetes e as longas orações públicas (ver Lc 20:46, 47). No entanto, quase ninguém naquele dia percebeu que o Criador do Universo, Aquele a quem eles iam adorar, estava no templo observando e avaliando os adoradores. O texto sagrado diz que “Jesus observava” (Mc 12:41). Aqueles que queriam atrair olhares de admiração para si não percebiam que o único olhar que realmente importava os observava atentamente.

Hoje, assim como naqueles dias, quando nosso interesse é atrair os olhares das pessoas, corremos o risco de não perceber o olhar de Cristo. Uma das grandes verdades da história da viúva é que o único olhar que realmente importa

é o de Cristo. Infelizmente somos tão dependentes de aprovação e elogios que chegamos à conclusão de que o olhar humano é o que interessa. Pensamos que a avaliação humana seja o critério que nos mede. Esse pensamento nos leva a uma atitude terrível de comparações e criação de padrões inatingíveis.

M. Craig Barnes, pastor norte-americano, conta que, certo dia, foi visitar uma mulher de sua igreja que havia tido um bebê. Encontrou-a chorando em seu leito na maternidade. Ao perguntar-lhe o que havia acontecido, ela respondeu que sua filhinha havia nascido com um dedo que virava ligeiramente para fora, e que, por conta disso, havia conseguido apenas um nove numa escala de um a dez no hospital. “Não sei o que mais me aborrece”, disse a mãe, entre lágrimas; “eles terem feito esse teste estúpido, ou meu bebê ter obtido apenas nove pontos”. O pastor Barnes saiu de lá pensando que era apenas o primeiro dia na vida daquela criança, e ela já tinha problemas por não conseguir uma pontuação alta o suficiente de acordo com o padrão de avaliação humana.<sup>2</sup>

Assim é o critério humano. Nós pontuamos, medimos e julgamos todos o tempo todo. Entretanto, a história da viúva nos mostra que Jesus estava observando tudo, e podemos ter a certeza de que Ele está a nos observar hoje também. Devemos ter a segurança de que o observador que realmente importa é Cristo, por três motivos:

*1 - Ele é o único Avaliador que nunca falha.*

Certo dia um jovem que possuía muitas riquezas se aproximou de Jesus e fez uma pergunta importante: “Mestre, que farei de bom para alcançar a vida eterna?” (Mt 19:16). Ele afirmou que obedecia a todos os mandamentos desde a mocidade (ver Mt 19:20). Provavelmente, qualquer outro observador diria: “Não precisa fazer mais nada, o que você já está fazendo é mais que suficiente. Fique tranquilo.” Mas Jesus, o único Avaliador que nunca falha, disse: “Uma coisa ainda falta a você: venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres” (Lc 18:22). O jovem tinha uma equivocada avaliação de si mesmo. Os que estavam à sua volta o avaliavam no mesmo nível. Mas a avaliação de Cristo era perfeita e verdadeira.

Em nenhum lugar na Bíblia a autoavaliação equivocada é tão clara quanto na visão que a igreja de Laodiceia tem de si mesma. De acordo com Apocalipse 3:17, essa igreja se via assim: “Sou rico, estou bem de vida e não preciso de nada.” Mas para essa igreja, Jesus Se apresenta como “A Testemunha fiel e verdadeira” (Ap 3:14). Qualquer testemunha pode se enganar ou mentir, mas

Cristo é a Testemunha que não comete equívocos nem mentiras. Todos poderiam olhar para a igreja de Laodiceia e concordar com a avaliação feita por ela mesma, mas Jesus afirma saber: “Mas você não sabe que é infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu” (Ap 3:17).

Precisamos ir a Cristo e ter a certeza de que Ele nos observa com um critério que não falha e não se engana. Ele sabe quem realmente somos e pode ajudar-nos, não a mudar o que aparentamos ser, mas o que realmente somos.

*2 – Seus critérios de avaliação são perfeitos e fundamentados no amor.*

O critério de avaliação de Cristo não segue os padrões exteriores, valorizados pelos seres humanos. Ele tem a capacidade de ver o que se passa no coração. Foi Jesus quem afirmou: “Vocês são os que se justificam diante dos homens, mas Deus conhece o coração de vocês; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus (Lc 16:15).

Certo dia Jesus estava sentado à beira de um poço, no território dos samaritanos. Era mais um dia escaldante no oriente, e Jesus estava sedento e faminto. Em uma situação assim, qualquer um de nós nos concentraríamos em nossas próprias necessidades, mas Jesus não agia assim.

Uma mulher se aproximou do poço e Jesus a observou. Um outro judeu chegaria à seguinte avaliação sobre ela:

*É mulher:*

Naquela época e cultura a mulher não passava de uma propriedade dos pais ou do marido.

*É samaritana:*

Não é digna da salvação nem mesmo de receber uma saudação.

*É pobre:*

Ela mesma e não uma serva buscou água no poço.

*É pecadora:*

Quem a conhecesse mais intimamente diria que ela não passava de uma pecadora desacreditada.

Entretanto, Jesus a notou. Talvez, depois de muito tempo, ela foi realmente notada por alguém. E o olhar de Cristo não deixou de ver seus erros, mas ofereceu esperança e salvação. Imagine Jesus sentado a seu lado olhando para você com amor sincero, um amor capaz de perdoar e lhe fazer superar os erros.

*3 – Ele é o único padrão a ser atingido. Por isso pode avaliar perfeitamente.*

Esse padrão é Cristo. Ele é o perfeito padrão de justiça, bondade, pureza e fidelidade. Quando nos vemos sob o padrão da nossa própria avaliação ou

da avaliação das pessoas, geralmente temos a tendência de baixar o padrão de pureza e santidade apresentado por Deus. Mas quando percebemos que é o olhar de Cristo que estabelece o padrão, começamos a perceber o que realmente é esperado de nós.

Martinho Lutero costumava expressar essa ideia com as seguintes palavras: “O homem precisa se desesperar consigo mesmo para estar preparado para receber a graça de Cristo.” Falamos da salvação, mas precisamos entender que o processo da salvação, além de livramento da condenação, envolve a transformação do caráter.

Em um de seus sermões, Leonard Ravenhill, pregador norte-americano, fez a seguinte indagação:

Se eu perguntar a você, nesta noite: Você está salvo?  
Você diz: ‘Sim, estou salvo.’  
Quando? Eu pergunto.  
“Oh, fulano de tal pregou, e eu fui batizado e...”  
Mas você está salvo? Do que você está salvo?  
Você está salvo da amargura?  
Você está salvo da luxúria?  
Você está salvo da trapaça?  
Você está salvo da mentira?  
Você está salvo dos maus costumes?  
Você está salvo da rebelião contra seus pais?  
Vamos lá, do que você está salvo?

Hoje precisamos responder ao olhar de Jesus do que estamos salvos.

Olhe para seus atos de bondade à luz da bondade de Cristo; olhe para sua fidelidade com os olhos da fidelidade de Cristo; olhe para sua honestidade aos olhos da honestidade de Cristo, porque em tudo isso Ele é o padrão.

Essa perspectiva não deve levá-lo ao desânimo, mas a Cristo, o único que é capaz de nos transformar e nos tornar semelhantes a Ele. Veja que promessa extraordinária o apóstolo Paulo nos apresenta: “E todos nós, com o rosto descoberto, contemplando a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na Sua própria imagem, como pelo Senhor, que é o Espírito” (2Co 3:18). Ele é o padrão a ser atingido, e por Sua graça, que opera em nós, poderemos viver uma vida de santidade e semelhança com Cristo.

Em 1518, a Igreja Católica abriu um processo de heresia contra Martinho Lutero. Todos sabiam que, em algum momento, ele seria levado diante dos cardeais e que seu destino poderia ser o mesmo de tantos outros que anteriormente foram considerados hereges. Conta-se que alguém lhe perguntou se ele estava com medo da inquisição e da ira dos cardeais e do Papa Leão X. Ao que Lutero respondeu: “Tenho mais medo do meu coração do que do Papa e de todos os cardeais. Tenho dentro de mim um grande Papa: o meu eu.”

Todos temos uma luta a travar para que possamos dizer “já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20). Você se lembra do compromisso que fizemos no primeiro dia de buscar a Deus três vezes por dia? A fidelidade a esse compromisso de comunhão nos levará à presença Daquele que nos avalia e nos transforma. Neste momento, escreva uma pequena oração pedindo que o olhar de Cristo lhe mostre quem você realmente é e o motive a buscá-Lo a cada dia para ser mais semelhante a Jesus.

Querido Jesus...

---



---



---



---



---



Accesse o QR Code e aprenda como fazer as melhores escolhas com Deus.

#### Referências

<sup>1</sup> A. E. Sanner, *Comentario Bíblico Beacon: Mateo hasta Lucas - Tomo 6* (Lenexa, KS: Casa Nazarena de Publicaciones, 2010), p. 384.

<sup>2</sup> M. Craig Barnes, *Quando Deus Abandona* (São Paulo: Diagrama e texto, 1998), p. 65.

# 5 • APRENDENDO A PEDALAR



*“A graça me trouxe a salvo até agora,  
e a graça me levará de volta ao lar.”*

*John Newton*

*“Não tente segurar a mão de Deus, deixe que Ele  
segure a sua. Deixe que Ele cuide do ‘segurar’  
enquanto você se concentra no ‘confiar’.”*

*H. William Webb-Peploe*

**E**u tenho dois irmãos e sou o filho do meio. Entre nós existe uma diferença de três anos, de forma que quando meu irmão mais novo nasceu eu tinha três anos e minha irmã tinha seis. Existe alguma vantagem nisso? Eu não sei bem, mas conheço uma desvantagem. Bicicletas! A bicicleta para uma criança de três anos não serve para uma de seis; a bicicleta para uma criança de seis anos não serve para uma de nove. Então, em minha casa a regra era a seguinte: se financeiramente não era possível comprar uma bicicleta para o tamanho e a idade de cada filho, então nenhum terá bicicleta. E assim passei minha feliz infância sem bicicleta.

Quando eu tinha uns sete anos, um amigo ganhou uma bicicleta de presente, e como éramos muito próximos, eu pensei: “Meus problemas acabaram! Agora eu aprendo a andar de bicicleta.” Não sei se você já tentou aprender a pedalar na bicicleta de um amigo. Se não, eu vou explicar como funciona. É mais ou menos assim: ele pedala, pedala, pedala e finalmente quando cansa e você quer pedalar um pouco, ele quer pedalar novamente. E quando você finalmente consegue usar a bicicleta, ele vai atrás dizendo:

– Tenha cuidado! Você vai cair e arranhar minha bicicleta. Você não consegue andar.

Como você ainda está aprendendo, inevitavelmente vai cair, e quando cai ele toma a bicicleta de sua mão para evitar arranhões e ainda dá uma bronca.

Essa é minha história com bicicletas, mas ela também representa bem a história de muitas pessoas com a vida cristã. Muitos iniciam a vida cristã com o desejo de obedecer igual ao desejo que eu tinha de aprender a pedalar. Aceitam o batismo para iniciar a aventura da vida cristã assim como eu inicie a aventura de subir na bicicleta pela primeira vez. Como são emocionantes as primeiras “pedaladas” na vida cristã, cheias de brilho e descobertas!

Inevitavelmente vêm as primeiras quedas na caminhada cristã, e, tragicamente, muitos imaginam um Deus que está dizendo:

- Você não consegue. Você caiu de novo. Você não acerta nada. Você disse que não iria cair e caiu novamente.

Por fim, com ira, diz:

- Me devolva a “bicicleta”, você nunca vai conseguir se equilibrar na vida cristã.

Como essa visão de Deus é trágica para a caminhada cristã. Ela não revela o verdadeiro caráter de Deus nem a realidade de Sua reação diante de nossas falhas. Somente uma visão correta de Deus pode nos fazer caminhar vitoriosos na vida cristã. Nossa fidelidade e obediência devem ser o resultado da aceitação do amor que Deus nos demonstra a cada dia.

Se quisermos viver a fidelidade bíblica, precisamos aceitar algumas verdades.

### **A fidelidade é uma resposta humana ao amor divino**

O apóstolo João nos diz: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1Jo 4:19). Em outras palavras, o que está sendo dito é: Eu não amo para então ser amado por Deus. Primeiro eu recebo o amor de Deus para então agir como alguém que O ama.

O livro *Caminho a Cristo* confirma isso com as seguintes palavras: “A obediência não é uma mera concordância externa, e sim uma consequência do amor.”<sup>1</sup>

O amor de Deus por nós jamais se baseia em nossa capacidade, nosso desempenho ou nossa obediência. Se fosse assim, o amor de Deus seria tão variável quanto variável é nosso desempenho. A Bíblia afirma que em Deus “não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tg 1:17). Essa sólida compreensão do amor de Deus por mim não é uma mera ideia inspiradora e doce.

Essa convicção invariavelmente irá determinar como eu reajo às injúrias, como trato os que me ferem, como cuido do meu corpo, como uso os recursos que me foram confiados, o que acesso, o que assisto, etc.

### **Quando caímos, Deus continua nos amando**

Quando pecamos e falhamos em atingir o padrão estabelecido por Deus, precisamos correr para os braços de amor de um Deus que continua nos amando. Nada pode nos prejudicar mais do que ter um conceito errado do amor de Deus por nós. O pregador inglês George Hume costumava dizer que os cristãos acham mais fácil crer que Deus existe do que crer que Ele os ama.

Lembra-se da ilustração da bicicleta? Eu louvo a Deus por ter aprendido a amar e confiar em um Deus que, quando estou “pedalando” na vida cristã, e por alguma circunstância caio, Se aproxima com amor, me levanta, me dá um forte abraço, enxuga minhas lágrimas, coloca-me novamente na bicicleta e diz: “Vamos tentar novamente? Estou aqui e vou ajudá-lo.” Você não imagina quantas vezes essa imagem mental me trouxe paz em momentos de quedas. Eu realmente visualizo essa cena e aceito que sou amado por Deus. Aceitar isso é simplesmente libertador.

Aprendi a sentir dor e vergonha por meus pecados, mas os sinto aos pés de Cristo e não longe Dele. Posso garantir que sempre que vou a Cristo para confessar meus pecados, sinto Seu toque de amor me perdoando e me fortalecendo para continuar a caminhada. Consigo claramente ouvir o “Eu também não te condeno” e o “Vai e não peques mais”, ambos embalados no amor celestial.

Quantas vezes já lemos a história do filho pródigo em Lucas 15 e não a compreendemos completamente. O filho pródigo decidiu voltar para casa depois de experimentar a lama do pecado. Em sua cabeça, ele treinou o discurso que proclamaria ao pai quando o reencontrasse. Esse discurso, na verdade, era uma proposta para poder ser aceito pelo pai. Ele diria: “Já não sou digno de ser chamado de seu filho; trate-me como um dos seus trabalhadores” (Lc 15:19). Na cabeça daquele filho, e na cabeça de muitos de nós, ao nos reaproximarmos de Deus após uma queda, devemos abrir mão da relação. A grande questão é que o pai queria recebê-lo novamente, exatamente para reestabelecer a relação. Por isso, o pai o abraçou, beijou e pôs o anel da família novamente no dedo dele (Lc 15:20, 22).

O filho até inicia o discurso ensaiado, mas se você notar no verso 21, ele nem consegue completar o discurso que se propôs a fazer diante do pai. Ele só

consegue dizer: Pai, pequei contra Deus e diante do senhor; já não sou digno de ser chamado de seu filho” (Lc 15:21). Antes de conseguir dizer “trate-me como um dos seus trabalhadores”, o pai o interrompe e o abraça.

Precisamos entender que esse discurso não funcionou com o pai do filho pródigo e não irá funcionar com nosso Pai celestial. Por isso, quando caio, aprendi a ir a um Pai semelhante ao pai do pródigo. Um Pai que não aceitará meu discurso de não ser filho ou para ser tratado como alguém inferior. Eu aprendi a aceitar o amor do Pai e a ter segurança nesse amor. Preciso confessar que estou derramando algumas lágrimas ao escrever essas palavras, pois percebo que muitos de meus irmãos pródigos ainda não descobriram o amor do Pai celestial.

### **Os que mais compreendem o amor divino são aqueles que vivem e compartilham a fidelidade**

Observe essa citação do livro *Caminho a Cristo*: “O coração que descansa de maneira plena em Deus será o mais empenhado no trabalho ativo por Ele.”<sup>2</sup>

Isso parece ser óbvio, mas muitas vezes nos atrapalhamos exatamente no óbvio. Descansar plenamente na segurança do amor de Deus está diretamente relacionado a desenvolver um trabalho ativo por Ele. Uma coisa é tentar obedecer para ser aceito, outra completamente diferente é obedecer porque já foi aceito. Uma coisa é ser fiel esperando a aprovação e as bênçãos de Deus, outra é ser fiel por já ter sido aprovado e já desfrutar de Suas bênçãos abundantes.

Desse modo, a vida de obediência e fidelidade deve ser uma resposta natural à compreensão do amor de Deus por nós. O amor de Deus irá transformar nossa natureza e seremos semelhantes a Cristo.

No 5º século, Agostinho expressou essa ideia com as seguintes palavras: “Em me amares, tornaste-me amável. Quem pode ser bom, se não pelo amor?” Só como resultado do amor de Deus em nós podemos ser bons, amáveis e fiéis.

Em uma citação inspirada, Ellen G. White afirma: “Os filhos de Deus nunca se esquecem de fazer o bem. [...] As boas obras são espontâneas para eles, pois Deus lhes transformou a natureza por Sua graça.”<sup>3</sup>

A verdadeira fidelidade bíblica é o resultado da compreensão do amor de Deus por mim e a resposta inevitável a esse amor. Quanto mais compreendemos o amor oferecido por nós, mais responderemos em atitudes de fidelidade e compromisso por Deus e Sua causa. A verdadeira obediência vem do coração transformado pela graça, não é fruto de fingimento ou esforço próprio, mas da ação de Deus em nós. Essa ação é resultado da atuação do Espírito Santo agindo em nós.

O rei Davi aprendeu a viver a fidelidade e a obediência como fruto do relacionamento de amor com Deus. Através dos salmos ele expressou isso com as seguintes palavras:

“No coração, ele tem a lei do seu Deus; os seus passos não vacilarão” (Sl 37:31).

“Agrada-me fazer a Tua vontade, ó Deus meu; a Tua lei está dentro do meu coração” (Sl 40:8).

Ter a lei no coração e agradar-se em fazer a vontade de Deus só é possível se aprendermos e experimentarmos a grandiosidade do amor e da misericórdia divina.

Obs.: Talvez você tenha ficado curioso. Depois de alguns anos e algumas quedas, finalmente aprendi a andar de bicicleta, mas ainda estou aprendendo a “pedalar” na vida cristã. A cada dia consigo sentir o amor do meu Pai celestial me ajudando na caminhada cristã.

Hoje quero convidá-lo a escrever uma oração de gratidão pela bondade e misericórdia que Deus lhe oferece a cada dia.

Senhor, muito obrigado...

---

---

---

---

---



Acesse o QR Code e assista ao vídeo “O poder que Deus tem”.  
Maravilhe-se em perceber como o amor de Deus nos leva a agir.

#### Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), p. 53 [60].

<sup>2</sup> White, *Caminho a Cristo*, p. 62 [71].

<sup>3</sup> Ellen G. White, *Minha Consagração Hoje* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), p. 193.

## 6 • MEU TUDO



*“Porque todos eles deram daquilo que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento.”*

*Marcos 12:44*

*“Se as insondáveis riquezas de Cristo não merecem que por elas soframos, é bom saber disso agora e parar de brincar de religião.”*

*A. W. Tozer*

*H*oje vamos retornar ao templo de Jerusalém e mais uma vez imaginar a cena vivida por aquela ilustre viúva. Jesus estava atentamente observando as pessoas que entregavam as ofertas e percebeu os ricos entregando grandes somas de dinheiro. O texto diz que Jesus fez um breve comentário sobre a oferta dos ricos. Ele disse que eles estavam dando “daquilo que lhes sobrava”. A palavra que Jesus usou para falar que os ricos doavam daquilo que lhes “sobrava” é a palavra grega *perisseuō*; ela ocorre no Novo Testamento 39 vezes e pode ter uma conotação positiva ou negativa.

No sentido positivo, ela é usada para dar a ideia de “plenitude”; e, no sentido negativo, ela é empregada para falar de “excesso”. No sentido positivo, por exemplo, ela é usada na história dos sete cestos de alimento que sobraram após a multiplicação dos pães (Mc 8:8); ou para falar da abundância e riqueza da graça de Deus que é suficiente para salvar judeus e gregos sem distinção (Rm 10:12). Já no sentido negativo, a palavra é aplicada para trazer a ideia de alguma coisa que é tão abundante que se torna supérflua, insignificante ou até mesmo perigosa. Por exemplo, em Lucas 12:15 essa palavra é usada para falar do perigo em confiar na abundância dos bens que se possui e, em Atos 26:11, para falar da excessiva fúria que Saulo usava para perseguir os cristãos.<sup>1</sup>

Evidentemente, ao mencionar essa palavra para falar das ofertas dos ricos no templo, Jesus está usando no sentido negativo. Isso fica claro porque Ele reprova a oferta dos ricos e parabeniza a oferta da viúva. A dádiva dos ricos era fruto da sobra, já a da viúva era o fruto de uma entrega completa. Esse contraste entre as duas ofertas também fica explícito pela palavra usada por Jesus para se referir a dádiva da viúva pobre. Jesus afirma que os ricos entregavam da sobra e ela entregava “tudo o que possuía, todo o seu sustento”.

A palavra usada para falar desse “tudo” da oferta dela é o termo grego *bios*, que ocorre 11 vezes no Novo Testamento e ajuda a compreendermos as nuances dessa história. É interessante notar que essa palavra também pode ser traduzida como “vida” – é dela que vem a palavra “biologia” em língua portuguesa, que significa “estudo da vida”. Com o tempo, a palavra *bios* assumiu um significado mais concreto de “bens materiais”, e é com esse sentido que ela foi usada na história da viúva (Mc 12). Outro exemplo do uso dessa palavra é na história do filho pródigo, quando é dito que ele gastou todos os seus bens com prostitutas (Lc 15:30).<sup>2</sup>

Veja que coisa espetacular: quando alguém lê em grego o relato da história da viúva ou do filho pródigo e se depara com a palavra *bios*, pode chegar à conclusão de que a viúva estava ofertando não apenas moedas, mas a vida, e que o filho pródigo desperdiçou não apenas a herança, mas sua vida, pois vida e riquezas estão unidas no significado da palavra *bios*.

Você compreende a profundidade dessa ideia? Quando alguém se afasta da casa do Pai, a grande tragédia não é que ele esteja desperdiçando as horas do sábado, ou o dinheiro dos dízimos e das ofertas, ou o uso dos dons. A verdadeira tragédia é que ele está desperdiçando a própria vida, e com ela todos os recursos que Deus outorgou. Por outro lado, quando alguém é fiel a Deus em relação ao tempo, corpo, aos recursos e talentos, será capaz de viver a vida com a abundância que Deus oferece.

Outra lição muito importante é compreender o tamanho da oferta da viúva. Jesus afirmou que ela entregou tudo. No entanto, será que esse “tudo” não significava tudo o que ela possuía ali naquele instante, pois em casa dispunha de muito mais? Na verdade, quando a Bíblia afirma que ela entregou tudo, também quer dizer que não lhe sobrou absolutamente nada. Naquela oferta, ela estava entregando seu futuro nas mãos do Deus, a quem ela fora adorar. Jesus não estava dizendo que ela havia entregado tudo o que dispunha na hora, Ele estava afirmando que ela estava entregando tudo o que possuía na vida. Jesus disse que ela era “pobre”. A palavra grega usada nesse

verso é *ptōchos*, que retrata alguém necessitado de esmolas para sobreviver. Provavelmente ela não tinha o dinheiro nem para a próxima refeição.<sup>3</sup>

Vamos ser sinceros? Isso não parece absurdo? Será que é isso que Deus realmente espera de nós, que entreguemos *absolutamente* tudo? A Bíblia pode nos ajudar a responder esses questionamentos com vários exemplos. Um dia Deus apareceu a Abraão e pediu que ele entregasse uma oferta. Deus não pediu os bens materiais de Abraão, nem seus servos. O pedido de Deus foi claro e específico, Ele disse: ofereça em sacrifício “seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama” (Gn 22:2). O que você acha que Deus realmente estava pedindo a Abraão? Estava pedindo tudo.

Certa vez, um jovem que possuía muitas riquezas foi falar com Jesus e perguntou o que fazer para ganhar a vida eterna. Ele recebeu a seguinte resposta: “Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro nos Céus; depois, venha e siga-Me” (Mt 19:21). O que Jesus estava pedindo para aquele jovem? Tudo. É interessante notar que quando o jovem “retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades” (Mt 19:22), Jesus não correu atrás dele e disse: “Volte, fique tranquilo! Eu estava falando por parábolas. Você só precisa entregar os dízimos e as ofertas e está tudo bem.” Não! O dinheiro havia se tornado um deus na vida daquele jovem e apenas uma entrega completa seria aceitável.

Se lermos a Bíblia honestamente, iremos chegar à conclusão de que Deus realmente quer tudo. Por esse motivo ele parabenizou a viúva – por entregar tudo. Ela é o padrão de entrega que Deus espera de cada um de nós.

Certo dia, uma mãe de cinco filhos, ao ouvir um sermão, decidiu entregar o que possuía como sacrifício pela causa de Deus. Ao voltar para casa, ela procurou entre seus pertences algo que pudesse entregar, mas percebeu que sua pobreza extrema não lhe permitia dispor de nada que fosse útil ou valioso. De súbito, ela observou seus cinco filhos, três meninas e dois meninos. Ela então foi a seu quarto e fez a seguinte oração: “Senhor, não possuo riquezas materiais que possam ser usadas para Tua causa, mas tenho cinco filhos e neste momento os dedico às missões. Usa-os como missionários.” Alguns anos depois, todos os seus filhos começaram a servir a causa de Deus como missionários.

Uma história como essa é emocionante, não é? É esse tipo de entrega completa que a história da viúva nos convida a fazer. Não é apenas uma questão de quanto você devolve de dízimos e ofertas, ou quantos sábados você guarda, ou que tipo de comida você come. É uma questão de entrega completa. Tudo o que temos e

somos precisa estar nas mãos do Senhor. Precisamos entender que Deus quer tudo, e que enquanto não entregarmos tudo, na verdade não estamos entregando nada.

O inimigo quer nos enganar nos fazendo pensar que a entrega de uma parte do que temos já é o suficiente. Às vezes, nós nos autoenganamos ao pensar que entregar apenas uma parte do que temos ou somos é o bastante. Quando eu era criança, nas salinhas da Escola Sabatina, nós cantávamos uma música sobre o sábado que dizia: “Um, dois, três, quatro, cinco, seis para nós, e o sétimo é para Cristo.” Eu cresci cantando essa música e pensando que Deus “cabia” apenas no sábado e os outros dias eram meus. O sábado era o dia do “não fazer” e os outros seis dias, como eram meus, eram os dias do “tudo pode”.

Não concordo com o conceito dessa música. Biblicamente, não deveríamos transmitir a ideia de que, em uma semana, Deus só quer um dia e os outros são completamente meus. Deus quer que eu aprenda a andar com Ele todos os dias, não apenas no sábado. Preciso buscar a Deus, desfrutar de Sua presença, fazer o culto pessoal e familiar no domingo, na segunda, terça, quarta, quinta, sexta e no sábado. O sábado é um dia exclusivo para estar na presença de Deus, mas não é o único dia para isso.

Certo dia, eu conversava com um amigo e experiente pastor sobre minha preocupação com a pequena quantidade de adoradores nos cultos de oração de quarta-feira. Ele me fez refletir com as seguintes palavras: “Minha grande preocupação não é com a igreja vazia nos cultos de quarta-feira, mas com a igreja cheia nos sábados pela manhã, mas cheia de pessoas vazias de Deus por terem passado a semana toda longe Dele.”

Por esse motivo, ao falar sobre a guarda do sábado e as reuniões solenes que aconteciam no tempo do profeta Isaías, Deus usa palavras duras como “não posso suportar”, “estou cansado”, “quando multiplicam as suas orações, não as ouço” (Is 1:13-15). Deus não está Se colocando contra o sábado. Na verdade, Ele está fazendo uma acusação a pessoas que iam ao templo no sábado com o coração cheio de iniquidade – pessoas que achavam que o sábado era um requisito a ser cumprido e não um dia a ser celebrado.

O verdadeiro sábado bíblico é uma celebração da presença de um Deus que está presente em todos os dias da semana. Deus quer você, não apenas o que você possui. Deus quer você, não apenas quatro horas por semana no sábado pela manhã. Só quando entregarmos tudo, completamente, seremos felizes de verdade.

A mesma coisa acontece em relação a nossos recursos financeiros. Deus quer tudo o que possuímos, o que entregamos na igreja através dos dízimos e das ofertas

é apenas uma declaração da compreensão de que tudo o que ficou em nossa mão ainda pertence a Deus. Estudaremos mais sobre isso no próximo capítulo.

Ellen White nos ajuda a compreender esse conceito:

A mesma prova dirigida a Mateus em sua riqueza tinha sido apresentada também a André e Pedro em sua pobreza; a mesma consagração foi feita por todos eles. No momento do êxito, quando as redes estavam cheias de peixe, e mais fortes eram os impulsos da vida que levavam antes, Jesus pediu aos discípulos junto ao mar que abandonassem tudo pela obra do evangelho. Assim cada pessoa é provada para se determinar a que se apegue mais: aos bens materiais ou à comunhão com Cristo.

Os princípios são sempre rigorosos. Ninguém pode ser bem-sucedido no serviço de Deus, a menos que nele ponha todo o coração e considere todas as coisas como perda por causa da suprema grandeza do conhecimento de Cristo.<sup>4</sup>

Esse é o momento de tomarmos uma decisão sobre o tipo de entrega que faremos a Deus. Nas linhas a seguir, escreva uma breve oração e fale a Deus sobre a entrega completa que você necessita fazer.

Senhor,

---

---



Acesse o QR Code e conheça a experiência de alguém que decidiu viver o princípio de entregar tudo a Deus, até mesmo no namoro.

## Referências

<sup>1</sup> Lothar Coenen e Colin Brown, *Dicionário Internacional de Teologia – Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2000), p. 1667, 1668.

<sup>2</sup> Coenen e Brown, *Dicionário Internacional de Teologia – Novo Testamento*, p. 2641, 2642.

<sup>3</sup> Coenen e Brown, *Dicionário Internacional de Teologia – Novo Testamento*, p. 1686, 1687.

<sup>4</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 210 [273].

# 7 • NÃO ME PARECE JUSTO!



*“Meu verdadeiro bem está em outro mundo,  
e meu único tesouro verdadeiro é Cristo.”*

*C. S. Lewis*

*“Quanto mais escravo de Cristo sou,  
tanto mais livre me sinto.”*

*Agostinho de Hipona*

**J** magino que um ponto ficou pendente no último capítulo. Vimos que, ao entregar as duas moedas, a viúva estava entregando tudo o que possuía, todo seu sustento. Isso não me parece justo. No caso da história da viúva, será que Jesus não poderia dizer: “Ela entregou tudo, mas não havia necessidade, metade já seria mais do que o suficiente”? No entanto, Jesus não a parabenizou por entregar a metade, mas por entregar tudo. A pergunta a ser respondida é: Por que Deus quer tudo?

Vimos, nos capítulos iniciais, que tudo está interligado com nossa vida espiritual. Qualquer coisa que não está nas mãos de Deus pode se tornar destrutiva. Os gregos e romanos conheciam bem essa realidade, pois para eles tudo poderia se tornar um deus. Por esse motivo, eles criaram Hefesto, o deus do trabalho; Mamom, o deus do dinheiro; Himeros, o deus do sexo; Afrodite, a deusa da beleza.

Quando alguma coisa não está completamente nas mãos de Deus, ela tem um grande potencial de se tornar um falso deus. Precisamos admitir que, como seres humanos, somos viciados em falsos deuses. Por exemplo: o trabalho é uma bênção, mas quando se torna a única e principal prioridade, ele se torna como o deus Hefesto em nossa vida. O sexo foi idealizado por Deus antes do pecado, mas quando deixamos de seguir o padrão estabelecido por Deus para nossa sexualidade, ele se torna um falso deus como Himeros. O cristianismo não tem nada contra a beleza, pois Deus é o “estilista” de toda a beleza que

existe no Universo, mas quando a busca pela beleza se torna a prioridade e o principal objetivo da vida, ela se torna como a falsa deusa Afrodite. Qualquer um desses falsos deuses pode destruir nossa vida espiritual.

Em Romanos 1:25 Paulo fala dessa tentativa humana de substituir a adoração do único e verdadeiro Deus pela adoração de criações e criaturas: “Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito para sempre. Amém!”

Paulo afirma que esse tipo de adoração está baseado em uma mentira que nunca fará o ser humano realmente feliz. Ele chama esse tipo de atitude de tolice (Rm 1:22). Entenda, é tolice querer encontrar a verdadeira felicidade em coisas e pessoas. É tolice querer a paz buscando a satisfação própria e os vícios, ou a felicidade verdadeira nos recursos financeiros, poder ou status social. Só em Deus somos plenamente felizes.

Infelizmente, na maioria das vezes, seguimos o caminho oposto à felicidade oferecida por Deus. Como disse C. S. Lewis: “A história humana é a longa e terrível história do homem tentando encontrar outro além de Deus para fazê-lo feliz.”

A Bíblia apresenta várias histórias que nos mostram como os falsos deuses são destrutivos. Se você quiser entender como o falso deus sexo é destrutivo, basta estudar a história de Sansão. Se quiser entender como o falso deus orgulho é destrutivo, leia a história de Salomão. Se quiser entender como o falso deus inveja é terrível, leia a história de Anás e Caifás.

A Bíblia também nos apresenta histórias extraordinárias de pessoas que, com a ajuda de Deus, venceram os falsos deuses. José venceu o deus do sexo, Zaqueu venceu o deus da ganância, Davi venceu o deus da vingança.

Minha mãe costumava dizer que existem duas maneiras de aprender na vida, uma é errando e a outra é vendo onde alguém errou e evitando aquele caminho. Temos diversos exemplos bíblicos de pessoas que sofreram com falsos deuses e outros que venceram os falsos deuses. Precisamos decidir que caminho iremos seguir e de que maneira iremos aprender.

Entregar-se aos falsos deuses pode até trazer prazeres momentâneos, mas somente a entrega completa ao Deus verdadeiro pode trazer felicidade. A grande questão é que o ser humano confunde prazer com felicidade. Pessoas estão buscando prazeres pensando que encontrarão felicidade, e isso é impossível. A felicidade é o que recebemos quando nos entregamos completamente a Deus. Já o prazer é o resultado momentâneo da interrupção do vazio.

Vamos entender melhor a ideia do prazer e da felicidade. Uma pessoa está se sentindo muito vazia e, ao procurar preencher esse vazio, ela busca prazer com um vício. Por um curto prazo, a sensação de vazio desaparece, e ela interpreta isso como felicidade, mas assim que o efeito do vício passa, ela volta a se sentir vazia. Então, ela busca o vício novamente para preencher o sentimento de vazio que voltou. Na verdade, o vazio nunca saiu de lá, apenas foi interrompido por alguns momentos. Por esse mesmo motivo as pessoas buscam a promiscuidade, as diversões, a gula e o consumismo, entre outros, e a cada nova busca por prazeres momentâneos, a insatisfação aumenta e a dose de prazer necessária para preencher fica maior, gerando um ciclo destrutivo.

Só Deus é capaz de preencher completamente esse vazio e proporcionar a felicidade e a paz que permanecem mesmo quando as dificuldades chegam. Só Deus é capaz de oferecer a paz que excede todo entendimento (Fp 4:7).

Certo dia, ouvi um amigo dizer que antes de conhecer a Cristo ele tinha pavor do nascer do Sol. Ele explicou que era nesse horário que ele retornava das baladas e se conscientizava do terrível vazio que o aguardava. No entanto, naquele dia, ao participar de um culto de madrugada, pela primeira vez ele não tinha medo do nascer do Sol, pois ao retornar para casa, a felicidade da presença de Cristo o preenchia completamente.

Vamos voltar à pergunta inicial: Por que Deus quer tudo? A resposta é: Porque essa é a única maneira possível da humanidade ser feliz. Precisamos entender que Deus não pede que entreguemos nada que iria realmente nos fazer feliz. Ele só pede que demos exatamente o que está impedindo nossa felicidade plena.

Veja que citação extraordinária do livro *Caminho a Cristo*:

O ser humano provoca os maiores males e a maior injustiça para consigo mesmo quando pensa e age contrariamente à vontade de Deus. Nenhuma felicidade verdadeira existe no caminho proibido por Aquele que sabe o que é melhor e quer o bem de Suas criaturas. O caminho da transgressão só leva à miséria e destruição.

É um erro pensar que Deus tem prazer no sofrimento de Seus filhos. Todo o Céu está interessado na felicidade do ser humano. Nosso Pai celestial não impede que qualquer de Suas criaturas experimente momentos de alegria. O que Deus pede é que sejam evitadas

as concessões que podem trazer sofrimento e decepções, e podem fechar a porta da felicidade e do Céu.<sup>1</sup>

Todo o Céu se interessa pela felicidade do ser humano. Já parou para pensar nisso?

Somente uma entrega completa forma um cristão completo. A melhor maneira de eliminar os falsos deuses é entregar-se completamente a Deus em cada aspecto da vida. A melhor maneira de matar o deus da vaidade é se vestindo de maneira modesta e não usando adornos (1Pe 3:1-5). A melhor maneira de matar o deus do egoísmo é compartilhando o que temos de maneira generosa (2Co 8:1-5).

Um dos falsos deuses mais destrutivos é o deus da ganância e da busca desenfreada por dinheiro. Por isso, Jesus afirmou: “Nenhum servo pode servir a dois senhores; porque irá odiar um e amar o outro ou irá se dedicar a um e desprezar o outro. Vocês não podem servir a Deus e à riqueza” (Lc 16:13). Algumas versões traduzem “Mamom” como “riqueza”, pois é isso o que ele representa.

O autor Richard Foster afirma: “Sem dúvida alguma, o dinheiro tem muitas características de divindade. Ele promete segurança, pode induzir à culpa, oferece liberdade, dá poder e parece ser onipresente. Mais sinistro do que tudo, porém, é o fato de reivindicar onipotência.”<sup>2</sup>

A fidelidade e a generosidade são a melhor maneira de matar o deus ganância. Por esse motivo, Deus não quer uma parte dos nossos recursos financeiros, Ele quer tudo. Você pode estar se perguntando: Pastor, mas a Bíblia não diz que Deus quer apenas o dízimo e as ofertas? A resposta é “não!”. Não existe um único verso em toda a Bíblia que diga que Deus quer apenas os dízimos e as ofertas. Deus sempre quis tudo. Os dízimos e as ofertas são apenas uma maneira de Deus nos ensinar que tudo pertence a Ele.

Quando alguém devolve 10%, está admitindo que os 100% pertencem a Deus e que aqueles 10% são apenas uma lembrança de que Ele é o dono de tudo. Se você aprendeu que ao receber 100, só precisa devolver 10 de dízimos e quem sabe 10 de ofertas e os 80 que restam lhe pertencem, preciso dizer que você aprendeu errado. Quando recebo 100, os 100 pertencem a Deus e Deus quer os 100. Quando levo à igreja os 10% de dízimos e as ofertas, preciso dizer: “Senhor, o que restou em minhas mãos ainda é Teu, como devo usá-lo? Em que devo investir?” Assim, os dízimos e as ofertas se tornam a linha de partida da fidelidade e não a linha de chegada.

É por falta dessa compreensão que muitos compram o que não precisam e gastam o que não podem. Quando compreendemos que tudo pertence a Deus, e o mais importante, quando vivemos essa realidade, nossa vida financeira irá glorificar a Deus e iremos encontrar o equilíbrio.

Nossa relação com os recursos financeiros muda completamente, pois deixam de ser os “meus” recursos e se tornam os recursos que Deus me confiou. A pergunta a ser feita não é: “Quanto de meu dinheiro devo dar a Deus?”, e sim: “Com quanto do dinheiro de Deus devo ficar?”<sup>3</sup>

Certo dia, o pregador John Wesley recebeu a notícia de que sua casa havia sido destruída pelo fogo. As pessoas esperavam ver preocupação e desespero em seu semblante, ao invés disso, ele respondeu calmamente: “Minha casa não queimou. A casa do Senhor queimou. Uma responsabilidade a menos para mim!”

É libertadora, e desafiante, a percepção de que tudo pertence a Deus e devo entregar tudo aos cuidados Dele. Já que tudo é Dele, devo confiar que Ele guiará cada aspecto de minha vida financeira, mesmo que cheguem momentos de escassez, desemprego ou diminuição de renda.

Nesse momento, quero convidá-lo a tomar a decisão de entregar tudo aos cuidados e à direção de Deus, sem reservas. Peça a Ele, em oração, que o ajude a matar os falsos deuses que estão controlando os vários aspectos de sua vida.



Após a oração, acesse o QR Code e fortaleça o aprendizado de hoje.

#### Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), p. 41, 42 [46].

<sup>2</sup> Richard Foster, *Dinheiro, Sexo e Poder. Um Chamado à Renovação Ética* (São Paulo, SP: Editora Mundo Cristão, 2005), p. 43.

<sup>3</sup> Foster, *Dinheiro, Sexo e Poder. Um Chamado à Renovação Ética*, p. 55.

## 8 • “TUDO ENTREGAREI”



*“Tudo, ó Cristo, a Ti entrego,  
Tudo, sim, por Ti darei!  
Resoluto, mas submisso,  
Sempre a Ti eu seguirei.”  
Judson Van D’Kenter*

*“O principal dentre os pecados  
mais graves dos santos é ouvir sem fazer.”  
Vance Harner*

A Bíblia está repleta de histórias de pessoas que decidiram entregar tudo. Por exemplo: o tudo da viúva eram duas moedas, e ela entregou. O tudo de Abraão era Isaque, e ele entregou. A lista segue com Enoque, José, Daniel, etc. E o principal exemplo bíblico de entrega é o próprio Deus; Seu tudo foi Jesus Cristo, a quem entregou por nós.

Também temos na Bíblia exemplos de pessoas que se negaram a entregar tudo, como Caim, Balaão, Sansão, etc. E o principal exemplo bíblico de alguém que se negou a uma entrega completa é Lúcifer.

Os exemplos são claros, e as consequências, também, tanto para a entrega total como para a entrega incompleta. Cada um deles compõe uma parte da história da redenção da humanidade. Seus exemplos são tão importantes que foram registrados no livro sagrado. O livro de Hebreus afirma que esses exemplos são como uma “grande nuvem de testemunhas”, que pode nos ajudar a conseguir o seguinte objetivo: livrar-nos “de todo peso e do pecado que tão firmemente se apega a nós” para corrermos, “com perseverança a carreira que nos está proposta” (Hb 12:1).

Um dos exemplos mais profundos de entrega completa foi registrado por Paulo na Segunda Epístola aos Coríntios. Ele tentava ajudar a igreja de Corinto

a ser generosa e a se libertar do egoísmo e da ganância. Paulo poderia ter usado elaborados argumentos teológicos, mas, ao invés disso, ele decidiu usar um exemplo de generosidade, pois generosidade gera generosidade.

Ele apresenta o exemplo dos crentes da Macedônia e como a entrega de recursos materiais que eles fizeram era um reflexo da entrega completa da vida, que já haviam feito a Deus. A Macedônia era uma região montanhosa ao norte da Grécia. A primeira menção bíblica sobre a Macedônia está em Atos 16, quando um homem aparece em uma visão a Paulo e lhe suplica, dizendo: “Passe à Macedônia e ajude-nos” (At 16:9).

Lucas dá um relato detalhado das jornadas de Paulo pela Macedônia (At 16:11–17:14). Paulo pregou em Filipos, a principal cidade macedônica. Nesta cidade, Paulo contribuiu para a primeira conversão da Europa, a de uma mulher chamada Lídia, que era uma vendedora de púrpura. Várias vezes, Paulo menciona o sacrifício que os cristãos da Macedônia suportaram para suprir as necessidades próprias e as dos outros (Rm 15; 2Co 8; Fp 4).

Os macedônios foram condenados ao ostracismo e perseguidos por acreditarem no Senhor Jesus. Muitos, em condições similares, operariam em um modo de autopreservação, mas não os macedônios. Eles estavam em profunda angústia, mas contribuíram para o alívio dos outros. Os cristãos da Macedônia, apesar de toda a prova, são descritos como tendo uma abundância de alegria em meio a tribulação, e essa alegria era vista em sua generosidade.

Pare um pouco a leitura deste livro e leia cinco versos bíblicos que relatam a incrível entrega dos macedônios, registrada em 2 Coríntios 8:1 a 5. É muito importante que você os leia para compreender os pontos que veremos a seguir.

Paulo ressalta o fato de que os macedônios não eram apenas pobres, porém extremamente pobres. Era maravilhoso para o apóstolo observar que pessoas tão pobres poderiam ser tão generosas. Como a generosidade poderia ser tão grande naquela condição de pobreza? Para Paulo isso era um milagre que ele só podia atribuir a Deus. O exemplo dos macedônios apresenta o seguinte desafio aos cristãos de outras partes e épocas: Até que ponto estamos dispostos a entregar tudo o que temos e somos ao Senhor e a Sua causa? Também nos leva a fazer as seguintes perguntas: Como eles se tornaram uma igreja tão generosa, que não precisavam de coerção para se entregar por completo? O que os fez rogar ao apóstolo que lhes fosse dado o privilégio de participar no ministério da generosidade? Qual era o segredo? Na verdade, não existe

segredo na causa de Deus, todos podemos viver uma vida de generosidade e vitória sobre o egoísmo.

No entanto, o texto bíblico nos apresenta dois aspectos que se destacam na disposição de ofertar com generosidade.

### **Eles tinham recebido a graça de Deus**

Por natureza, somos egocêntricos e não queremos doar generosamente. E mesmo quando o fazemos, podemos ser motivados por intenções egoístas. Para dar à causa de Deus livremente, temos de encontrar a graça divina em Jesus Cristo. Compreender Seu sacrifício na cruz por nós vai tocar as cordas invisíveis do coração, derretendo o egoísmo e o egocentrismo que residem lá. Somente quando vemos o Filho do Homem levantado por nós, somos atraídos para mais perto Dele. Quando olhamos para Seu sacrifício, nossos corações serão movidos a retribuir, e o amor desperta amor. Seu amor vai impulsionar-nos a dar.

### **Eles deram a si mesmos primeiro ao Senhor**

A razão pela qual muitas pessoas não doam generosamente é porque não têm realmente se entregado completamente ao Senhor. O segredo por trás da verdadeira doação se encontra na doação de nossa vida por completo a Ele. A razão pela qual os macedônios doaram, além das expectativas e além de sua capacidade tinha a ver com esse fator. Eles haviam se entregado ao Senhor. A verdade é que só podemos doar generosamente, sejamos ricos ou pobres, quando nos entregamos completamente ao Senhor!

Hoje temos que fazer uma séria reflexão e perceber qual é o nosso tudo que ainda não foi entregue a Deus. Para fazermos essa entrega completa, devemos sempre lembrar que Deus quer tudo. Temos a liberdade de entregar ou não entregar tudo, mas precisamos saber que qualquer uma das decisões trará consequências momentâneas e eternas.

Veja, a viúva tinha toda liberdade de guardar uma ou as duas moedas para si. O que ela possuía não era muito, mas a decisão de guardar ou entregar envolvia consequências. E ela tomou a decisão correta. Os macedônios tinham a liberdade de não serem generosos e apresentarem sua extrema pobreza como motivo da infidelidade. Mas decidiram pelo caminho da fidelidade apesar de sua pobreza.

Com frequência, nossa tragédia é que em algum aspecto de nossa vida decidimos não nos entregar completamente a Cristo. De um modo ou de outro

reservamos algo que ainda não está à completa disposição de Deus. Ainda não chegamos ao ponto de fazermos o sacrifício definitivo, a entrega completa.

C. S. Lewis expressou essa ideia com as seguintes palavras:

Cristo diz: Dê-me tudo. Eu não quero um tanto do seu tempo, tanto do seu dinheiro, tanto do seu trabalho. Quero você. Eu não vim para atormentar o seu ego natural, mas para matá-lo. Meias medidas não trazem nenhum bem. Eu não quero podar um galho aqui e outro ali, mas quero derrubar a árvore inteira. Entregue todo o seu ego natural, todos os desejos que você julga inocentes, bem como os que você julga iníquos – todo o seu ser. Eu lhe darei um novo eu. Na verdade, eu lhe darei o Meu próprio eu; a Minha vontade se tornará a sua vontade.<sup>1</sup>

Por isso Deus quer o seu tudo. Ele quer reconstruir completamente o seu eu e dar um novo significado a sua vida. Com certeza, você irá gostar do resultado. Uma das músicas mais conhecidas no mundo cristão é “Tudo Entregarei”. Ela já foi cantada por milhões de cristãos ao longo de gerações, mas costumo dizer que essa é uma das músicas que mais deveríamos pensar antes de cantar. Nunca deveríamos abrir a boca para dizer “Tudo entregarei, sim, tudo entregarei”, se essa não é realmente a decisão do nosso coração, se ainda não chegamos ao ponto da decisão de uma entrega completa.

O autor da letra dessa música é Judson W. Van DeVenter. Nascido em 1855, ele foi criado em um lar cristão. Aos 17 anos, aceitou Jesus como seu Salvador. Formou-se em Artes na Faculdade de Hillsdale, no estado de Michigan, e teve uma carreira acadêmica bem-sucedida em sua área. Viajou extensivamente, visitando várias galerias de arte por toda a Europa. Tinha um grande potencial como compositor e, como músico, tocava 13 instrumentos.

Ele conta como sua própria indecisão resultaria na escrita deste hino:

Por muitos anos estudei Arte. Minha vida inteira foi completamente dedicada a perseguir este objetivo, e a coisa mais distante da minha mente era entrar para o serviço cristão ativo. Meu sonho era me tornar um artista excepcional e famoso. Depois de me formar na faculdade, estudei desenho e pintura com um conhecido professor alemão. Foi durante este período em minha vida que senti o Espírito

de Deus me pedindo para desistir da carreira acadêmica e entrar no campo evangelístico, mas eu não queria ceder. Ainda tinha um desejo ardente de ser um grande artista. Essa batalha durou cinco anos. Finalmente chegou a hora em que não pude mais aguentar e eu entreguei o meu tudo – meu tempo e meus talentos. Foi então que um novo dia surgiu em minha vida. Escrevi o hino “Tudo Entregarei” em memória da época em que, após a longa luta, eu havia me rendido e dedicado minha vida ao serviço cristão ativo para o Senhor.<sup>2</sup>

Assim, em 1896, Van DeVenter tomou a decisão de abandonar tudo e se tornar um evangelista em tempo integral. Depois de sua entrega pessoal, trabalhou por anos nos Estados Unidos e na Inglaterra. Deus o usou poderosamente.

Você sabe qual é seu tudo que ainda não está completamente à disposição do Senhor? Hoje vamos conversar com Deus em oração e pedir que Ele nos deixe claro em quais pontos de nossa vida ainda precisamos fazer uma entrega completa. Liste a seguir alguns desses pontos que já estão claros para você e em seguida peça a ajuda de Deus para viver essa entrega completa.

Senhor, o meu tudo é: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

---



Acesse o QR Code e compreenda melhor o que significa a entrega de tudo o que temos a Deus.

### Referências

<sup>1</sup> C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017), p. 177, 178.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://musicaeadoracao.com.br/35700/historias-de-hinos-do-hinario-adventista-295/>. Acesso em: 24 de dezembro de 2020.

## 9 • USA-ME, SENHOR!



*“Que a vida e o caráter sejam o mais forte argumento em favor do cristianismo, pois por meio destes serão os homens impelidos a saber a vosso respeito que estivestes com Jesus e Dele aprendestes.”*

*Ellen G. White*

*“Testemunho não é sinônimo de autobiografia. Quando estamos realmente testemunhando, não falamos de nós mesmos, mas de Cristo.”*

*John Stott*

**E**m certa igreja, um homem chamado Carlos foi batizado. A decisão dele não era a mais simples ou fácil a ser tomada. Ele já era um homem experiente e toda sua vida adulta havia sido mergulhada em todos os tipos de vícios imagináveis. Certo dia, seu vizinho resolveu lhe oferecer estudos bíblicos, na esperança de que o poder do evangelho o libertasse daquela vida de vícios e autodestruição. Quanto poder há disponível no evangelho! O apóstolo Paulo afirma, no início da carta aos Romanos: “Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação” (Rm 1:16). O termo usado por Paulo para “poder” é a palavra grega *dynamis*. Essa é a expressão que dá origem à palavra dinamite em nosso idioma. O evangelho é como a “dinamite” de Deus para nos salvar.

Essa “dinamite” de poder e salvação alcançou Carlos. Ele foi liberto não apenas de um passado de pecado e condenação, mas também dos vícios que o dominavam no presente. Ele se entregou completamente a Jesus e foi tomado pelo desejo de testemunhar sobre sua nova história em Cristo. Sua vida era um testemunho poderoso do poder do evangelho. As pessoas simplesmente não acreditavam no que viam. Como alguém que vivia sujo, jogado nas calçadas

e alheio ao que acontecia na sociedade estava agora vestindo roupas limpas, andando de cabeça erguida e com um incrível sorriso nos lábios?

Geralmente, a maioria dos vícios não é solitária, e os amigos de Carlos, que por anos viviam como ele vivera, começaram a procurá-lo para saber o que havia acontecido. Havia uma explicação, e ele estava sempre disponível a compartilhá-la. Ele dizia: “Eu estava morto e revivi, estava perdido e fui achado.” Esses amigos de vício começaram a acompanhá-lo à igreja para assistir aos cultos e conhecer o caminho de liberdade experimentado por ele. Eu conheci Carlos em um desses cultos. Fui pregar na pequena igreja que ele frequentava e percebi que em um dos bancos estavam homens com uma clara aparência de embriaguez. Aquilo me chamou atenção imediatamente. Já encontrei algumas vezes uma ou outra pessoa embriagada no culto, mas nunca havia vistos tantos bêbados em um único culto.

Durante toda a programação, Carlos ficava sentado perto deles para tentar manter a ordem. Ao final do sermão, fui apresentado àquele homem extraordinário, que me contou sua história e a história de seus amigos. Conversei um pouco com eles e, em certo momento, perguntei o que estavam buscando ao ir para a igreja. Um deles, com os olhos cheios de lágrimas, disse: “Quero ser igual ao irmão Carlos.” E os outros concordaram com a cabeça.

É claro que eles queriam ser iguais ao Carlos. Eu também quero.

A grande verdade por trás da história daquele irmão é que é impossível esconder os resultados da vida de alguém que decidiu entregar-se completamente ao Senhor.

Neste capítulo, iremos refletir um pouco sobre como é a vida de quem decide entregar tudo ao Senhor. Para isso, mais uma vez, a história da viúva pobre nos ajudará.

O contexto literário da história da viúva nos ensinará uma grande lição. O contexto literário é o ambiente onde a história está inserida na Bíblia, ou seja, os versos que antecedem o texto lido. Talvez você não saiba, mas inicialmente a Bíblia não foi escrita em capítulos e versos. Marcos não se assentou para escrever o evangelho e disse: “Agora eu vou escrever o capítulo sete verso 12, depois o capítulo sete verso 13.” Não, os capítulos e versos foram inseridos posteriormente, quando os livros já estavam agrupados. Um dos objetivos dessa divisão é facilitar a leitura. Imagine encontrar um texto bíblico em meio a mais de 31 mil versos. Seria quase impossível. Por isso, para facilitar a localização e divisão dos temas, a Bíblia foi dividida em capítulos e versos.<sup>1</sup>

Para encontrar os versos, a divisão ajuda muito, mas para entender o contexto em que a história está inserida, nem sempre ajuda. Por isso, ao ler um texto bíblico, é muito importante ler o que vem antes e depois para entender o contexto literário em que a passagem está inserida.

Quando lemos o contexto da história da viúva em Marcos 12, percebemos que nos versos anteriores Jesus está tendo uma série de embates com os líderes religiosos da época, chamados de fariseus e saduceus. Em um desses conflitos, relatado em Marcos 12:28 a 34, um dos líderes religiosos se aproxima de Jesus e faz a seguinte pergunta: “Qual é o principal de todos os mandamentos?” (v. 28).

Ao que Jesus responde: “O principal é: ‘Escute, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e com toda a sua força.’ O segundo é: ‘Ame o seu próximo como você ama a si mesmo.’ Não há outro mandamento maior do que estes” (v. 29-31).

Em sua resposta, Jesus uniu dois textos do Pentateuco. A primeira parte foi tirada do famoso texto de Deuteronômio 6:4 e 5. Esse é um texto muito querido e conhecido pelos judeus. Era o conhecido *Shemá Israel* (“Ouve, ó Israel”). Essa é a mais forte declaração do monoteísmo judaico, pois o texto diz em seguida: “O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor!”

“Todo judeu devoto deveria recitar duas vezes por dia esses versos, afirmando a singularidade de Deus, frente à infinidade de deuses, e o amor que a Lhe era devido.”<sup>2</sup> Além disso, havia a *mezuzá*, que era “um pedaço de pergaminho colocado em uma caixa de metal ou madeira e fixado na parte superior dos umbrais da porta das casas judaicas. Nesse pergaminho estava a inscrição do ‘*Shemá*’ em sua forma mais longa, com os textos de Deuteronômio 6:4 a 9 e 11:13 a 21”.<sup>3</sup>

Em seguida, o texto apresenta a exigência divina da entrega completa. Deus exige amor e lealdade absolutos ao declarar: “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e com toda a sua força.”

Coração, alma, mente e força devem cooperar no amor a Deus. Na cultura judaica, o coração representa o centro da existência do ser humano, de onde vêm seus pensamentos, suas palavras e ações (Pv 4:23). A alma representa o centro da vida emocional. A mente representa a sede da vida intelectual, das disposições e atitudes, e a força representa a capacidade física e laboral do ser humano.

O ser humano deve amar a Deus por meio de todas as faculdades com as quais Deus o dotou. Entretanto, além da ordem de usar todas essas capacidades ao máximo, a repetição quádrupla “todo... toda... todo... toda”, nos ensina uma valiosa lição: o amor sincero de Deus não deve ser correspondido pela metade. O amor que Deus nos ofertou foi completo, grandioso e abrangente. Ele ama todo o mundo, e ao dar Seu filho Ele oferece o Seu todo. A entrega que Ele espera de nós deve ser completa. Note que o escriba só havia pedido um mandamento, mas Jesus apresenta dois, sendo o segundo: “Ame o seu próximo como você ama a si mesmo.” Nessa parte do texto, Jesus está citando Levítico 19:18.

Na perspectiva de Jesus, não é possível amar a Deus sem amar também o próximo. O amor a Deus deve levar ao amor ao próximo, e o amor ao próximo é uma evidência do amor a Deus. Sem dúvida, a passagem tem um acentuado destaque cristológico, pois Jesus é a melhor expressão desse amor a Deus, que se dá sem reservas até a morte, em obediência à vontade divina, pela salvação dos pecadores. Na perspectiva divina, amor sentido e amor posto em ação são dois aspectos inseparáveis do verdadeiro amor. Um não é aceitável nem possível sem o outro.<sup>4</sup>

Na resposta de Jesus, Ele fez uma ligação entre amar a Deus e amar ao próximo. Esse amor não deve ter apenas uma implicação emocional ou interior, mas também uma implicação prática, concreta e visível. Quem realmente ama a Deus manifesta esse amor nas ações dirigidas ao próximo.

Você pode se perguntar qual é a relação entre essa explicação de Jesus sobre a essência dos mandamentos e a história da viúva. Talvez você não tenha notado, mas na história da viúva, Jesus usa quatro vezes a palavra “todo”. Perceba os versos 43 e 44 do capítulo 12 de Marcos.

“E, chamando os Seus discípulos, Jesus disse: ‘Em verdade lhes digo que esta viúva pobre lançou na caixa de ofertas mais do que todos os ofertantes. Porque todos eles deram daquilo que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento.”<sup>5</sup>

Para mim, não existe coincidência na palavra de Deus, tudo foi perfeitamente planejado para nos ensinar uma grandiosa lição. Sabe qual é? A viúva era o exemplo prático do que Jesus havia ensinado ao escriba. A teoria se encontrava com a prática. A mais pobre dentre os pobres tornou o templo rico

com seu exemplo. Todos conheciam aqueles dois textos do Pentateuco. Como vimos, eles tinham que recitar duas vezes por dia, além de sua lembrança que era acionada toda vez que passavam pela porta da casa. No entanto, o que muitos só conheciam por teoria, aquela pobre viúva demonstrou na prática.

Os ricos até estavam doando grandes somas de dinheiro naquele dia, mas não era uma expressão dos quatro “todos” da lei: todo coração, toda alma, todo entendimento e toda força. O muito que eles doavam era tirado das sobras. Já o pouco que a viúva doava era tirado de tudo o que ela possuía. Eles apenas recitavam de cor o *Shemá Israel*, ela o vivia na prática.

Uma vida que se entrega completamente a Deus é uma força poderosa de atração a Cristo. Foi por isso que Paulo afirmou tantas vezes: “Sejam meus imitadores” (1Co 4:16; 11:1; Fp 3:17; 1Ts 1:6). Por isso, a história do meu amigo Carlos é tão atrativa, por isso o exemplo da viúva é tão atual.

Precisamos tomar uma decisão. Vamos pedir ao Senhor que nossa vida seja um testemunho vivo de uma entrega completa. Que as pessoas vejam em nós, não a teoria da verdade, mas a verdade na prática. Escreva uma pequena oração fazendo esse pedido a Deus com suas palavras:

Senhor,

---



---



Acesse o QR Code e conheça a história de uma família que decidiu pôr em prática o princípio “Deus em primeiro lugar”.

### Referências

- <sup>1</sup> Para saber mais sobre a formação da Bíblia, leia o livro de Marcos Blanco, *Versiones de la Biblia: Pautas Para Evaluar las Diferentes Traducciones* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2019); e o livro de Bryan Ball, *Em Defesa da Bíblia: Por Que Podemos Confiar nas Escrituras* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020).
- <sup>2</sup> J. T. Poe, R. O. Zorzoli e L. M. Martínez, orgs., *Comentario Bíblico Mundo Hispano Tomo 15: Marcos* (El Paso, TX: Editorial Mundo Hispano, 2012), p. 181.
- <sup>3</sup> William Hendriksen, *Comentario al Nuevo Testamento: El Evangelio Según San Marcos* (Grand Rapids, MI: Libros Desafío, 1998), p. 496.
- <sup>4</sup> Poe, Zorzoli e Martínez, *Comentario Bíblico Mundo Hispano Tomo 15: Marcos*, p. 182.
- <sup>5</sup> Itálico acrescentado.

# 10 • “SIM, EU AMO A MENSAGEM DA CRUZ!”



*“Senhor Jesus, Você é minha justiça. Eu sou Seu pecador. Você tomou sobre Si mesmo o que é meu e Me deu o que é Seu.”*

*Martinho Lutero*

*“Junto a cruz de Cristo o orgulho é quebrado, a culpa retirada, o amor é acendido, a esperança é restaurada e o caráter é transformado.”*

*John Stott*

*H*á uma coisa que não está explícita na história da viúva e que me chama muito a atenção: Por que ela entregou tudo? Ela tinha todos os motivos para não fazer uma entrega tão valiosa. Quando entendemos o que significava ser uma mulher, pobre e viúva na sociedade do 1º século, compreendemos melhor o que significou a oferta dela. Vimos no capítulo 8 que a palavra usada por Jesus para retratar a pobreza dela era usada para descrever alguém que provavelmente necessitava de esmolas para sobreviver. Além disso, dizer que alguém era uma viúva pobre, naquele tempo, era quase um provérbio para fazer referência a alguém que vivia em extrema necessidade.<sup>1</sup>

Então, a pergunta permanece: Por que ela fez o que fez? Meu objetivo não é especular sobre os motivos que a levaram a fazer uma entrega tão extrema. Por isso, gostaria de apresentar uma citação inspirada do livro *Conselhos Sobre Mordomia*, que nos oferecerá uma resposta para essa pergunta.

Jesus estava no pátio onde se encontravam as caixas de oferta e observava os que iam ali depositar seus donativos. Muitos ricos levavam grandes somas de dinheiro, que apresentavam com grande ostentação. Jesus os contemplava tristemente, mas não fez

comentários sobre suas generosas ofertas. Em um momento, Sua fisionomia se iluminou ao ver uma pobre viúva se aproximar hesitante, com receio de ser observada. Enquanto os ricos e arrogantes se apressavam para entregar suas dádivas, ela se retraía, como se não se atrevesse a ir mais adiante. No entanto, desejava fazer algo, por menor que fosse, pela causa que amava.<sup>2</sup>

Você conseguiu identificar o motivo que a levou a fazer uma entrega daquela magnitude? Leia novamente a citação e observe as últimas palavras: “desejava fazer algo, por menor que fosse, *pela causa que amava*” (itálico acrescentado).

Há três lições muito profundas nessas palavras.

A primeira é que a viúva tinha a clara noção de que não estava entregando dinheiro para o templo, mas estava se envolvendo com uma causa. Precisamos entender isso urgentemente. Quando estamos dando estudos bíblicos, devolvendo os dízimos e as ofertas, aceitando uma função na igreja, estamos ajudando uma igreja, um pastor, uma comissão de igreja, ou estamos nos envolvendo com uma causa? Isso fará toda a diferença em nossas escolhas e respostas aos chamados divinos.

A segunda lição é entendermos que uma das coisas mais importantes da vida é ter uma causa nobre com a qual se envolver. A humanidade foi marcada e mudada por pessoas que tinham uma causa pela qual se doavam completamente. Pessoas deram a vida por descobertas científicas, posições políticas ou conquistas territoriais.

No entanto, nenhuma causa é tão grandiosa e nobre como a causa pela qual a viúva estava dando seu melhor. Vários personagens nas Escrituras aceitaram o chamado divino de se entregar completamente pela causa de Deus, mesmo colocando em risco a própria vida. No Antigo Testamento, temos o exemplo de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que colocaram a vida em risco pela obediência a Deus; Noé, que arriscou sua reputação pela construção da arca; Abraão, que arriscou a vida do seu filho. No Novo Testamento, temos outros exemplos, como Estêvão, que entregou sua vida pela causa; Mateus, que abriu mão de um próspero negócio para seguir Jesus; Áquila e Priscila, que arriscaram a própria cabeça pela causa de Deus (Rm 16:3-4).

Contudo, um dos textos bíblicos mais marcantes e que trata da decisão de se entregar pela causa de Deus é aquele que retrata a decisão do apóstolo

Paulo. Ele estava indo para Jerusalém e parou em Cesareia por alguns dias. Um profeta chamado Ágabo chegou ao local onde Paulo estava e apresentou uma profecia que trouxe muito pesar aos cristãos que estavam no local. A Bíblia conta: “Pegou o cinto de Paulo e, amarrando com ele os próprios pés e mãos, declarou: ‘Isto diz o Espírito Santo: É isto que os judeus em Jerusalém farão ao dono deste cinto para entregá-lo nas mãos dos gentios’” (At 21:11). Diante da clara visão do sofrimento que aguardava o amado apóstolo, a reação da igreja foi imediata: “Quando ouvimos estas palavras, tanto nós como os daquele lugar rogamos a Paulo que não fosse a Jerusalém” (At 21:12).

A resposta de Paulo também foi imediata: “O que estão fazendo, ao chorar assim e partir meu coração? Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus” (At 21:13). A reação da igreja foi: “Como Paulo não se deixou persuadir, conformados, dissemos: ‘Seja feita a vontade do Senhor!’” (At 21:14).

Como persuadir alguém que tem uma causa tão nobre em sua vida? Você já tem uma causa pela qual vale a pena dar a própria vida? O apóstolo Paulo, a rainha Ester, Estêvão e a viúva das duas moedinhas tinham.

A terceira lição é: ela entendia que aquelas duas moedas iriam para o templo, e que este representava uma causa grandiosa. Agora você deve se perguntar: Qual causa o templo representava? Que causa era essa que a levou a fazer um sacrifício tão grande? Para respondermos isso, precisamos entender o que significava o templo e os rituais que aconteciam nele.

Todo o ritual realizado no templo estava ligado à morte do cordeiro e ao que ela representava. Desde o primeiro cordeiro morto no Éden, cada sacrifício demonstrava que Deus não deixaria o pecador entregue à própria sorte. O plano original de Deus era que o ser humano desfrutasse livremente da comunhão com seu Criador, mas o pecado desfez o plano divino. Após a queda, a humanidade já não poderia ter acesso à presença de Deus. O casal foi expulso do jardim, e Deus, em Sua infinita misericórdia, apresentou um plano que tornaria possível que Ele habitasse novamente com o ser humano. Já que o ser humano tinha que sair do Éden, Deus decidiu sair com ele. Isso é grandioso!

Enquanto o povo de Deus era formado por famílias isoladas, Deus orientou a construção de um altar para os sacrifícios. Assim que o povo se tornou uma grande nação, Deus disse: “E farei para Mim um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles” (Êx 25:8). Por meio do santuário “Deus está tão

perto quanto Lhe permite a presença do pecado. Está no meio de Seu povo, pois Deus não pode suportar a separação dos que Lhe pertencem”.<sup>3</sup>

O santuário do deserto foi substituído pelo templo, construído por Salomão e, posteriormente, reformado por Herodes. Foi nesse templo que a viúva levou sua oferta. O objetivo de tudo o que acontecia no templo era expressar a graça e a misericórdia de Deus, oferecidas ao pecador arrependido. Servia como uma pregação do evangelho para o povo judeu. Essa compreensão deveria revolucionar a relação e a resposta do pecador para com o Deus misericordioso.

Agostinho de Hipona, ao descrever sua experiência após a compreensão da misericórdia de Deus, escreveu as seguintes palavras: “Tu me chamaste, gritaste por mim, e venceste minha surdez. Brillaste, e Teu esplendor pôs em fuga a minha cegueira. Exalaste Teu perfume, respirei-o, e agora suspiro por Ti. Eu Te saboreei, e agora sinto fome e sede. Tocaste-me, e o desejo de Tua paz me inflama.”<sup>4</sup>

Essa era a causa que a viúva tanto amava. Ela havia entendido o que o templo representava para a salvação, e esse entendimento a levou a amar e agir segundo esse amor. A entrega dela era o resultado inevitável de alguém que compreendia o sistema de sacrifícios.

O livro de Hebreus afirma que os sacrifícios oferecidos no santuário terrestre eram apenas uma figura do verdadeiro sacrifício (Hb 9:24). Agora pense, se a viúva, que via apenas por símbolos, foi capaz de fazer uma entrega tão completa, imagine o tipo de entrega que devemos fazer, já que temos a clara percepção do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1:29).

Ao compreendermos o que significa a cruz, devemos fazer uma entrega completa e profunda, à semelhança da entrega feita pelo conde Nikolaus Ludwig von Zinzendorf. O conde Zinzendorf nasceu numa família da alta sociedade em Dresden, Alemanha. Seu pai era secretário de estado e a família residia em um castelo. Aos 15 anos, ele seguiu para a Universidade de Wittenberg a fim de se preparar na faculdade de Direito para o serviço governamental, como era a praxe para rapazes da alta sociedade.

Ao término dos seus estudos, fez uma viagem pela Alemanha, Holanda, Bélgica e França (1719-1720). Em um museu, na cidade de Düsseldorf, ele viu a pintura “Ecce Homo”, de Domínico Feti (o quadro “Cristo coroado de espinhos” que atualmente está em Munique). Ele ficou impressionado com o retrato do Cristo sofredor. No entanto, o que realmente o comoveu foram as palavras

desafiadoras que estavam ao pé do quadro: “Tudo isto fiz por ti. O que fazes tu por Mim?”

Ao sair do museu, ele decidiu entregar-se completamente à causa de Deus. Juntamente com alguns amigos, iniciou um movimento chamado “A ordem do grão de mostarda”, que mais tarde contribuiu fortemente para o grande despertar missionário do século 19. Quando Zinzendorf era questionado sobre o real motivo para tão expressivo e sacrificial movimento missionário, ele respondia citando Isaías 53:11: “Estamos indo buscar para o Cordeiro o galardão do Seu sacrifício.”<sup>5</sup>

Eu costumo dizer que uma das músicas da minha vida é “Rude Cruz”. Eu gostaria que essa música fosse minha biografia. Ao final de minha vida, eu desejo poder cantar: “Sim, eu amo a mensagem da cruz; té morrer eu a vou proclamar.” Eu quero poder dizer que vivi por uma causa que vale a pena viver e morrer. Gostaria de convidá-lo a terminar este capítulo cantando essa música. Se não for possível erguer a voz nesse momento, cante mentalmente e peça a Deus que lhe conceda a bênção de amar, viver e entregar-se pela causa que lhe salvou.



Acesse o QR Code, assista ao vídeo e relembre que tipo de resposta devemos dar pelo que nos foi oferecido na cruz.

#### Referências

- <sup>1</sup> J. C. Ryle, *Meditaciones sobre los Evangelios: Lucas* (Moral de Calatrava, Espanha: Editorial Peregrino, 2002), v. 2, p. 390.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 119 [174].
- <sup>3</sup> M. L. Andreasen, *O Ritual do Santuário* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1983), p. 16.
- <sup>4</sup> Agostinho, *Confissões* (Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2005), p. 198.
- <sup>5</sup> Justo L. González, *História Ilustrada do Cristianismo, A Era dos Dogmas e das Dúvidas* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2011), v. 2. p. 341, 354.

# 11 • CONHECIMENTO QUE LEVA À AÇÃO



*“Parece uma contradição dizer que não há descanso para a alma, exceto o que se encontra em serviço contínuo e dedicado. Mas isto é verdade.”*

*Ellen G. White*

*“Milhões de cristãos professos falam como se Cristo fosse real, mas agem como se Ele não fosse.”*

*A. W. Foye*

**G**osto de imaginar alguém perguntando à viúva: Por que você fez isso? Como foi capaz de fazer um sacrifício tão grande? Também gosto de imaginá-la respondendo: “Simplesmente não pude evitar!” No capítulo anterior vimos que a oferta da viúva foi uma resposta ao amor que ela tinha pela causa. A história da viúva nos ensina que o amor pela causa de Deus é proporcional a quanto nos envolvemos com ela. Podemos dizer que amamos a causa de Deus, mas o envolvimento e a entrega a ela é a real prova desse amor.

O reformador Martinho Lutero morava com um grande amigo em um mosteiro na Alemanha. Ambos tinham as mesmas crenças sobre a fé cristã. Os dois expressavam um forte amor pela causa da verdade. Contudo, enquanto Lutero decidiu travar a “guerra” em nome da Reforma, seu amigo preferiu permanecer no mosteiro, orando e intercedendo por ele. Certa noite, aquele amigo teve um sonho. Viu um campo sem fim que parecia tocar o horizonte. A seara estava pronta para a ceifa. Também viu um homem tentando colher sozinho toda a provisão do campo – uma tarefa impossível! Logo conseguiu enxergar o rosto do trabalhador solitário: Martinho Lutero. O sonho lhe ensinou uma grande verdade: deveria deixar de apenas orar por seu amigo e começar a trabalhar com ele.

Talvez você tenha palavras convincentes sobre quão importante é a causa de Deus, talvez consiga fazer um excelente sermão sobre a importância dela ou citar vários exemplos do que ela significa na vida de muitas pessoas, mas acredite: isso não significa nada até que você se envolva completamente com ela. A simplicidade da viúva nos ensina que, mais importante do que fazer algo grande, é fazer algo.

Por isso, um bom termômetro de como está nossa vida cristã é percebermos como está nossa entrega e nosso sacrifício pela causa de Deus. Ellen White expressou isso com as seguintes palavras: “É esta a linguagem de seu coração? ‘Sou completamente Teu, meu Salvador. Pagaste o resgate por minha vida, e tudo o que sou ou ainda espero ser é Teu. Ajuda-me a adquirir recursos não para gastá-los de forma imprudente nem para satisfazer à vaidade, mas para usá-los para a glória do Teu nome.’”<sup>1</sup>

Deveríamos orar assim todos os dias. Essa oração nos ajuda a compreender três pontos importantes:

1º) Sou Teu, não meu. Pertencço a Ti, não a mim. O que tenho e terei é Teu e não meu. O que sou e serei é Teu.

2º) És meu Salvador e pagaste o resgate por minha vida. Essa é a principal motivação do servir. Não sirvo pelos aplausos, pelo apoio recebido, mas como resposta à salvação que Deus me outorgou.

3º) Ajuda-me a adquirir recursos que sejam usados para a glória do Teu nome. Aqui está o aspecto prático. Podemos passar a vida toda teorizando nos pontos 1 e 2, mas esse terceiro aspecto é a ação e o resultado da verdadeira compreensão dos dois primeiros pontos. Na verdade, se não há ação concreta é porque realmente não entendemos o que significa ser totalmente de Deus e ter sido salvo da condenação.

Então, se eu perguntar: “Quanto você ama a causa de Deus?”, como você responderia? A melhor maneira de responder não é com palavras, mas com uma vida completamente dedicada e envolvida com a obra de Deus. Precisamos entender que esse é um teste evidente de nosso discipulado cristão.

Leia com atenção a seguinte citação: “Não há pessoa verdadeiramente convertida que viva vida inútil e ociosa.”<sup>2</sup> Em outras palavras, a verdadeira conversão é vista no envolvimento e comprometimento com a missão de Deus. Esse texto não deve ser usado para medir e avaliar a conversão da pessoa que está a meu lado. Ele deve ser usado para avaliar a veracidade de minha conversão.

Uma coisa precisa ficar clara quanto a esse ponto: a causa de Deus não é apenas o que acontece na igreja. A obra de Deus acontece em todos os lugares e em todo o tempo. Um de nossos grandes problemas como cristãos é achar que se envolver quatro horas por semana no culto é tudo o que Deus espera de nós. A obra de Deus continua acontecendo quando vamos à padaria, ao mercado, ao trabalho, ao parque, etc. Como cristãos precisamos estar sempre alertas e dispostos a cumprir o chamado de Deus para a salvação.

Por isso, a melhor maneira de se envolver com a totalidade da obra de Deus é entender que o cristão deve ter um ministério e uma missão. Ministério é aquilo que acontece na igreja, e missão é aquilo que acontece, em grande parte, fora dela. É claro que as atividades realizadas na igreja também cumpram a missão, mas precisamos entender que a maior parte da missão acontece no dia a dia, fora das paredes da igreja.

Na igreja existem diversos ministérios, como: recepção, música, Aventureiros, Desbravadores, Jovens, assistência social, pregação, etc. Todos devem se envolver de alguma maneira com os ministérios e ajudar a mantê-los financeiramente. Mas, além de um ministério, devemos ter uma missão e também precisamos nos envolver com ela e investir nela. Alguns têm a missão de distribuir livros missionários, outros, de dar estudos bíblicos, outros, de alimentar famintos, etc. Tanto o ministério quanto a missão têm um único objetivo: salvar!

Nada do que fazemos deve ter outro objetivo. Se cantamos, recepcionamos, dirigimos um clube de Desbravadores, entregamos cestas básicas ou damos estudos bíblicos, tudo deve ser feito com a clara intenção de levar pessoas a conhecer e se entregar ao Salvador.

Talvez você esteja envolvido apenas com um ministério na igreja e o desânimo esteja tomando conta de sua vida espiritual. Diante disso, envolva-se urgentemente com a missão de alcançar pessoas que estão fora da igreja. A missão de ir por todo o mundo pregando o evangelho não nos foi dada pela incapacidade do Céu em realizá-la, ao contrário, o Céu faria infinitamente melhor do que nós. A missão nos foi confiada porque Deus sabe que esse é o único meio de crescermos em graça. Afirmar que envolver-se com a missão é o único meio de crescer em graça parece forte para você? Então, permita-me lhe apresentar uma citação inspirada por Deus: "O único meio de crescer em graça é achar-se interessado em fazer exatamente a obra que Cristo nos ordenou fazer."<sup>3</sup>

Alguns minutos antes de escrever este capítulo, eu estava estudando a Bíblia com um amigo. Ele é um empresário que tem todo o seu tempo tomado por reuniões e negócios, mas a cada semana está reservando duas horas para estudarmos a Bíblia. Ele está muito interessado em conhecer a verdade e a vontade de Deus. No momento, estou estudando a Bíblia com outras 18 pessoas. Eu amo dar estudos bíblicos, mas confesso que nem sempre as pessoas chegam ao batismo ao final dos estudos. Em mais de uma ocasião, a pessoa desistiu do estudo bíblico antes de terminá-lo. O que quero dizer ao revelar isso é que não sei o que irá acontecer com as pessoas com quem estou estudando a Bíblia, mas sei exatamente o que acontece comigo depois de cada estudo. Sei exatamente o que sinto quando vez após vez falo do poder da Bíblia em minha vida. Não posso explicar com palavras, mas sei o que sinto cada vez que apresento o estudo sobre o poder da oração. Não tenho noção de quantas vezes me emocionei ao dar o estudo bíblico sobre quem é Cristo para mim. Talvez a melhor maneira de explicar seria dizer que estou crescendo em graça.

Você entende? Isso moveu a entrega da viúva. Isso deve mover a minha e a sua vida. Envolver-se com a missão traz renovação à vida espiritual.

Podemos resumir este capítulo pontuando as três coisas que irão acontecer quando amarmos profundamente a causa da cruz:

1) Iremos nos envolver com a missão de Deus, não importa que tipo de sacrifícios isso implique.

2) Nossa vida espiritual será renovada com esse envolvimento.

3) Não importa o tamanho do sacrifício feito pela causa de Deus, ao olharmos para a cruz do Calvário e entendermos o que nos foi ofertado lá, toda a nossa entrega perderá completamente o significado.

Ninguém consegue sentir orgulho do que faz pela causa de Deus quando está aos pés da cruz. Por outro lado, ninguém conseguirá deixar de fazer seu máximo pela causa ao olhar para o máximo de Deus oferecido por nós no Calvário.

Em 1857, o doutor David Livingstone foi convidado para receber uma homenagem e falar aos alunos da Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Ele havia deixado uma vida próspera na Europa para se dedicar à pregação do evangelho no continente africano. Ao colocar-se diante dos alunos, ele não passava de um homem magro e delgado, que havia sido acometido 31 vezes pelas terríveis febres africanas e que tinha um braço descansando em uma tipóia, depois de um encontro com um leão. Naquele momento, o humilde

servo era recebido como herói por toda a Inglaterra. Diante dos alunos atentos, ele disse as seguintes palavras:

O povo fala do sacrifício de eu passar tão grande parte da vida na África. Será sacrifício pagar uma pequena parte da dívida, dessa dívida que nunca podemos liquidar, do que devemos fazer ao nosso Deus? É sacrifício aquilo que traz a bendita recompensa de saúde, o conhecimento de praticar o bem, a paz de espírito e a viva esperança de um glorioso destino? Longe esteja tal ideia! Digo com ênfase: Não é sacrifício... Nunca fiz sacrifício. Não devemos falar de nossos sacrifícios ao nos lembrarmos do grande sacrifício que fez Aquele que desceu do trono de Seu Pai, nas alturas, para Se entregar por nós.<sup>4</sup>

A maneira como usamos o tempo, o corpo e os recursos financeiros é um claro testemunho de quanto amamos a causa de Deus. A regra é simples: precisamos amar a causa de Deus mais que nossa própria causa.

Quero convidar você a fazer a seguinte oração: “Senhor, coloca hoje alguém em meu caminho, com quem eu possa compartilhar Teu amor e Tua verdade.” Creio que essa é a oração que Deus sempre responde. Faça o teste.



Acesse o QR Code e descubra a maravilha de usar os dons para a causa de Deus.

#### Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 34 [46].

<sup>2</sup> Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), p. 280.

<sup>3</sup> Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), p. 101.

<sup>4</sup> Orlando Boyer, *Heróis da Fé*, (Bangu, RJ: Casa Publicadora Assembleia de Deus, 2002), p. 129.

# 12 • MINHA MAIOR HERANÇA



*“Todas as manhãs e tardes, devemos apresentar nossos filhos a Deus como sua herança remida com sangue, ensinando-lhes que seu principal dever e privilégio é amar e servir a Deus.”*

*Ellen G. White*

*“O que tenhamos de fazer pelo homem, façamos antes que seja homem.”*

*Theodore Roosevelt*

*H*á alguns anos, recebi um convite para o aniversário da filha de um casal de amigos. O convite logo me chamou a atenção: era um pequeno cofre de moedas, todo enfeitado com imagens infantis, e junto com ele havia um papel informando que a festa seria realizada em um orfanato e que o presente não deveria ser para a aniversariante, mas para as crianças do lugar. No cofre deveria ser colocado um valor que seria usado para comprar presentes para as crianças do orfanato.

Depois de alguns dias, eu conversei com os pais da garotinha tentando entender melhor de onde eles haviam tirado aquela fantástica ideia. A resposta deles foi: “Pastor, nossa filha já tem mais brinquedos do que é necessário para uma criança. Nós queremos que ela aprenda a compartilhar e a vencer o egoísmo. Não há nada melhor do que frequentar lugares onde existem crianças que não possuem quase nada.”

Que espetacular! Aqueles pais estavam querendo arrancar o egoísmo do coração da filha e perceberam que a melhor maneira de fazer isso é compartilhando o que temos e somos com aqueles que mais necessitam. Na verdade, essa não é uma prática nova. Em 1890, Ellen White escreveu as seguintes palavras:

Na dispensação judaica, por ocasião do nascimento dos filhos, era feita uma oferta a Deus, por indicação Dele próprio. Agora vemos os

pais tendo o cuidado especial de dar presentes aos filhos por ocasião de seus aniversários. Fazem disso uma ocasião para honrar a criança, como se a honra fosse devida ao ser humano. [...] Por ocasião de aniversários, os filhos devem ser ensinados que têm motivos de gratidão para com Deus por Sua terna benignidade em lhes conservar a vida por mais um ano. Podem-se dar assim preciosas lições. Pela vida, a saúde, o alimento, o vestuário, não menos que pela esperança de vida eterna, somos devedores ao Doador de todas as bênçãos; e devemos a Deus o reconhecimento de Seus dons, e apresentar nossas ofertas de gratidão, a nosso maior Benfeitor. Essas ofertas natalícias são reconhecidas no Céu.<sup>1</sup>

A oferta natalícia deve ser uma oferta de gratidão levada ao Senhor por ocasião do aniversário. Quando uma criança compartilha o que tem com crianças que nada têm, quando é educada a ver o aniversário como uma data para agradecer e não apenas para receber, ela está aprendendo duas coisas muito importantes: graça e serviço.

Tenho visto com alegria o grande interesse que a igreja tem tido pelas novas gerações. Tem crescido a ênfase em formar uma igreja saudável espiritualmente, crendo que somos salvos unicamente pela graça de Jesus Cristo. Espero com expectativa ver uma nova geração de membros equilibrados e preparados para o encontro com o Senhor. No entanto, cada vez mais precisamos entrelaçar a graça e o serviço no ensino de nossos filhos. Ellen White nos declara:

O propósito de Deus para com os filhos que crescem em nossos lares é mais amplo, mais profundo, mais elevado do que nossa visão restrita tem compreendido. [...] de toda parte deste nosso mundo vem o clamor de corações feridos que anseiam conhecer o Deus de amor. [...] Recai sobre nós, os que recebemos este conhecimento, e sobre nossos filhos, a quem o podemos transmitir, a responsabilidade de atender ao seu clamor.<sup>2</sup>

Como igreja temos ensinado sobre um Deus maravilhoso que nos ama completamente, que fez tudo que era necessário para nos dar “vida em abundância” (Jo 10:10). Os pais devem se unir à igreja no ideal de ensinar que esse conhecimento deve nos levar ao serviço e a comunicar essa verdade ao mundo – um mundo semelhante a um grande hospital, cheio de pessoas doentes por não saberem que são amadas, não pelo que possuem ou por sua aparência, mas incondicionalmente.

Os pais devem ensinar por palavras e exemplos o que significa envolver-se com a obra de Deus. Infelizmente, temos que reconhecer que em muitos aspectos temos falhado em transmitir valores de entrega completa e irrestrita à causa de Deus.

Tem havido grande negligência por parte dos pais em procurar interessar os filhos no desenvolvimento da causa de Deus. Em muitas famílias, as crianças parecem ser postas de lado, como se fossem seres irresponsáveis. A fim de juntar riquezas para os filhos, muitos pais chegam mesmo a roubar a Deus de Seus justos direitos aos dízimos e ofertas, sem pensar que, assim fazendo, abrem a seus queridos uma porta de tentação que geralmente se demonstrará sua ruína.<sup>3</sup>

Essa citação nos faz pensar em três pontos importantes:

1) Os pais têm falhado em criar interesse nos filhos pelo desenvolvimento da causa de Deus. Esse assunto não pode ser delegado à igreja. Precisamos intencionalmente ensinar a nossos filhos a importância da causa de Deus. Um dia ouvi uma professora explicando como fazia o plano de aulas para os alunos. Um plano de aulas é o roteiro dos temas que serão apresentados ao longo de um período escolar. Quando ouvi isso, resolvi fazer um plano de aulas para ensinar meus filhos sobre como ter um caráter nobre. Ao longo dos cultos familiares, ensino alguns pontos que irão ajudar na formação do caráter deles. Alguns pontos do meu “programa de aulas” para 2021 são: Como honrar a Deus acima de tudo, como dizer “não” ao inimigo, como orar, como ler a Bíblia, o que é caráter, como escolher uma amizade, como amar a causa de Deus, o que fazer para nunca desistir, como usar o dinheiro, como ser fiel nos dízimos e nas ofertas, o que é integridade, o que é uma consciência pura e uma sexualidade correta, e como cuidar do corpo. A cada seis meses reforço ou mudo os temas abordados conforme a idade e a necessidade deles. Alguns livros têm me ajudado bastante nesse processo.<sup>4</sup>

2) Essa negligência muitas vezes se dá pela infidelidade na devolução dos dízimos e das ofertas por parte dos pais. A infidelidade dos pais irá abrir a porta da tentação para os filhos e fará com que eles sigam pelo caminho da ruína espiritual. Se queremos que nossos filhos levem a sério as coisas de Deus, precisamos mostrar em nossa vida que a causa de Deus é nossa prioridade. Isso se aplica às outras pessoas de nossa família. Muitas vezes, nossos irmãos ou pais não levam a sério nossa decisão pela verdade porque eles próprios não percebem que realmente levamos a sério aquilo que professamos.

3) As crianças não podem ser postas de lado em assuntos espirituais. Muitos adultos agem como se elas não tivessem nenhuma percepção espiritual – isso é um grande engano. A visão espiritual das crianças é muito mais profunda que a da grande maioria dos adultos. Por esse motivo, Jesus nos desafiou a sermos como crianças.

Certo dia, eu estava viajando de férias com minha família. Saímos de carro às 8 horas e a viagem iria durar entre dez e doze horas. Assim que entrei no carro, as crianças começaram a fazer a pergunta que aterroriza qualquer viagem em família: “Papai, já está chegando?” Minha resposta sempre era a mesma: “Ainda não!” Isso não as convencia, e a cada 20 minutos repetiam a pergunta. Depois de um tempo, já um pouco irritado, respondi: “Vamos fazer o seguinte: não perguntem mais se já está chegando. Quando escurecer é porque estamos chegando. Enquanto estiver claro é porque estamos longe.” Minha filha imediatamente respondeu: “Papai, quer dizer que quando ficar escuro nós chegamos?” “Sim!”, eu respondi. Ela então replicou: “Então eu vou orar para Deus fazer ficar escuro agora.”

Durante aquela viagem, segui pedindo que Deus me desse a confiança de uma criança que não tem a menor dúvida da capacidade de Deus em fazer o dia escurecer às 10 horas da manhã. Essa é a percepção espiritual das crianças, e como adultos devemos fortalecê-la e imitá-la.

Tive o privilégio de crescer em um lar com uma clara visão da graça maravilhosa de Deus. Isso tem feito uma diferença tremenda em minha vida e meu ministério. Juntamente com o ensino da graça, meus irmãos e eu crescemos acompanhando minha mãe, várias noites por semana, em estudos bíblicos a diversas famílias. Eu não entendia nada do que acontecia ali, mas fui crescendo naquele ambiente.

Via minha mãe ser chamada de diretora missionária da igreja por vários anos, e também via que várias pessoas que estudavam a Bíblia com ela eram batizadas. Na época, eu não conseguia entender porque cada vez que minha mãe presenciava uma pessoa sendo batizada ela chorava.

À medida que fui crescendo, comecei a entender o que se passava no coração de minha mãe, e comecei a sentir o chamado de Deus para experimentar em minha vida o que ela já sentia há anos. Lembro-me do brilho nos olhos dela quando lhe falei que estava sentido Deus me chamar para ser um ministro em tempo integral, lembro-me do abraço e da conhecida lágrima nos olhos. Tive a alegria de me formar em Teologia e receber os conselhos e a ajuda de minha mãe por um ano e meio de meu ministério. Então, em março de 2004,

descobrimos que aquela mulher tão cheia de vida estava com um câncer, que a levou à morte em 27 de julho de 2004.

No dia do sepultamento, quando voltamos para casa, a campainha tocou. Meu pai foi atender, e à porta estava uma senhora que ainda não estava sabendo do falecimento de minha mãe e estava ali para visitá-la. Meu pai explicou-lhe que ela havia dormido no Senhor e que havia sido sepultada há meia hora. Aquela senhora, em lágrimas, disse: “Eu devo muito à dona Antônia. Eu não tinha paz com meus filhos nem em meu casamento, e quando ela me falou de Jesus e da Bíblia, tudo melhorou em minha vida.”

Essa experiência nos mostrou que a vida de minha mãe teve um propósito. Recebi várias lições lindas de minha mãe, mas a maior herança que ganhei dela foi o desejo ardente de levar pessoas a terem um encontro pessoal com Cristo e o exemplo de dedicação que devo ter pela causa da verdade.

Hoje, gostaria de convidar você a traçar um plano de aulas para o caráter de seus filhos ou de sua família e confirmar o compromisso de realizar o culto familiar diariamente.

Horários para o culto familiar:

Manhã: \_\_\_\_\_: \_\_\_\_\_

Noite: \_\_\_\_\_: \_\_\_\_\_

Temas a serem abordados em família: \_\_\_\_\_



Acesse o QR Code e confira dicas práticas para legar uma educação financeira aos filhos.

### Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *The Review and Herald*, 9 de dezembro de 1890.

<sup>2</sup> Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 262, 263.

<sup>3</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), p. 140.

<sup>4</sup> Segue uma lista de livros que têm me ajudado na formulação do meu plano de estudo familiar: Ellen G. White, *Orientação da Criança* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015); Donna J. Habenicht, *Como Ajudar seu Filho a Amar Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011); Kay Kuzma, *Los Primeros 7 Años* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2009); Meibel Mello Guedes, *Educar a los Hijos: Un Acto de Amor* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2009).

# 13 • O VERDADEIRO FINAL FELIZ



*“A coisa mais importante que há, em qualquer relacionamento,  
não é aquilo que se obtém, mas aquilo que se dá.”*

*Eleanor Roosevelt*

*“Com Cristo, não é o quanto damos,  
mas o que não damos é o verdadeiro teste.”*

*Oswald Chambers*

**V**amos ser sinceros? Você não acha que está faltando alguma coisa na história da viúva? Leia novamente o relato em Marcos 12:41 a 44. O que está faltando nessa história? É claro! Um final emocionante!

Não quero ser desrespeitoso com a Palavra de Deus, mas você não acha que uma narrativa de entrega tão grandiosa merecia um final mais impactante? Afinal, ela entregou tudo o que possuía ao templo do Deus de Israel. Será que a história não ficaria melhor com um final que não deixasse dúvidas sobre as vantagens de se imitar a atitude dela?

Talvez um final assim: “Da sua pobreza, a viúva entregou tudo quanto possuía, todo o seu sustento, mas assim que saiu do templo ela recebeu um telegrama informando que um parente milionário havia morrido e que ela era a única herdeira. Assim, ela viveu o resto de seus dias em riqueza e fartura.” Ou poderia ser um final assim: “Da sua pobreza, a viúva entregou tudo quanto possuía, todo o seu sustento, mas quando estava indo para casa ela passou ao lado de um campo e observou a ponta de alguma coisa brilhante enterrada na terra. Ela começou a cavar e viu que havia encontrado um baú enorme cheio de moedas de ouro. Assim, ela viveu o resto de seus dias em riqueza e fartura.”

Porém, não é assim que a história termina. Se você observar bem, após fazer uma entrega completa, a história dela simplesmente tem um ponto final,

e o verso seguinte diz que Jesus saiu do templo (Mc 13:1). O relato simplesmente diz que ela entregou tudo o que tinha, todo o seu sustento, e ponto final!

Sabe por que a história termina assim? Porque é assim que a fidelidade a Deus funciona. Fidelidade não é uma moeda de troca pelas bênçãos de Deus. Não posso pensar bíblicamente e ainda defender a ideia de que Deus está em dívida com alguém que decide se entregar completamente a Deus e à Sua causa.

No entanto, você pode até discordar dos finais opcionais que eu propus para a história da viúva, mas imagino que você concorde que, como seres humanos, temos uma mentalidade de troca no relacionamento com Deus. Nossa mente funciona assim: faço boas coisas na vida cristã, obedeço ao máximo o que é esperado de mim e por isso mereço receber bênçãos e cuidados divinos. Devido a essa mentalidade, quando sofremos, a primeira coisa que perguntamos a Deus é: “Por que, Senhor?”

Quando nos deparamos com dias difíceis, começamos a procurar falhas e erros que justifiquem a dificuldade que enfrentamos. E quando o tamanho da dificuldade parece desproporcional às falhas que encontramos, dizemos ou pensamos que Deus não é justo, que Ele falhou e que não nos ama.

Essa mentalidade de troca é amplamente combatida na Bíblia. Por exemplo: os amigos de Jó não conseguiam compreender como era possível coisas tão terríveis acontecerem a alguém justo. Por isso, passaram a maior parte do tempo tentando convencer Jó de sua injustiça e de que ele merecia as terríveis provações que o acometeram. Mas, no fim do livro de Jó, Deus Se manifesta e fala a um deles: “A Minha ira se acendeu contra você e contra os seus dois amigos, porque vocês não falaram a Meu respeito o que é reto, como o Meu servo Jó falou” (Jó 42:7).

Um dia Jesus estava diante de um cego, e os discípulos fizeram uma pergunta que expressava o pensamento daqueles dias, e em grande medida dos nossos dias também. A história está registrada no evangelho de João, capítulo 9: “Enquanto Jesus caminhava, viu um homem cego de nascença. E os Seus discípulos perguntaram: ‘Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego? Ele ou os pais dele?’” (Jo 9:1, 2).

Havia uma crença entre os judeus de que um cego de nascença estava destinado a ser um pecador e que sofria antecipadamente o castigo devido por sua vida futura de pecado.<sup>1</sup> Esse pensamento derivava da crença de que havia o merecimento de bênçãos ou maldições pelos atos cometidos. A ideia era: ou eu estou em dívida para com Deus ou Ele está em dívida para comigo.

Em sua resposta, Jesus não negou que o homem ou seus parentes fossem pecadores. Ele afirmou que a cegueira não estava ligada a um ato pecaminoso ou que era fruto de uma punição divina. Por outro lado, Cristo não tentou explicar o sofrimento e o mal que atingiram o homem cego. Ele apenas respondeu que a glória de Deus seria manifestada por meio daquele sofrimento.

Pensar na fidelidade a Deus como uma moeda de troca nos afasta do verdadeiro motivo da fidelidade e da obediência, que é responder com amor a um Deus que amamos. Devemos eliminar a ideia de que nossa fidelidade precisa ser de alguma maneira recompensada por Deus. Quando agimos assim, na verdade dizemos que somos fiéis por amor à nossa própria causa e não por amor à causa de Deus.

A seguinte ilustração pode nos ajudar a entender esse ponto:

Era uma vez um jardineiro que conseguiu colher uma enorme cenoura. Ele a colheu e a levou para seu rei, dizendo: “Meu rei, esta é a maior cenoura que jamais colhi, e que jamais colherei. Assim, quero lhe oferecer como prova de meu amor e respeito.” O rei se sentiu tocado e reconheceu a bondade no coração do homem, de modo que, enquanto este partia, disse o rei: “Espere! Você é verdadeiramente um bom administrador da terra. Tenho uma propriedade bem ao lado da sua. Quero dá-la a você de presente, para que possa plantar em toda aquela terra.” O jardineiro ficou surpreso e feliz, voltando para casa muito alegre.

Porém, havia um nobre na corte do rei que presenciara toda a cena. E ele disse: “Ora! Se é isto que se ganha com uma cenoura – o que aconteceria se eu desse ao rei algo ainda melhor?” No dia seguinte, o nobre se apresentou diante do rei, e em suas mãos estavam as rédeas de um belo garanhão negro. Ele se curvou e disse: “Meu senhor, eu crio cavalos, e este é o melhor cavalo que jamais criei e que jamais irei criar. Quero lhe dar de presente como prova de meu amor e de meu respeito.” Mas o rei enxergou o coração do homem, agradeceu, aceitou o cavalo e o dispensou. O nobre ficara perplexo e magoado por não ter recebido uma recompensa proporcional ao seu presente. Então o rei disse: “Permita-me explicar. O jardineiro estava dando a cenoura a mim, mas você está dando o cavalo para si mesmo.”<sup>2</sup>

É exatamente assim que agimos quando esperamos recompensas por nossa fidelidade. Esse não é o motivo correto para sermos fiéis. O verdadeiro motivo é expresso no seguinte verso bíblico: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1Jo 4:19). Esse verso deveria estar em nossa mente cada vez que obedecemos a Deus ou somos fiéis a Ele. Nossa fidelidade é apenas uma resposta ao grandioso amor e à fidelidade que temos recebido. Fidelidade na verdade é um exercício de memória – precisamos olhar para o passado e perceber o que temos recebido de Deus para poder responder em fidelidade.

Por exemplo: quando vamos devolver os dízimos e as ofertas, temos que olhar para o passado, perceber quanto Deus nos abençoou para em seguida calcular o dízimo e a oferta. Bíblicamente, ninguém pode devolver dízimos e ofertas olhando para o futuro e prevendo o que receberá de volta. Só podemos devolver o que já temos. Assim, a devolução dos dízimos e das ofertas se torna uma celebração de gratidão pelo soberano cuidado de Deus por meu sustento.

Esse é um dos motivos pelo qual o dia sagrado é o sétimo dia semana. Deus já lhe deu seis dias de vida e, ao chegar o pôr do sol do sábado, você deve olhar para trás e perceber o cuidado Dele ao longo da semana. Assim o sábado será um dia de celebração do que já recebi e não uma expectativa do que Deus me deve, por eu guardar mais um sábado na vida.

Em Deuteronômio 8, Moisés apresenta um lindo discurso em que Deus exorta o povo de Israel à obediência e à fidelidade. Quando lemos o texto com atenção, percebemos um detalhe incrível. Deus começa dizendo: “Tenham o cuidado de cumprir todos os mandamentos que hoje lhes ordeno” (v. 1). Em outras palavras, Deus afirma: “Obedeçam, sejam fiéis às Minhas ordens!”

Nos 19 versos seguintes, Ele apresenta a maneira de ser fiel. E alguns termos são usados para fundamentar essa obediência. Os termos são: “lembrem-se” (v. 2), “não se esquecer” (v. 11) e “lembrem-se” (v. 18). Ao longo da narrativa, Deus vai apresentando os fatos de que o povo de Israel deveria se lembrar para manter-se fiel.

Lembrem-se de todo o caminho pelo qual o Senhor, seu Deus, os guiou no deserto durante estes quarenta anos [...] as roupas que vocês usavam não envelheceram, e os seus pés não ficaram inchados [...] Porque o Senhor, o Deus de vocês, os faz entrar numa terra boa, terra de ribeiros de águas, de fontes, de mananciais profundos [...] no deserto os sustentou com maná [...] é Ele quem lhes dá força para conseguir riquezas (Dt 8:2, 4, 7, 16, 18).

Todo cristão deve fazer esse exercício de memória antes de praticar a fidelidade para com Deus. Costumo dizer que todo fiel tem uma linda história para contar sobre o que Deus é e faz em sua vida.

Deus também apresenta em dois versos as consequências de esquecer das bênçãos e dos cuidados já recebidos:

Tenham o cuidado de não se esquecer do Senhor, seu Deus [...]. Não aconteça que, depois de terem comido e estarem fartos, depois de haverem edificado boas casas e morado nelas; depois de se multiplicarem o seu gado e os seus rebanhos, e aumentar a sua prata e o seu ouro, e ser abundante tudo o que vocês têm, se eleve o seu coração e vocês se esqueçam do Senhor, seu Deus, que os tirou da terra do Egito, da casa da servidão (Dt 8:11-14).

A infidelidade é resultado do esquecimento, pois a infidelidade tem memória curta. Já a gratidão e a fidelidade conseguem se lembrar de tudo o que já receberam e responder à altura dessas lembranças. Por isso preciso repetir e enfatizar essa verdade para que você nunca esqueça: Fidelidade é um contínuo olhar para o passado e se lembrar das bênçãos recebidas para responder à altura do que já recebemos.

Hoje quero convidar você a terminar a leitura deste capítulo fazendo uma lista das bênçãos e dos cuidados recebidos que o inspiraram e levam a responder em obediência e fidelidade.

Senhor, quero sempre lembrar que: \_\_\_\_\_, e também que \_\_\_\_\_ e além disso que \_\_\_\_\_.



Accesse o QR Code e relembre os verdadeiros princípios da fidelidade.

### Referências

- <sup>1</sup> G. R. Beasley-Murray, *Word Biblical Commentary John* (Dallas, Texas: Word Books Publisher, 1999), v. 36, p. 154, 155.
- <sup>2</sup> Timothy Keller, *O Deus Pródigo* (Rio de Janeiro, RJ: Thomas Nelson Brasil, 2010), p. 85-87.

# 14 • O VERDADEIRO OBJETIVO DA FIDELIDADE



*“Jesus não quer que todos os que estão empenhados em Seu serviço sejam ansiosos por recompensas, nem achem que devem receber compensação por tudo que fazem.”*

*Ellen G. White*

*“Tudo o que temos deve receber o seguinte carimbo: dado por Deus, propriedade de Deus, para ser usado para os propósitos de Deus.”*

*Richard Foster*

**E**m 19 de novembro de 1835, o pastor George Muller estava visitando os membros de sua comunidade para lhes fortalecer na fé. Ele se dirigiu à casa de uma senhora que o convidou para descansar um pouco enquanto ela preparava um chá. Sua mente estava tomada pela lembrança da história de um órfão que conhecera naquela semana. A história daquele garoto fez surgir no coração dele o desejo de iniciar um orfanato na cidade de Bristol, Inglaterra. Naquele momento, havia apenas três orfanatos em toda a Inglaterra, e nenhum se encontrava na cidade de Bristol, onde ele era pastor. Não era por falta de órfãos. Esses existiam aos milhares, desassistidos e sofrendo. Ele, que era um homem de oração, já havia falado com Deus sobre o assunto e esperava uma clara resposta do Céu.

Enquanto esperava o chá, decidiu olhar os livros daquela senhora e se deparou com a biografia de August Hermann Francke. George olhou firme para o livro. Já o conhecia bem. Já o havia lido duas vezes, e cada vez que lia era tocado profundamente pela história daquele pastor do século 18 que decidira abrir um orfanato e que tinha por regra não pedir recursos a ninguém para a manutenção do orfanato, que dependia unicamente das respostas às suas orações.

Muller se lembrou de que foi a história daquele homem que o havia influenciado a ter a mesma regra de vida e a iniciar suas aventuras de completa dependência de Deus. Durante o restante da semana, não pensou em outra coisa. Seria essa a vontade de Deus para sua vida: iniciar um orfanato?

Ao final da semana, ele decidiu compartilhar o plano com seu amigo Henry Craik. O plano já estava totalmente traçado: ele alugaria uma casa barata no centro de Bristol, receberia entre 20 e 30 crianças que necessitassem de um lar, daria alimento e roupa e as educaria como se fossem sua própria família.

No entanto, Henry se sentiu apreensivo e resolveu ser franco com o amigo e lhe explicar o motivo pelo qual ele não poderia abrir um orfanato. “Você não tem dinheiro, Muller”, disse ele. Muller respondeu: “Francke também não tinha dinheiro. Ele construiu seus orfanatos por meio da oração.” “Mas ele viveu há 100 anos, os tempos eram outros”, respondeu Henry um pouco impaciente.

Andando para lá e para cá, George bateu o pé firme no piso da casa e disse: “O que você quer dizer? Que Deus perdeu Seu poder? Se Deus respondeu à oração de Francke em 1727, Ele poderá responder à minha em 1835. E vou lhe dizer mais, Henry Craik, eu vivo pregando e dizendo às pessoas que confiem em Deus. Que orem a Ele, e Ele responderá às suas orações. Creio no que prego. Sei que é possível levantar as mãos e tocar a Deus quando se ora. Eu mesmo já provei isso. A oração transformou minha vida, e desejo ajudar outras pessoas a viverem o mesmo.”

“Então você vai abrir um orfanato para mostrar ao mundo inteiro que Deus responde à oração? É por esse motivo que você quer abrir um orfanato?”, retrucou Henry. “Não. Vou abrir um orfanato para cuidar das crianças. Mas também por esse motivo. Quero que o mundo saiba que Deus pode, por intermédio de um homem verdadeiramente pobre, fazer coisas grandiosas. Irei reunir 20 crianças num orfanato e não pedirei nada a ninguém. Irei pedir somente a Ele os recursos para manter o orfanato. Então, de alguma maneira, provarei às pessoas que Deus é fiel ainda hoje!”<sup>1</sup>

Assim começou o primeiro orfanato de Muller, em abril de 1836, com 30 crianças. Em 1870, já eram cinco orfanatos, com 2 mil crianças e 200 funcionários. Ao longo de sua vida, Muller se manteve firme na decisão de pedir unicamente a Deus os recursos para seus orfanatos e, ao final de sua vida, ele relatou que, em resposta às orações, havia recebido 7,5 milhões de dólares para

a manutenção das crianças. Acredito que poucas pessoas na história da humanidade viveram experiências tão extraordinárias de dependência e segurança em Deus como ele.

Um dia, alguém lhe perguntou: “Senhor Muller, você não tem medo de, em algum dia, Deus não enviar recursos e as crianças ficarem com fome?” Ele prontamente respondeu: “Se Deus falhar comigo eu ficarei muito surpreso, pois será a primeira vez.”

Essa linda história nos apresenta um vislumbre de qual é o verdadeiro objetivo da fidelidade a Deus. Ela nos lembra de que não são os recursos financeiros que devem dominar nossa vida, mas a vontade de Deus e a dependência Dele. Para mim, esse também é o centro da história da viúva. Ela não se permitiu ser dominada pela incerteza dos escassos recursos, ela foi dominada pela dependência de um Deus poderoso. Jesus parabenizou essa atitude. O verdadeiro objetivo da fidelidade não é recebermos de volta o que entregamos, mas transformar nosso caráter e nos tornar dependentes de Deus.

Na história da viúva, Cristo parabenizou o que a maioria das pessoas condenaria. Você provavelmente argumentaria: “Duas moedas eram de pouca importância para o tesouro, mas de grande importância para ela. Se ela tivesse dado uma e mantido a outra, ela teria mostrado não apenas piedade, mas bom senso.” No entanto, aos olhos de nosso Senhor, a entrega dela estava correta; e ela foi elogiada por isso.

Realmente, as duas moedinhas não faziam nenhuma diferença na economia do templo. O texto diz que ela “lançou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante” (Mc 12:42). A expressão “duas pequenas moedas” se refere ao *lepton*, que era uma pequena moeda de cobre e que tinha o menor valor monetário na economia judaica. Como Marcos estava escrevendo para leitores romanos, ele decidiu transformar o *lepton* em quadrante, que era mais conhecido para um romano.<sup>2</sup>

Para entendermos o valor monetário daquelas duas moedas, precisamos entender algumas coisas sobre a economia da época. Quando uma pessoa terminava um dia de trabalho, ela geralmente recebia um denário como pagamento. A moeda que a viúva entregou no templo valia 64 vezes menos que um denário. Ou seja, as duas moedas correspondiam ao pagamento por mais ou menos 15 minutos de trabalho.<sup>3</sup> Era um valor realmente irrisório, especialmente diante da grande quantia que estava sendo entregue pelos homens ricos naquele mesmo momento.

Marcos faz questão de deixar claro para os leitores quão pequeno era o valor monetário da oferta, a fim de mostrar que esse sacrifício não faria a menor diferença na economia do templo, mas faria enorme diferença na vida da viúva. Você entende o que é fidelidade agora? Entende que o maior objetivo de nossos recursos não é manter a causa de Deus? O Salmo 50 foi escrito com esse objetivo: nos lembrar de que Deus é completo, Ele não necessita do que tenho para manter Sua causa. No verso 10, Ele afirma: “Pois são Meus todos os animais do bosque e o gado aos milhares sobre as montanhas.” No verso 12, Ele continua: “Se Eu tivesse fome, não teria necessidade de dizê-lo a você, pois Meu é o mundo e a sua plenitude.”

Se o principal objetivo que temos é manter a causa de Deus, qual é então o principal objetivo da fidelidade? Veja essa citação de Ellen White: “O sistema de dízimos, vi, desenvolveria o caráter e manifestaria o verdadeiro estado do coração.”<sup>4</sup> Este é o verdadeiro objetivo da fidelidade: desenvolver o caráter e manifestar o que realmente domina nosso coração.

Precisamos entender que o “uso” dos dízimos e das ofertas é uma coisa, e o “objetivo” deles é outra. Veja, os dízimos e as ofertas são usados para fazer avançar a causa de Deus, mas o objetivo dos dízimos e das ofertas é desenvolver o caráter. Quando entendemos isso, passamos a perceber que Deus não depende de mim. Ele pode fazer vir recursos para a manutenção de Sua causa de onde Ele quiser, Ele é Deus. No entanto, quando eu não sou fiel, eu perco a oportunidade de ter meu caráter desenvolvido à semelhança do caráter de Cristo.

Por isso, quando falamos de fidelidade na igreja ou para nossos filhos, não deveríamos usar apenas o argumento de que a causa de Deus precisa de recursos e que a missão precisa avançar e por esse motivo precisamos ser fiéis. O que realmente deveríamos enfatizar é o quanto se perde na formação do caráter quando somos infiéis, e quanto o egoísmo toma conta do nosso coração quando não somos fiéis.

Imagine, por exemplo, uma criança que recebe uma mesada de 10 reais de seus pais, e devolve 1 real de dízimo e 1 real de oferta. Ao longo de cinco anos, ela terá devolvido 60 reais de dízimo e 60 reais de oferta. Esse valor não é capaz de causar um grande impacto na pregação do evangelho no mundo, mas é capaz de gerar um grande impacto no caráter dessa criança ao longo dos cinco anos.

O mais importante para Deus não é a diferença monetária que nossa oferta fará, mas a diferença que fará ao revelar onde realmente está nosso

tesouro. Portanto, sou fiel não porque irei receber de volta, não porque a causa de Deus depende de mim, mas por entender o papel da fidelidade na transformação do meu caráter e na compreensão da grandiosidade do meu Deus.

Observe esta citação de Ellen White: “Ele [Deus] planejou o sistema de beneficência para que o ser humano pudesse se tornar como seu Criador, com caráter benevolente e altruísta, e finalmente participar com Cristo da recompensa eterna e gloriosa.”<sup>5</sup>

Entenda “sistema de beneficência” como a devolução dos dízimos, das ofertas e a ajuda aos mais necessitados. Deus planejou isso com um objetivo claro e grandioso. Imagine uma maneira de nos tornarmos bondosos, compassivos e clementes como nosso Criador. Esse é o objetivo final da santificação e da transformação do caráter, e não se engane, isso passa pela fidelidade a Deus e o compromisso com Sua causa.

Hoje quero convidar você a escrever uma pequena oração pedindo a Deus que continue o processo de transformação do seu caráter e que use a fidelidade para isso. Peça a Deus para compreender a importância da fidelidade para a vida cristã. Acima disso, peça que Ele ajude você a ser fiel em todos os aspectos da vida, inclusive na devolução dos dízimos, das ofertas e na ajuda aos mais necessitados.

Senhor, \_\_\_\_\_



Assista ao vídeo disponível no QR Code ao lado e entenda como a fidelidade está ligada ao fortalecimento do relacionamento com Deus.

### Referências

- <sup>1</sup> Faith Bailey, *George Muller – O Triunfo da Fé no Sobrenatural* (São Paulo, SP: Editora Vida, 2006), p. 83.
- <sup>2</sup> A. E. Sanner, *Comentario Bíblico Beacon: Mateo hasta Lucas – Tomo 6* (Lenexa, KS: Casa Nazarena de Publicaciones, 2010), p. 384.
- <sup>3</sup> J. F. Walvoord e R. B. Zuck, orgs. *Comentario Expositivo: Nuevo Testamento, Tomo 1: San Mateo, San Marcos, San Lucas* (Puebla, México: Ediciones Las Américas, 1995), p. 215.
- <sup>4</sup> Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), v. 1 p. 237.
- <sup>5</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 12 [15].

# 15 • APRENDI A VIVER



*“A riqueza é como a água do mar;  
quanto mais bebemos, mais sentimos sede.”*

*Arthur Schopenhauer*

*“Há duas maneiras de ser rico: elevar os rendimentos ao nível  
dos desejos ou baixar os desejos ao nível dos rendimentos.”*

*Alphonse Karr*

**A** essa altura do livro, espero que você esteja maravilhado com a história da viúva e da entrega das duas moedinhas. No entanto, preciso confessar que o verdadeiro objetivo deste livro não é encantar ou maravilhar, mas transformar. A oração que faço a cada momento é que a história da viúva nos leve a uma mudança prática de nossa fidelidade. Para que isso aconteça, precisamos entender mais um ponto dessa linda história. Ela nos ensina uma grandiosa lição que pode ser resumida em uma única palavra: contentamento.

Essa talvez seja uma das lições mais difíceis e, ao mesmo tempo, mais necessárias para se aprender a viver a fidelidade. É óbvio que a viúva aprendeu de maneira profunda a se contentar com o que possuía. Antes de entregar tudo o que tinha, ela teve que conviver por algum tempo com a possibilidade de viver sem nada. Em algum momento, ela obteve contentamento em depender e esperar pelo cuidado e proteção do Deus de Israel. Para que isso se tornasse realidade na vida dela, ela teve que se contentar com a escassez do momento.

Infelizmente, a palavra *contentamento* perdeu um pouco o sentido original. No dicionário, *contentamento* significa “ato ou efeito de contentar(-se), sentimento de alegria, prazer; aprazimento, contento e satisfação”.

Contentar-se não tem nenhuma ligação com acomodar-se, desistir, parar de sonhar ou deixar de ter perspectivas. Pelo contrário, é a falta do verdadeiro

contentamento que traz a sensação de derrota, insegurança e perda. Não ter contentamento é não ter a capacidade de limitar os desejos e não saber diferenciar desejos de necessidades. Por isso, concordo com o escritor Thomas Fuller, que disse: “Se teus desejos não tiverem fim, tampouco terão teus cuidados e temores.”

O apóstolo Paulo escreveu um texto extraordinário sobre contentamento. Paulo era alguém que tinha autoridade para falar sobre o assunto. Ele enfrentou diversas dificuldades ao longo da vida, e a atitude de contentamento o ajudou a enfrentar e superar esses momentos. O texto está em Filipenses 4:11-13:

Digo isto, não porque esteja necessitado, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Sei o que é passar necessidade e sei também o que é ter em abundância, tanto de estar alimentado como de ter fome, tanto de ter em abundância como de passar necessidade. Tudo posso Naquele que me fortalece.

Esse é um dos textos mais conhecidos e amados do Novo Testamento. Eu, particularmente, gosto dele não pelo que é dito, mas pelo que não é dito. Veja, o apóstolo Paulo não diz: “Gosto de viver nesse desafio de uma hora ter tudo e em outra não ter nada.” Ele também não diz: “Para mim não faz diferença se durmo no colchão ou no chão.” Ele também não diz: “Não estou nem aí se hoje sei o que tenho para comer e amanhã não.”

Se Paulo tivesse escrito “gosto de viver nessa insegurança de uma hora ter tudo e em seguida não ter nada”, eu iria admirá-lo, mas ele não iria representar muita coisa para mim além de alguém admirável.

Entretanto, quando, ao invés de dizer “gosto”, ele diz “aprendi” a viver em ambas situações, o que na verdade ele está tentando me dizer é: “Eu sou igualzinho a você. Também não gosto dessa incerteza, dessa insegurança. Não gosto de passar necessidade ou aperto, mas aprendi a viver em ambas as situações. Aprendi a viver na fartura ou na escassez.”

Encaro esses versos como um conselho. Ouço Paulo me dizendo: “Você não precisa gostar, mas tem que urgentemente aprender a viver em ambas as situações.” É por falta desse aprendizado que tantos casamentos, tantas famílias e tantas vidas cristãs estão se esfacelando. Não gostamos nem queremos aprender a viver com adversidades. Se formos honestos, vamos ter que admitir que muitos de nós viemos para a vida cristã porque não queríamos passar

necessidades, não queríamos passar por momentos de abatimento, não queríamos enfrentar dores, etc.

A decisão de Paulo em seguir o cristianismo não foi para fugir dessas coisas, mas para aprender a conviver com elas quando fosse necessário.

Hoje, ao contrário do tempo apostólico, somos cristãos que a qualquer preço queremos nos livrar das dificuldades. É por isso que a teologia da prosperidade é tão fascinante. Ela promete uma vida cristã de abundância e fartura, na qual não se sofre mais e ponto-final. A teologia da prosperidade atende ao maior anseio da natureza humana caída: evitar todo tipo de sofrimento a qualquer custo.

É como oferecer um pirulito a uma criança de 5 anos. Provavelmente ela não vá perguntar: “Isso tem corante?” Ou, “Qual é a quantidade de açúcar nesse doce?” Ou, “Qual é o efeito desse doce em minha saúde?” Ela só quer desfrutar da sensação agradável que o açúcar causará no cérebro dela. A teologia da prosperidade faz algo parecido. Ela não lhe leva a perguntar: “É bíblico? Que consequência a crença de evitar o sofrimento a qualquer custo trará a meu crescimento?” Ela apenas quer levá-lo à contramão do que Paulo disse nos versos que lemos: Ela quer lhe ensinar a não aprender a conviver com necessidades ou abatimentos.

Você pode dizer: “Pastor, obrigado pelo esclarecimento, mas eu não faço parte de uma igreja que prega a teologia da prosperidade.” Mesmo assim, quero alertá-lo de uma coisa. Talvez você realmente não saiba o que é a teologia da prosperidade, talvez você pense que é apenas um grupo de igrejas que exploram as pessoas financeiramente com a proposta de bênçãos e prosperidade. Essa é apenas a ponta do *iceberg*. Na verdade, a parte mais demoníaca da teologia da prosperidade não pertence a nenhuma igreja. Ela pertence ao mundo capitalista em que vivemos. Esse sistema, mesmo sem igrejas, sem pastores e sem púlpitos, prega que você é o que tem; que precisa possuir mais, pois o que trará segurança na vida é o que você possui. Para adquirir e possuir mais, você terá que trabalhar nas horas do sábado, terá que fazer provas na faculdade nas horas do sábado, terá que comprometer as horas de convivência com sua família, terá que ser infiel nos dízimos e nas ofertas, não poderá ajudar os necessitados e, principalmente, terá que comprometer as horas de comunhão com Deus.

Jesus passou parte de Seu ministério tentando destruir esses falsos ensinamentos:

- Quando comparou o dinheiro a um deus chamado Mamom (Lc 16:13, ARC).
- Quando mandou os discípulos alimentarem a multidão sem que eles tivessem condições financeiras para isso (Mt 14:15-19).

- Quando pregou o Sermão do Monte e disse: “Não andeis ansiosos com o dia de amanhã” (Mt 6:34; Lc 12:22-31).

O sistema em que vivemos nos leva a interpretar o texto de Filipenses de forma negativa: “Eu não sei me contentar com o que tenho, não sei estar abatingido, não quero aprender a viver feliz em momentos adversos.” A triste realidade é que seu casamento irá passar por angústias, sua saúde por fraquezas, sua família por perdas, e não sabemos como enfrentar tudo isso. Se não aprendermos o que Paulo e a viúva aprenderam, falharemos no primeiro desafio.

Sabe o que é mais preocupante? O retorno de Jesus será antecedido por um período de extrema dificuldade para o qual ainda não estamos preparados, e evitamos a qualquer custo. Será uma fase quando teremos que enfrentar coisas como as que Paulo aprendeu a conviver. “O tempo de agonia e angústia que está diante de nós exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome – fé que não esmoreça mesmo que seja severamente provada. O tempo de graça é concedido a todos, com a finalidade de que se preparem para aquela ocasião.”<sup>1</sup>

A pergunta a ser feita é: Como faço para aprender o que Paulo e a viúva aprenderam? A chave para a compreensão de uma vida como a deles está nos versos 11 e 13 (Fp 4).

*“Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação”* (v. 11). Em primeiro lugar, você nunca conseguirá aprender a enfrentar as necessidades e o abatimento se não aprender a se contentar com o que tem. Para isso, você precisa evitar as dívidas a qualquer custo. Na maioria dos casos, as dívidas são um descontentamento em ter só o que se pode ter. As pessoas normalmente acumulam dívidas para ter o que não podem ter.

Um dos mecanismos mais poderosos para evitar as dívidas é possuir um orçamento familiar e viver dentro do que foi proposto. O orçamento é uma ferramenta de controle financeiro, que permite ter uma visão clara das receitas e despesas. Basicamente, fazer seu orçamento significa registrar tudo o que entra (salário, rendimentos de aplicações, pensões, etc.) e tudo o que sai (gastos, aluguel, impostos, etc.) da sua conta bancária. O objetivo, claro, é gastar menos do que se ganha, viver dentro das possibilidades financeiras e ter um claro controle da fidelidade.

Em segundo lugar, a fidelidade nos díizimos e nas ofertas é uma declaração pública de que nem tudo me pertence, e que sou capaz de me contentar com o que tenho em minhas mãos.

“Tudo posso Naquele que me fortalece” (v. 13). Imagino que você conheça pessoas capazes de dizer: “Com o que tenho posso comprar qualquer coisa, ganhar qualquer pessoa, fazer o que quiser.” Mas o convite bíblico é para você dizer: “Porque estou em Cristo, ‘posso todas as coisas.’” A solução para o aprendizado do contentamento é saber que, em Cristo, já possuo tudo o que realmente importa. Permita-se ser conduzido por Deus pelo caminho do contentamento e da paz.

Hoje, quero desafiar você a fazer um orçamento familiar. Não é algo complexo ou que irá tomar muito do seu tempo, mas lhe garanto que o resultado será eficaz para alcançar uma vida de contentamento. Existem vários recursos disponíveis na internet para fazer um orçamento familiar, mas gostaria de sugerir um que está disponível a seguir. É simples, prático e espero que seja uma bênção para você.



Acesse o QR Code e baixe um modelo para fazer o orçamento de sua família.



Acesse o QR Code e descubra o perigo de não viver com contentamento.

#### Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 621.

# 16 • A FELICIDADE QUE NUNCA CHEGA



*“O contentamento genuíno não é a autossuficiência,  
mas a cristossuficiência.”*

*John Stott*

*“Qualquer coisa que o homem acumule em seu caminho é  
parte de sua bagagem, não de sua verdadeira personalidade,  
mas sim algo que deve deixar para trás ao passar  
o posto de pedágio da morte.”*

*E. K. Simpson*

*H*á alguns anos, tive a grata oportunidade de conhecer Moçambique. Na época, esse país africano era o sétimo mais pobre do mundo. Confesso que não conhecia muito sobre o país, então comecei uma pesquisa que me levasse a conhecer melhor as pessoas com quem eu teria contato. O país se tornou independente de Portugal em 1975, mas foi imediatamente devastado por uma longa e sangrenta guerra civil que produziu uma profunda desigualdade social que prevalece até hoje.

As fotos que eu via na internet me apresentavam muita dor e sofrimento, e isso me levou a pensar que encontraria pessoas insatisfeitas, desanimadas e reclamando de tudo na vida. Após 18 horas de voo, cheguei ao pequeno aeroporto da cidade de Beira e fui recebido por três pastores com um largo sorriso. Era uma sexta-feira, e à noite eu iria pregar na Igreja Central da cidade. Às 19 horas, a igreja, que tinha a capacidade para 200 pessoas, estava lotada. E aí começou a desconstrução do meu preconceito. Eu vi, pela primeira vez na vida, 200 pessoas cantando não simplesmente com os lábios, mas com o coração. A música transmitia uma vida e uma alegria tão contagiante que eu me emocionei profundamente.

Eu levei algumas flautas, revistas e brinquedos para as crianças. Tudo muito simples, mas é indescritível a alegria que vi nas crianças ao receberem alguma coisa.

Elas recebiam, me abraçavam e saíam pulando e gritando. Certo dia, eu estava distribuindo mantimentos para 80 famílias que haviam sido previamente cadastradas, mas no momento da distribuição dezenas de outras pessoas apareceram. Os alimentos já estavam separados com o nome de cada família e eu tive a dura tarefa de avisar que nós só iríamos entregar os mantimentos para aquelas que haviam sido cadastradas. Nesse momento, eu aprendi uma grande lição. As famílias que receberam os alimentos começaram a reparti-los com as que não haviam recebido.

Pude também distribuir centenas de Bíblias. Por causa do preço, a Bíblia em Moçambique é um artigo de luxo para a maioria das pessoas. Foi através da distribuição das Bíblias que eu aprendi a maior lição da viagem. Quando eu entregava os mantimentos, as pessoas me abraçavam e agradeciam, mas quando eu entregava Bíblias, muitas pessoas choravam. Eu não conseguia entender. Então perguntei a um amigo moçambicano que me acompanhava: “Eu não entendo por que as pessoas agradecem pela comida e choram pela Bíblia. Eu pensei que seria o contrário. Elas estão com fome, então eu imaginei que ganhar a comida as faria chorar.” E ele me respondeu: “Pastor, nós agradecemos a comida, mas logo ela vai acabar. No entanto, a Bíblia nos apresenta um lugar onde a fome terá fim. Por isso, receber uma Bíblia nos emociona.”

O desespero que eu esperava encontrar, não encontrei. Apesar de ter visto muita dor e fome, também vi muitos sorrisos, abraços e disposição de compartilhar e valorizar o pouco que se tem ou recebe. Se eu pudesse resumir o que aprendi em Moçambique em uma frase seria: A felicidade fundamentada em coisas é passageira, mas a felicidade fundamentada em Deus é eterna.

Eles nunca poderiam expressar a felicidade que eu vi se não aprendessem a tirar os olhos das coisas que possuíam ou não possuíam e se alegrar naquilo que é eterno. Esse é mais um dos ensinamentos que a vida da viúva nos oferece. Quando estamos satisfeitos com o que temos e o que não temos, conseguimos ser fiéis a Deus e honestos com os seres humanos.

Viver feliz com o que tenho ou não tenho é o fundamento do último mandamento da Lei de Deus: “Não cobice a casa do seu próximo. Não cobice a mulher do seu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao seu próximo” (Êx 20:17).

O último mandamento trata de algo que acontece dentro de nós. É diferente do oitavo mandamento que diz “Não furtar” (Êx 20:15). É significativo que “não furtar” e “não cobiçar” sejam mandamentos separados. Roubar é uma cobiça visível. Já cobiçar é um roubo invisível. “Nós não podemos ser

processados por cobiça, já que a cobiça não é um ato, mas uma atitude do coração. A cobiça está para o roubo assim como o ódio está para o assassinato, e a luxúria, para o adultério.”<sup>1</sup>

Esse é o grande perigo da cobiça, ela é como uma doença invisível que traz diversos prejuízos para a vida cristã. A Bíblia afirma que cobiça é idolatria (Ef 5:5), leva a perdição (Pv 1:19), traz aflição de espírito (Ec 6:9) e traz toda espécie de males (1Tm 6:10).

Cobiça é uma palavra que praticamente não usamos no dia a dia, mas talvez seja um dos pecados mais comuns e o único que quase se transformou em virtude. Infelizmente, cobiçar tem se tornado um sinônimo demoníaco de conquistar. Deus nos estimula à conquista, mas não à cobiça. Com a moderna ascensão do marketing, somos estimulados constantemente a desejar o que ainda não temos. Há um tempo atrás, as compras eram feitas com base em necessidades, hoje elas são feitas com base em desejos.

O escritor Andy Stanley descreve essa época com as seguintes palavras:

“Imagine uma coisa dessa. Só substituía os bens quando quebravam. Que coisa mais fora de moda. Hoje, não substituímos o que temos quando quebram. Fazemos isso quando lançam um modelo mais novo da mesma coisa que já possuímos. Nós atualizamos.”<sup>2</sup>

O apóstolo Paulo pregava para uma sociedade dominada pela cobiça em todos os aspectos; por isso, várias de suas cartas apresentam fortes admoestações aos cristãos para que enfrentem a cobiça.

Em Hebreus 13:5 ele afirma: “Que a vida de vocês seja isenta de avareza. Contentem-se com as coisas que vocês têm, porque Deus diz: ‘De maneira alguma deixarei você, nunca jamais o abandonarei.’” Ele cita duas grandes passagens do Antigo Testamento: Josué 1:5 e Salmo 118:6 para mostrar que a presença de Deus é maior que qualquer ausência em nossa vida.

Em 1 Timóteo 6:6 a 8 ele acrescenta: “De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada trouxemos para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes.”

Paulo faz um jogo de palavras para nos ensinar uma grandiosa lição. Ele afirma que a piedade com contentamento é uma grande fonte de lucro. Isso é o oposto do que o mercado financeiro ensina sobre grandes lucros. O bilionário Warren Buffett disse certa vez: “Eu vou te ensinar como ficar rico. Tenha medo quando os outros estão gananciosos. Seja ganancioso quando os outros

estão com medo.” Ou seja, mesmo os mais ricos e gananciosos conhecem o efeito destrutivo da cobiça. As revistas e o noticiário constantemente nos lembram quão vazio e destrutivo é obter grandes lucros sem contentamento.

Porém, contentamento não pode ser confundido com mediocridade ou masoquismo. Contentamento também não é uma afirmação de que a pobreza é uma virtude. É possível encontrar ricos generosos e pobres mesquinhos. O que o apóstolo nos ensina é o perigo de que o desejo por dinheiro se torne insaciável ao ponto de nunca se encontrar um basta ou permitir que a ansiedade por manter o que temos nos tire a paz. Confira esta história:

Há uma velha fábula a respeito de um camponês que prestou um grande serviço a um rei. O rei o premiou, dando-lhe uma grande soma em dinheiro. Por um tempo, o homem se sentiu maravilhado, mas chegou o dia em que voltou a ver o rei e lhe pediu que recebesse seu pagamento de volta, porque em sua vida tinha entrado a preocupação, até então desconhecida, de perder o que tinha. O homem que menos tem, perderá menos; o homem que mais tem se sentirá açoitado pelo temor de perder o que tem.<sup>3</sup>

Epicuro foi um filósofo da Grécia antiga, que viveu de 341 a 271 a.C. Mesmo sem o pleno conhecimento da verdade, ele escreveu algumas palavras que podemos considerar como verdadeiras: “Aquele para quem não é suficiente o pouco, nada é suficiente. Deem-me uma torta de cevada e um copo de água, e estou preparado para rivalizar com Zeus em sua felicidade.” E quando alguém lhe perguntou sobre o segredo da felicidade e do contentamento, sua resposta foi: “Não adicionem às posses do homem, mas sim diminuam seus desejos.”

A maneira mais segura de matar a cobiça é com doses constantes de generosidade e fidelidade. Essa é a maneira segura de ser liberto desse mal destrutivo para a alma. “Paulo nos mandou ser generosos não porque quisesse nosso dinheiro, mas porque não queria que nosso dinheiro nos possuísse.”<sup>4</sup>

Ellen White, comentando sobre o poder destrutivo do egoísmo, declara:

Cristo não permitirá que uma pessoa egoísta entre nas cortes celestes. Nenhum cobiçoso poderá passar pelos portais de pérola, pois toda cobiça é idolatria.<sup>5</sup>

Desprezamos o alcoólatra, e dizemos-lhe que seu vício vai excluí-lo do Céu, enquanto o orgulho, o egoísmo e a cobiça geralmente não são condenados. Mas esses são pecados especialmente ofensivos diante de Deus, pois contrariam a benevolência de Seu caráter e o amor desinteressado que compõem a própria atmosfera do universo onde o pecado não entrou.<sup>6</sup>

São palavras duras, mas verdadeiras e necessárias. Não pense em alguém que deveria ler este capítulo, pense apenas em você. Enquanto estou escrevendo estas palavras, estou pedindo a Deus que essas verdades me atinjam de maneira transformadora. Tudo está a meu favor para que essa mudança aconteça, eu tenho exemplos maravilhosos como o de meus amigos de Moçambique, tenho a inspiração da Palavra de Deus a me exortar e, principalmente, tenho o sangue de Cristo, que é capaz de me oferecer perdão e transformação.

Os próximos capítulos deste livro nos levarão a tomar decisões grandiosas em nossa vida de fidelidade, mas antes de tomarmos essas decisões precisamos parar e pedir que Deus nos limpe da terrível mancha da cobiça e nos perdoe completamente. Para que isso aconteça, precisamos dar os seguintes passos: (1) reconhecer a cobiça em nosso coração; (2) confessá-la a Deus; (3) pedir perdão; e (4) iniciar uma prática de fidelidade e generosidade.

Esses quatro passos são nossa atividade de hoje. Converse com Deus nesse momento e permita que Ele inicie esse processo de transformação.



Acesse o QR Code e aprenda mais sobre a prática da fidelidade.

#### Referências

- <sup>1</sup> John Stott, *Como Ser Cristão* (Viçosa, MG: Ultimato, 2016), p. 133.
- <sup>2</sup> Andy Stanley, *Como Ser Rico* (São Paulo, SP: Editora Vida, 2015), p. 91.
- <sup>3</sup> Willian Barclay, *Comentario al Nuevo Testamento* (Barcelona, Espanha: CLIE, 1991), v. 12, p. 148.
- <sup>4</sup> Andy Stanley, *Como Ser Rico* (São Paulo, SP: Editora Vida, 2015), p. 79.
- <sup>5</sup> Ellen G. White, *Conselhos sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 26.
- <sup>6</sup> Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), p. 30.

# 17 • A ESTRANHA MATEMÁTICA DO CÉU

## PARTE 1



*“O ‘dar’ não sacrificial tende por ser feito como espetáculo ao dever, e deixa um mau gosto em nossa boca, bem como depressão em nosso coração.”*

*Russell Champlin*

*“Jesus está em pé no salão de Pilatos,  
Sem amigos, abandonado, traído por todos;  
Ouçam! O que significa o súbito chamado?  
Que farás com Jesus? Neutro não podes ser.”*

*Albert Simpson*

*H*á alguns anos, li a história de um empresário cristão que estava parado no cais de um porto. Ele estava visivelmente emocionado ao olhar para um navio que se distanciava no horizonte. Nesse momento, aproximou-se um amigo que também olhava o navio com atenção. Ele perguntou ao amigo empresário: “Por que você está tão emocionado olhando para o navio?”, ao que ele respondeu: “Há algumas semanas eu usei uma parte da minha fortuna para comprar um equipamento que nesse momento está dentro daquele navio. Esse equipamento será doado a um hospital na China e será usado para levar saúde e cura. Estou emocionado por ter doado uma parte de minha fortuna para salvar vidas. E você? O que está fazendo aqui? Por que está olhando com tanta atenção o navio?”

A resposta que ouviu foi: “Isso é muito intrigante, pois naquele mesmo navio está minha única filha, de 22 anos. Ela resolveu dedicar o resto da vida para ser missionária na China. No mesmo navio em que está sua máquina, também está minha filha. Tanto sua máquina quanto minha filha serão instrumentos de salvação para muitos.”

O empresário, visivelmente desconcertado, respondeu: “Amigo, agora eu sinto como se não tivesse doado coisa alguma. Diante de sua oferta, a minha perde completamente o valor. Eu me senti orgulhoso por doar parte de minha fortuna para a causa de Deus. Você está dando sua única filha.”

Desconheço a exatidão dessa história, mas reconheço a veracidade da aplicação dela. Diante da oferta da filha, a oferta da máquina perdeu completamente o valor. A entrega da viúva representou um grande sacrifício em nossa perspectiva, mas imagine que a viúva tenha entendido claramente o que representava a morte dos animais que eram sacrificados no templo. Imagine ela olhando a entrega das duas moedas, na ótica da oferta que seria oferecida por ela quando o Messias que ela tanto aguardava viesse. Esse é um dos pontos mais importantes a serem entendidos quando pretendemos fazer uma entrega completa a Deus. A cruz do calvário é o padrão da entrega. Enquanto não entendermos o tamanho do sacrifício que nos foi oferecido, nunca entenderemos o que significa uma entrega completa e grandiosa.

Não existe lógica humana que nos faça responder às seguintes perguntas: Como alguém é capaz de entregar tudo o que tem pela causa de Deus como fez a viúva? Como alguém é capaz de levar o filho ao monte Moriá para oferecê-lo em sacrifício? Como alguém é capaz de entrar em uma cova cheia de leões famintos para se manter fiel a Deus? Como alguém é capaz de rejeitar uma promoção salarial que exija que se trabalhe aos sábados? A lógica humana não funciona nesses casos. Entretanto, quando olhamos para o tamanho da oferta que nos foi feita, todas as nossas ofertas e sacrifícios perdem completamente o valor e a dimensão, não importa o valor ou a abnegação que envolvam.

Para dimensionar o valor da oferta da viúva, Jesus fez o seguinte comentário: “Esta viúva pobre lançou na caixa de ofertas mais do que todos os ofertantes. Porque todos eles deram aquilo que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento” (Mc 12:43, 44). Jesus não afirmou que ela havia entregado mais do que alguns deles, Ele afirmou que ela havia entregado mais do que todos eles. Na matemática convencional isso nunca poderia ser verdade. Comparada com as ofertas dos ricos, a oferta da viúva perdia em pelo menos três critérios: (a) a quantidade entregue era menor; (b) o valor monetário era menor; e (c) o poder de compra era menor.

A grande questão é que esses não são os critérios de avaliação de Deus para a valorização de uma oferta. Eu costumo dizer que quando se trata de entrega, Deus usa os critérios da “estranha matemática do Céu”. Ela está

presente em toda a Bíblia, basta ler com atenção. A matemática do Céu quebra a lógica humana de valorização do poder e da quantidade. Não é que ela não tenha lógica. Existe uma lógica na matemática do Céu, mas essa só é vista na perspectiva da graça e da misericórdia divina.

Por exemplo, um dia o profeta Samuel foi orientado a procurar um novo rei entre os filhos de um homem chamado Jessé. Quando os filhos se apresentaram, a lógica humana tomou conta da mente do profeta e ele viu em Eliabe, o filho mais velho, o novo rei. Era lógico! Ele era alto e de boa aparência – tudo o que um rei necessita possuir na perspectiva humana. Mas Deus, usando a matemática do Céu, repreendeu ao profeta: “Não olhe para a sua aparência nem para a sua altura, porque eu o rejeitei. Porque o Senhor não vê como o ser humano vê. O ser humano vê o exterior, porém o Senhor vê o coração” (1Sm 16:7). Essa é a matemática da graça.

Um dia, os israelitas estavam em guerra com os filisteus, e Jônatas, filho do rei Saul, estava sozinho com seu escudeiro. Próximo a eles estava uma guarnição do exército filisteu. Segundo a lógica humana, dois homens cansados não apresentam perigo nem para uma parte do exército inimigo. Porém, Jônatas decidiu adotar a lógica da matemática do Céu e falou a seu jovem escudeiro: “Porque nada pode impedir o Senhor de livrar, seja com muitos ou com poucos” (1Sm 14:6). A lógica era a seguinte: para cumprir os propósitos de Deus, muitos ou poucos não faz diferença.

Quando se trata de entregar uma oferta, os critérios da matemática divina são os seguintes: (a) o sacrifício que envolve a entrega feita; (b) o percentual que ela representa de todo o patrimônio; e (c) o sentimento com que ela é dada.

Iremos estudar cada um desses pontos nos próximos capítulos, mas já podemos entender um pouco do padrão de Deus para uma oferta. O padrão é a oferta que nos foi dada na cruz e o sacrifício que a envolve. Tudo o que fazemos para a causa de Deus deve ser feito sob a seguinte motivação: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1Jo 4:19). A grande verdade é que não fazemos nada pela causa de Deus, nós apenas respondemos em amor ao que já foi feito por nós.

No caso da viúva, Cristo disse que aquelas duas pequenas moedas eram maiores que todas as ofertas dos ricos, porque eles tinham lançado o que lhes sobrava – não envolvia nenhum sacrifício para eles –, enquanto a viúva entregou tudo o que tinha com grande sacrifício pessoal.

A entrega, para ser real, deve envolver um sacrifício. O importante não é a soma, mas o custo para o doador. Não é o tamanho, mas seu valor sacrificial. Diante disso, temos que parar e pensar: “Será que em algum momento de minha vida já fiz um verdadeiro sacrifício pela causa de Deus?” Temos que admitir que dificilmente estamos dispostos a abrir mão de algum prazer para dar um pouco mais à obra do Senhor.

Tratando desse tema, Ellen White escreveu:

Falo do sistema do dízimo; contudo, como me parece irrisório! Que valor pequeno! Como é fútil o esforço de medir com regras matemáticas o tempo, o dinheiro e o amor, em face de um amor e sacrifício imensuráveis e incalculáveis. Dízimos para Cristo! Que esmola insignificante! Que vergonhosa recompensa daquilo que tanto custou.<sup>1</sup>

Entende qual é o critério? Entende como funciona a matemática do Céu?

Nesse momento, deveríamos perguntar: Como aprendo a somar, multiplicar, subtrair e dividir de acordo com o critério divino? Outra citação do livro *O Desejado de Todas as Nações* pode nos ajudar:

Faria muito bem para nós se diariamente passássemos uma hora refletindo sobre a vida de Cristo. Devemos considerá-la ponto por ponto e deixar que a imaginação tome conta de cada cena, especialmente as finais. Ao meditar assim em Seu grande sacrifício por nós, nossa confiança Nele será mais constante, nosso amor será fortalecido, e seremos mais semelhantes a Ele. Se quisermos estar salvos no fim, teremos que aprender ao pé da cruz a lição de arrependimento e humilhação.<sup>2</sup>

Preciso confessar uma limitação deste livro. Eu posso ensinar você sobre o uso dos dons espirituais, sobre a devolução dos dízimos e das ofertas, ou sobre a fidelidade na observância do sábado. Entretanto, apenas a comunhão diária com Deus e a compreensão do sacrifício feito na cruz poderão levar você a oferecer seu melhor pela causa de Deus através do uso dos dons, a ser fiel nos dízimos e nas ofertas de maneira generosa e feliz, ou a enfrentar com coragem os desafios da fidelidade na observância do sábado. Somente quando compreendemos o mais grandioso sacrifício estaremos prontos a fazer verdadeiros sacrifícios pela causa de Deus.

Um dia, o missionário escocês Alexandre Duff regressou à sua pátria para ali morrer, depois de muitos anos de trabalho e lutas árduas na Índia. Em uma reunião em sua igreja, ele pregava e apelava a seus patrícios que se apresentassem para a continuação da obra. Porém, ninguém atendia a seu apelo. Ele insistia com tanta paixão que desmaiou ao lado do púlpito. Um médico examinava seu coração quando, repentinamente, Alexandre abriu os olhos e disse: “Eu preciso voltar ao púlpito. Preciso continuar o apelo.” “Fique calmo”, aconselhou o médico, “seu coração está muito fraco.” Mas o velho missionário não se conformou. Voltou ao púlpito e continuou o apelo: “Quando a rainha Vitória convidou voluntários, centenas de jovens se apresentaram. Mas quando o rei Jesus chama, ninguém quer atender. Será que a Escócia não tem mais filhos para atender ao apelo da Índia?”, indagou ele. O missionário esperou um pouco em silêncio, mas não houve resposta. Ele então terminou: “Muito bem. Se a Escócia não tem mais jovens para enviar à Índia, eu mesmo irei novamente, para que o povo dali saiba que pelo menos um escocês ainda se preocupa com eles.” Quando o veterano soldado de Cristo deixou o púlpito, o silêncio foi quebrado por uma multidão de jovens que se prontificaram: “Eu vou! Eu vou! Eu vou!” Depois do falecimento de Duff, muitos daqueles jovens foram para a Índia, dedicando sua vida à obra missionária.

Se a história do sacrifício de um homem nos toca tão profundamente, imagine o que fará a visão diária do sacrifício feito pelo Céu.

Hoje, quero convidar você a escrever uma pequena oração perguntando a Deus que tipo de sacrifício Ele espera de você em resposta ao que já lhe foi oferecido na cruz.

Senhor, \_\_\_\_\_

---



Acesse o QR Code e veja o que acontece quando nos entregamos de maneira sacrificial ao Senhor.

### Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 54 [76].
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 83.

# 18 • A ESTRANHA MATEMÁTICA DO CÉU

## PARTE 2



*“Essa questão de dar não é deixada ao impulso.*

*Deus nos deu instrução a esse respeito.”*

*Ellen G. White*

*“O importante não era a porção, e sim a proporção: os ricos*

*davam uma pequena parcela de sua abundância,*

*mas a viúva deu tudo o que tinha.”*

*Warren W. Wiersbe*

*N*o capítulo anterior, vimos que a “estranha matemática do Céu” observa os seguintes critérios: (1) o sacrifício que envolve a entrega feita; (2) o percentual que ela representa; e (3) o sentimento com que ela é dada.

A oferta da viúva envolveu um grande sacrifício e foi fundamentada em um percentual. Como sabemos disso? Leia novamente o seguinte verso: “Em verdade lhes digo que esta viúva pobre lançou na caixa de ofertas mais do que todos os ofertantes. Porque todos eles deram daquilo que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento” (Mc 12:43-44).

Jesus afirmou que a viúva ofertou mais que os outros. Se o critério for valor, isso não seria verdade, mas se o critério for percentual, então a afirmação é verdadeira. Ela estava dando 100% do que possuía, e este foi maior do que todos os outros percentuais devolvidos naquele dia. Comentando sobre essa passagem, Ellen White afirma: “Assim Ele ensinou que o valor da oferta é estimado não pela quantidade, mas pela proporção em que é dada e pelos motivos que movem o doador.”<sup>1</sup>

Esse critério da “matemática divina” fundamentada em percentual está claramente descrito na Bíblia e nos escritos de Ellen G. White. Por exemplo, quando Deus foi escolher a oferta que seria oferecida pela humanidade, Ele

também escolheu um percentual. Observe as seguintes citações: “O abnegado amor de Cristo é revelado na cruz. Para que o ser humano pudesse ser salvo, Ele deu tudo quanto possuía e, em seguida, entregou-Se a Si mesmo.”<sup>2</sup>

“Ao dar Seu Filho, Ele derramou sobre nós todo o Céu em apenas uma dádiva.”<sup>3</sup>

Existem duas palavras nessas citações que nos fazem entender qual porcentagem foi escolhida por Deus para Sua oferta pela humanidade perdida: “tudo” e “todo”. Se você chegar a um banco para fazer um depósito, entregar ao caixa um maço de dinheiro e disser “Quero depositar em minha conta todo esse dinheiro”, o que você está dizendo na verdade é: “Quero depositar 100% desse dinheiro que lhe entreguei.”

Um dia no Céu, Deus decidiu quanto seria entregue para a salvação do mundo. Aqui está o registro de uma parte dessa reunião: “Cristo deliberou em concílio com o Pai, nada poupar, por custoso que fosse, não reter coisa alguma, por mais elevado que fosse seu valor, para livrar o pobre pecador. Ele daria o Céu inteiro a essa obra de salvação, de restaurar a imagem moral de Deus no homem.”<sup>4</sup>

E aqui está o resultado da reunião:

O Senhor Deus do Céu reuniu todas as riquezas do Universo e as depôs para adquirir a pérola da humanidade perdida. O Pai entregou todos os Seus recursos divinos nas mãos de Cristo para que as mais ricas bênçãos do Céu pudessem ser vertidas sobre uma raça decaída. Esta dádiva foi dada ao homem para convencê-lo de que Deus não deixou de fazer coisa alguma do que podia fazer, de que nada é retido, mas todo o Céu foi vertido numa grandiosa dádiva.<sup>5</sup>

Três vezes, nessa citação, ocorre a palavra “todo”. Deus entregou 100% por Sua oferta de salvação. Esse é o padrão para afirmar que os dízimos e as ofertas também devem ser entregues a partir da escolha de um percentual.

A questão é que, para o dízimo, Deus escolheu um percentual. “A palavra dízimo literalmente significa 10% das rendas de alguém tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. De acordo com Russel Champlin, a palavra dízimo significa a décima parte de alguma coisa.”<sup>6</sup>

Já em relação às ofertas, Deus deu a liberdade para que o adorador escolha o percentual a ser devolvido. Veja algumas passagens bíblicas sobre oferta que confirmam essa afirmação: “Mas cada um oferecerá *na proporção em que*

possa dar, segundo a bênção que o Senhor, seu Deus, lhe houver concedido” (Dt 16:17, itálicos acrescentados).

Você percebeu a palavra “proporção”?

A proporcionalidade era praticada nos regulamentos divinos da vida religiosa e civil do Antigo Testamento [...]. Na orientação para a adoração, quando os homens fossem ao Templo, deviam dar ofertas na ‘proporção’ em que pudessem dar ‘segundo a bênção’ de cada um (Dt 16:17). Ou seja, a proporção é de acordo com a prosperidade: mais bênção, mais oferta. Não se tratava de valor aleatório e sem referencial algum, mas de proporção ‘de acordo com a bênção’. O referencial é o ganho que obtivemos. A Bíblia está tratando do percentual daquilo que ganhamos.<sup>7</sup>

O apóstolo Paulo ratifica esse princípio no Novo Testamento ao afirmar: “No primeiro dia da semana, cada um de vocês separe uma quantia, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que não seja necessário fazer coletas quando eu for” (1Co 16:2, itálicos acrescentados).

Outro exemplo bíblico é o caso da oferta do casal Ananias e Safira. A Bíblia relata que Ananias, “com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade, mas reteve uma parte do dinheiro. Levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos” (At 5:1-2). Eles decidiram levar uma parte e declarar 100%!

A resposta de Pedro foi contundente: “Ananias, por que você permitiu que Satanás enchesse o seu coração, para que você mentisse ao Espírito Santo, retendo parte do valor do campo?” (At 5:3). Ellen White afirma:

Com receio de que os irmãos viessem a saber que seu coração egoísta os fazia dar com má vontade aquilo que haviam solenemente dedicado a Deus, resolveram deliberadamente vender a propriedade e fingir que estavam entregando todo o resultado da venda para o fundo de finanças comum, guardando, porém, para si mesmos, grande parte do valor.<sup>8</sup>

O erro deles estava em mentir em relação ao percentual que fora por eles escolhido para a oferta. “No sistema bíblico de dízimos e ofertas, as quantias entregues por pessoas diversas certamente variarão muito, uma vez que

são proporcionais às rendas.”<sup>9</sup> “Quanto mais ansioso deveria estar cada fiel mordomo quanto a aumentar a proporção das dádivas a serem colocadas no tesouro do Senhor, do que de diminuir suas ofertas um i ou um til que seja.”<sup>10</sup>

O percentual das ofertas pode ser reavaliado na medida em que as bênçãos de Deus aumentam na vida financeira. Lembro bem o dia em que eu recebi pela primeira vez um pagamento por meu trabalho. Era um pequeno valor, mas o fruto da bênção de Deus sobre meu esforço. Decidi naquele momento devolver 10% do dízimo e 3% como oferta. Anos depois, eu consegui o meu primeiro emprego e percebi que os 3% de ofertas já não correspondiam às bênçãos recebidas e decidi então refazer o percentual de ofertas para 5%. Anos depois, Deus me deu uma esposa maravilhosa; agora eu estava completo. Resolvi então, como gratidão, reestabelecer o meu percentual de pacto. E desde então, a cada ano eu reavalio o meu percentual de ofertas para manter ou aumentar o percentual escolhido. No início da minha vida, 3% representavam um sacrifício, hoje não representam mais. Por isso preciso reavaliar o percentual olhando para as bênçãos recebidas.

Um bom resumo seria:

- 1) As ofertas e os dízimos devem ser entregues com base em um percentual.
- 2) Deus escolheu o percentual do dízimo. O adorador escolhe o percentual das ofertas.
- 3) Essa é a maneira de os dízimos e as ofertas não serem entregues por impulso ou de maneira impensada.
- 4) Não posso modificar o percentual do dízimo, pois já foi estabelecido por Deus, mas devo sempre estar desejoso por aumentar a proporção das ofertas entregues a causa de Deus.

A pergunta que podemos fazer neste momento é: Por que esse princípio de proporcionalidade é importante? Por que não posso abrir a carteira na hora do ofertório e escolher as notas que serão entregues como oferta? A seguinte história pode nos ajudar a encontrar a resposta:

Certo dia, um pai estava separando os valores de dízimo e oferta para levar à casa de Deus no sábado seguinte. Ele sempre pedia ajuda dos filhos para essa atividade. A intenção era ter a oportunidade de ensinar às crianças os valores do Reino de Deus e os princípios de fidelidade. Naquele mês, a família estava devolvendo os dízimos e as ofertas do salário, do 13º salário e de uma ajuda financeira que havia recebido de um parente próximo. Aquele pai havia decidido devolver uma quantidade de 15% de ofertas. Quando os cálculos terminaram e as crianças viram o valor total, perceberam que era uma pequena

fortuna na perspectiva delas. Ficaram abismadas e disseram: “Pai, é muito dinheiro. Tem certeza de que você vai entregar tudo isso de dízimos e ofertas?”

O pai, notando uma ótima oportunidade de ensinar os princípios da fidelidade, respondeu: “Filhos, vocês não sabem como estou triste de entregar só esse valor. Eu queria entregar um valor dez vezes maior de dízimos e ofertas, pois um valor dez vezes maior seria a proporção de um valor recebido de Deus dez vezes maior. Quando entregamos muito, quer dizer que Deus nos tem dado muito.”

Você entende? A devolução proporcional representa o reconhecimento da proporcionalidade das bênçãos recebidas. Para devolver um percentual de dízimos e ofertas, eu tenho que inevitavelmente calcular as bênçãos recebidas de Deus. E olhar para as bênçãos recebidas deve nos levar a expressar nossa fidelidade a Deus.

Hoje quero convidá-lo a orar e estabelecer seu percentual de ofertas. Se você já devolve as ofertas com base em um percentual, pode, nesse momento, orar e manter o percentual escolhido ou reestabelecer o percentual.

Senhor, em oração decido que meu percentual atual de ofertas será:

\_\_\_\_\_ %



Acesse o QR Code e saiba mais sobre o princípio da proporcionalidade das ofertas.

## Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 342.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 11 [14].
- <sup>3</sup> Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), p. 18 [21].
- <sup>4</sup> Ellen G. White, *Carta 10*, 1897.
- <sup>5</sup> Ellen G. White, *Exaltai-O* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), p. 265.
- <sup>6</sup> Demóstenes Neves da Silva, *Teologia das Ofertas & Perguntas sobre Dízimo* (Salvador, BA: Araújo Gráfica e Editora, 2013), p. 101.
- <sup>7</sup> Silva, *Teologia das Ofertas & Perguntas sobre Dízimo*, p. 25.
- <sup>8</sup> White, *Atos dos Apóstolos*, p. 72.
- <sup>9</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 52 [73].
- <sup>10</sup> White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 138 [200].

# 19 • MOVIDOS POR PRINCÍPIOS

## PARTE 1



*“É um lamentável método da parte dos homens  
procurarem melhorar os planos de Deus.”*

*Ellen G. White*

*“A verdade é uma torre forte que  
não tem necessidade de ser apoiada pelo erro.”*

*Charles Spurgeon*

**S**empre que estou viajando peço a Deus que coloque em meu caminho pessoas com quem eu possa conversar e apresentar o amor de Jesus. Quando tenho essa oportunidade, começo a levar a conversa para algum tema espiritual. Em certo ponto do diálogo, geralmente ouço a seguinte pergunta: “Você é religioso?” Eu respondo: “Sim, sou adventista do sétimo dia.” A pergunta seguinte, algumas vezes, é: “Como é a Igreja Adventista? Como ela funciona?” Eu já respondi a essa pergunta de diversas maneiras, mas há algum tempo minha resposta é: “A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma igreja movida por princípios bíblicos. Se você acredita na Bíblia de Gênesis a Apocalipse, você iria gostar de ser adventista do sétimo dia.”

Somos movidos por princípios. O que fazemos e cremos deve estar baseado na Palavra de Deus! São os princípios bíblicos que nos movem. E sabe por que são importantes? São eles que confirmam a verdadeira adoração. Você só pode saber se está adorando da maneira correta se sua adoração estiver fundamentada em princípios bíblicos. Não é o que você pensa ser o melhor, não é o que você acha mais fácil. É o que o princípio bíblico orienta.

Uma das questões do grande conflito entre o bem e o mal é a quem e como vamos adorar. Satanás não quer que você adore a Deus, mas, se você decide adorá-Lo, o inimigo tenta levar você a fazê-lo da maneira que quiser, e não da maneira como o Senhor orienta. Satanás sabe que não adorar ao Altíssimo ou

fazê-lo de maneira contrária ao que foi revelado é a mesma coisa. Por isso, a adoração e os princípios que a movem são tão importantes.

Um dos assuntos que envolve adoração é o ato de dizimar e ofertar. Biblicamente, dizimar e ofertar são atos de adoração. A Bíblia nos diz: “Honre o Senhor com os seus bens e com as primícias de toda a sua renda” (Pv 3:9). Por isso, o que fazemos e como fazemos na devolução dos dízimos e das ofertas deve estar fundamentado em claros princípios bíblicos.

Assim que a Igreja Adventista deu seus primeiros passos, não havia princípios claros sobre a devolução dos dízimos e das ofertas. Não havia uma clara orientação sobre como dizimar e ofertar. Os primeiros adventistas começaram a se fazer algumas perguntas: Como deve ser a adoração financeira da Igreja Adventista? Deve haver pastores assalariados? Deve haver recolhimento de dízimos e ofertas? Como os dízimos devem ser recolhidos e distribuídos?

Uma comissão de estudos foi formada para responder a essas perguntas. Ela era composta por cinco pastores: Thiago White, D. M. Canright, S. N. Haskell, J. N. Andrews e Uriah Smith. Eles estudaram os princípios bíblicos sobre a adoração financeira. Depois de meses de estudo, escreveram um livro com os princípios encontrados na Bíblia. Muito do que fazemos até hoje como igreja está baseado nas descobertas que essa comissão fez. A igreja adotou algumas dessas descobertas, mas continuou estudando os princípios bíblicos de fidelidade para estabelecer os passos que seguiríamos como igreja. Alguns princípios que seguimos são:

1) A fonte de pagamento para os pastores deve ser o dízimo. “Aos filhos de Levi dei todos os dízimos em Israel por herança, pelo serviço que prestam, serviço da tenda do encontro” (Nm 18:21). Essa passagem diz que o dízimo pertence ao Senhor e que Ele decidiu que deveria ser usado para a manutenção dos levitas. Então ficou decidido que os pastores adventistas, assim como acontecia com os levitas, deveriam ser mantidos com os recursos do dízimo. Esse princípio é reafirmado pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 9.

Ellen White afirma: “Foi a esse plano para sustento do ministério que Paulo se referiu quando disse: ‘Ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho’ (1Co 9:14). E mais tarde, escrevendo a Timóteo, o apóstolo disse: ‘O trabalhador é digno do seu salário’ (1Tm 5:18).”<sup>1</sup>

2) Outro princípio descoberto pelos pioneiros está em Números 18:20: “O SENHOR disse também a Arão: ‘Na terra deles você não terá nenhuma

herança e, no meio deles, você não terá nenhuma porção. Eu sou a sua porção e a sua herança no meio dos filhos de Israel.” Aqui há uma coisa belíssima para entendermos. Não havia nenhum problema em alguém ser muito rico entre o povo de Israel, mas a maneira de se tornar rico era receber um pedaço de terra para criar animais, plantar, colher e adquirir riquezas. Onze tribos tinham sua herança, a sua terra. Uma tribo, no entanto, não recebeu nenhuma terra em Canaã. Sabe qual tribo? A tribo dos levitas. Eles não tinham como plantar grandes porções de terra nem tinham como criar grandes quantidades de gado. Deus havia dito: Eu sou a riqueza de vocês! Recebendo dos dízimos, eles nunca poderiam chegar a ser os mais ricos de Israel; tampouco, seriam os mais pobres, mas viviam na média de 10% (dízimo) da riqueza e da pobreza de Israel.

A igreja viu nesse princípio que os pastores deveriam ganhar do dízimo, mas não ao ponto de se tornarem ricos. Falando de maneira clara, biblicamente, essa ideia de pastores multimilionários, que aparecem nas listas dos homens mais ricos, comprando jatinho, fazendas e fazendas de gado, é uma clara rejeição de um princípio bíblico. Se um adventista desejar se tornar um milionário, não há nenhum problema, desde que não receba seu salário da Igreja Adventista.

3) Se você estudar os detalhes do trabalho dos levitas na Bíblia, vai descobrir que a tribo dos levitas era dividida por famílias e que cada uma tinha uma atividade específica. Uma família se dedicava a dirigir o louvor no templo, outra era responsável por zelar pelo tabernáculo, outra tinha a tarefa de montar e desmontar o acampamento. A família mais conhecida era a de Arão, responsável por dirigir todo o ritual do sacrifício. O princípio aqui é o seguinte: nem todos os levitas faziam as mesmas coisas, mas todos ganhavam sob a mesma base salarial. Isso está descrito em 2 Crônicas 31:15: “Debaixo das suas ordens estavam Éden, Miniamim, Jesua, Semaías, Amarias e Secanias, nas cidades dos sacerdotes, para com fidelidade distribuírem as porções aos seus irmãos, segundo os seus turnos, tanto aos pequenos como aos grandes.” O termo “tanto aos pequenos como aos grandes” revela que todos os sacerdotes, quer fosse o sumo sacerdote ou o levita que zelava pelo tabernáculo, ganhavam com a mesma base salarial.

Esse princípio também foi adotado por nossa igreja. Todos os pastores adventistas ganham sob a mesma base salarial. A igreja adota um fator percentual para pagar a todos os pastores, independentemente de onde ele trabalha

ou qual função exerça. Quer seja distrital, administrador ou departamental, todos recebem sob a mesma base salarial, assim como acontecia aos levitas.

Esse princípio se aplica ao salário, pois, em algumas funções pastorais, os pastores atendem um território maior que outras, exigindo assim um reembolso de despesas diferente de uma função para outra. Por exemplo: a geografia de trabalho de um pastor distrital com oito igrejas não é a mesma que a de um departamental de União que atende 200 igrejas. Então, o salário de ambos tem a mesma base, mas, logicamente, as despesas de viagem não podem ser as mesmas. Isso é chamado de reembolso e não faz parte da base salarial do pastor, por serem despesas operacionais do trabalho.

Outras perguntas a serem respondidas por nossos pioneiros eram: Como a igreja deveria recolher os dízimos e as ofertas? Como seria o processo de pagamento dos pastores? Cada igreja deveria pagar seu próprio pastor? Então eles estabeleceram um quarto ensinamento fundamentado em um princípio bíblico. Veja que descoberta bíblica maravilhosa:

4) Quando o povo entrou na terra de Canaã, Josué dividiu a terra para as tribos. Cada tribo ficou com uma porção de terra. Apenas uma tribo não recebeu nenhum território, a tribo de Levi. Deus orientou Josué a separar no território das tribos 48 cidades onde os levitas iriam morar (Nm 35:7-8). Os levitas não tinham território; moravam em cidades espalhadas nos territórios das tribos irmãs. A isso poderíamos chamar de “distritos pastorais” dos levitas.

O mais fácil e lógico era que cada tribo pagasse seus próprios levitas. Isso era o mais fácil! Cada tribo recolheria o dízimo e pagaria os levitas da sua região. Porém Deus orientou que não deveria ser assim. Os dízimos deveriam ser recolhidos por todas as tribos e levados para um único lugar, Jerusalém, e, depois, alguns levitas responsáveis por isso voltariam pagando os demais levitas. Imagine a complicação! Não existia banco, transferência bancária nem o aplicativo 7Me. Você consegue imaginar a dificuldade? Por que Deus fez assim?

Imagine que você fosse levita em uma cidade próxima à região de Berseba, na área sul da tribo de Judá, e outro levita conhecido trabalhasse nos vales férteis da tribo de Naftali, ao norte. Imagine que houvesse uma seca muito grande na região de Berseba, e os habitantes não tivessem recursos para devolver os dízimos e pagar os levitas da sua região, enquanto os habitantes da tribo de Naftali tivessem uma colheita extraordinária, elevando o valor do dízimo às alturas. Provavelmente, você pensaria: “Eu não quero mais

ser levita aqui em Judá, quero me mudar para a região de Naftali para poder manter minha família!"

Aqui está a beleza da sabedoria divina. O homem não é capaz de pensar nisso. Deus, em Sua sabedoria infinita, é capaz de pensar em tudo. Todo o dízimo de Israel era reunido em um único lugar, em Jerusalém, e depois havia levitas que tinham a função de retornar, pagando os levitas de todas as 48 cidades (2Cr 31:11-15). Essa era a maneira de Deus fazer com que um levita não invejasse o levita de outro lugar, e impedia que um levita fosse rico enquanto outro padecesse necessidades.

É exatamente assim que a Igreja Adventista paga seus pastores. Quando você devolve o dízimo, o tesoureiro de sua igreja não paga o pastor, mas envia para a Associação/Missão que recolhe o dízimo de todas as igrejas e paga os pastores com a mesma base salarial. Nenhum pastor adventista precisa estar preocupado em ser pastor em uma igreja com mais recursos financeiros, pois o pastor do distrito mais simples financeiramente recebe sob a mesma base salarial do pastor do distrito mais forte financeiramente.

Esse princípio é belo em sua simplicidade e extraordinário em sua profundidade. Só estaremos seguros enquanto seguirmos as claras orientações reveladas por Deus em Sua Palavra.

Neste momento, quero convidá-lo a escrever uma oração de gratidão a Deus por Sua clara revelação de princípios que norteiam nossa vida como igreja e indivíduos.

Senhor, muito obrigado por \_\_\_\_\_

---



---



---



---



Acesse o QR Code e assista ao vídeo para fortalecer sua compreensão do tema estudado.

#### Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 335, 336.

# 20 • MOVIDOS POR PRINCÍPIOS

## PARTE 2



*“Devemos manter-nos firmes como uma rocha  
aos princípios da Palavra de Deus.”*

*Ellen G. White*

*“Qualquer ensinamento que não se enquadre nas Escrituras deve  
ser rejeitado, mesmo que faça chover milagres todos os dias.”*

*Martinho Lutero*

**E**m outubro de 1520, Martinho Lutero publicou um tratado teológico intitulado “Do Cativo Babilônico da Igreja”. Esse documento é conhecido como o mais forte ataque do reformador ao papado e às crenças católicas. Nesse tratado, pela primeira vez, ele chamou o papa de anticristo e, no decorrer do texto, ele analisa cada um dos sete sacramentos católicos à luz da Bíblia. No entanto, por ser um documento teológico, ele escreveu em latim – um idioma compreendido pelo clero, mas inacessível ao povo.

Para que esse documento ficasse disponível ao povo, uma coisa inimaginável aconteceu. Um de seus maiores adversários, o teólogo franciscano Thomas Murner, decidiu traduzir o tratado na íntegra para o alemão, e assim deixar que todo o povo tivesse contato com essa produção de Lutero. A intenção dele era expor o que ele considerava como radicalismo em Lutero e fazer com que o povo achasse ridículo seguir as ideias e os ensinamentos do reformador.

No entanto, exatamente o oposto aconteceu. A tradução de Murner ajudou a levar as ideias bíblicas de Lutero por toda a Alemanha. No ano seguinte, em abril de 1521, Lutero foi levado à cidade de Worms para ser interrogado e levado a abandonar suas convicções nos princípios bíblicos. Ao ser perguntado se estava pronto para abandonar as “heresias”, Lutero respondeu: “A não ser que eu esteja convencido pelo testemunho das Escrituras ou pela razão clara (pois não confio nem no papa ou em concílios por si sós, pois é bem sabido que eles

frequentemente erraram e se contradisseram) sou obrigado, pelas Escrituras que citei, e minha consciência é prisioneira da palavra de Deus. Não posso e não irei renegar nada, pois não é nem seguro nem correto agir contra a consciência.”

Esse é um excelente exemplo da importância dos princípios bíblicos e da grandiosidade de alguém que decidiu guiar sua vida de acordo com os princípios da Palavra de Deus. Assim devemos ser em todos os aspectos de nossa vida.

Um dos princípios mais importantes é o recolhimento dos recursos de dízimos e ofertas em um único lugar para, em seguida, serem redistribuídos e atenderem ao povo de Deus como um todo. A questão a ser respondida é: O povo de Deus sempre reuniu os recursos em um único lugar para depois pagar os levitas de maneira igualitária? A resposta é dupla: Sim, quando o povo andava nos caminhos do Senhor; e não, quando se afastava Dele.

Vejamos alguns exemplos. No tempo do rei Joás, para onde o povo levava os dízimos e as ofertas? “O rei deu ordem e fizeram um cofre e o puseram do lado de fora, junto ao portão da Casa do SENHOR” (2Cr 24:8). Nesse tempo, o povo de Deus estava espalhado pelas tribos do sul. Era um território grande, mas eles levavam os dízimos para uma espécie de cofre que o rei Joás havia construído.

No tempo do rei Ezequias, o mesmo princípio foi seguido (2Cr 31:11-12). O mesmo se repetiu na reforma dirigida por Neemias (Ne 13:12).

No tempo do profeta Malaquias, mais uma vez, esse princípio era seguido pelo povo de Deus. “Tragam todos os dízimos à casa do Tesouro” (Ml 3:10). “A casa do tesouro mencionada pelo profeta é uma clara referência à tesouraria centralizada no templo.”<sup>1</sup>

Em todos esses períodos, os dízimos e as ofertas eram levados para um único lugar e dali eram redistribuídos para o pagamento de todos os levitas nas diversas cidades de Israel. Por isso, é tão perigoso quando alguém diz: “Eu vou devolver o dízimo, mas só se ele ficar na igreja local.” Como adventistas do sétimo dia, não somos uma igreja local, mas uma família espalhada por toda a terra e que tem uma missão mundial. Deus planejou assim para que os dízimos e as ofertas pudessem ser usados para atender todo o povo de Deus ao redor do mundo.

Entretanto, houve um tempo em que esse sistema de Deus foi quebrado. Foi no tempo do reinado de Jeroboão. A história está registrada em 1 Reis 12:26 a 28. Você se lembra de que o rei Roboão e o rei Jeroboão dividiram o reino de Israel?

Roboão era neto de Davi, mas se desentendeu com algumas tribos do norte que decidiram que a família de Davi não deveria mais governá-las.

O novo rei ficou apenas com as tribos de Judá e Benjamim ao sul. As dez tribos do Norte escolheram Jeroboão como rei. No entanto, Jerusalém, onde todo o povo de Deus deveria levar os dízimos, estava na região do reino do Sul. O povo do Norte deveria atravessar a fronteira e devolver os dízimos e as ofertas na casa do tesouro em Jerusalém, como haviam feito até aquele momento.

O rei Jeroboão instituiu então seu primeiro decreto real, que está descrito em 1 Reis 12:26 a 29:

Então ele pensou: “Agora o reino voltará para a casa de Davi. Se este povo subir para fazer sacrifícios na casa do SENHOR, em Jerusalém, o coração deles se voltará para o senhor deles, para Roboão, rei de Judá. Eles me matarão e voltarão para ele, para o rei de Judá. Por isso, depois de se aconselhar, o rei fez dois bezerros de ouro e disse ao povo: “Basta de subir a Jerusalém! Eis aqui os seus deuses, ó Israel, que tiraram vocês da terra do Egito!” Pôs um em Betel e o outro em Dã.

O rei Jeroboão pensou assim: “Se o povo continuar indo para Jerusalém devolver o dízimo e as ofertas, o povo vai voltar a ser um.” Por isso, ele fez um altar em uma cidade chamada Dã e outro em Betel, onde o povo seria instruído a descentralizar os recursos da causa de Deus. O primeiro decreto do rei não foi para que o povo parasse de guardar o sábado nem para que adorassem outros deuses. O primeiro decreto foi para que o povo parasse de levar os dízimos para Jerusalém, porque ele sabia que se o povo direcionasse suas finanças em um lugar só, as tribos teriam a chance de voltar a se unir.

A verdade é que quando Satanás quer separar o povo de Deus, a primeira coisa que ele faz é descentralizar suas finanças. Quando as finanças são descentralizadas e cada um lida com os recursos de Deus como quer, a unidade do povo de Deus é ameaçada. Nunca mais o povo de Israel foi um, pois nunca mais voltaram a devolver os dízimos e as ofertas em um único lugar. Você entende agora o perigo de alguém dizer que vai devolver o dízimo, mas só se ele permanecer na igreja local?

Falando sobre esse sistema divinamente inspirado, Ellen White comenta sobre os seis objetivos que são alcançados quando se seguem as orientações bíblicas:

Grandes objetivos se conseguem com este sistema. Se todos o aceitassem, cada um se tornaria vigilante e fiel tesoureiro de Deus; e não haveria falta de meios com que levar avante a grande obra de anunciar a derradeira mensagem de advertência ao mundo. O tesouro estará provido se todos adotarem esse sistema, e os contribuintes não ficarão mais pobres. A cada depósito feito, vão se tornar mais ligados à causa da verdade presente. Eles estarão entesourando “para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna” (1Tm 6:19).<sup>2</sup>

Você consegue observar os seis objetivos alcançados? São eles:

1. “Cada um se tornaria vigilante e fiel tesoureiro de Deus” – Esse é o melhor antídoto para o egoísmo: viver como um vigilante e fiel tesoureiro dos recursos que Deus me confiou.
2. “Não haveria falta de meios com que levar avante a grande obra de anunciar a derradeira mensagem de advertência ao mundo” – De acordo com essa citação, a falta de recursos para avançar na pregação do evangelho está diretamente ligada ao descumprimento da orientação bíblica de levar os dízimos e as ofertas à casa do tesouro.
3. “O tesouro estará provido se todos adotarem esse sistema” – Os recursos para a igreja local e para as igrejas ao redor do mundo estarão disponíveis, pois 60% das ofertas ficam na igreja local e 40% são usados para atender outras regiões do planeta.
4. “Os contribuintes não ficarão mais pobres” – É a infidelidade, não a fidelidade, que nos leva à pobreza. Quando somos infiéis estamos dizendo: “Não dependo de ninguém, sozinho eu consigo.” Logo iremos ouvir um claro “sem Mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15:5).
5. “A cada depósito feito, vão se tornar mais ligados à causa da verdade presente” – Esse é um ponto fascinante. Nós estamos ligados ao que investimos. Por isso, Jesus afirmou que onde estiver nosso tesouro, ali estará nosso coração (Mt 6:21).
6. “Eles estarão entesourando para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna” – Esse ponto precisa ser bem esclarecido para que não pareça salvação pela doação. Não é salvação pelas obras de fidelidade, mas o resultado da salvação nas obras de fidelidade. Precisamos entender que a maneira como nos relacionamos

com o dinheiro, o tempo e os dons que nos são confiados demonstram o efeito que a salvação está tendo em nossa vida. Por isso, concordo com o que o escritor Brian Kluth afirmou: “Os extratos de sua conta bancária e de seu cartão de crédito são documentos teológicos. Eles lhe dizem quem e o que você adora.” Eu ainda acrescentaria que eles também dizem se estamos caminhando para a vida ou destruição eterna.

Espero sinceramente que você tenha entendido que a maneira como a Igreja Adventista lida com os recursos não está baseada em uma invenção humana, mas em um claro “assim diz o Senhor”. Essa é uma das maneiras de nos mantermos unidos como povo. Ellen White afirma:

A unidade é a força da igreja. Satanás o sabe, e emprega toda a sua força para introduzir dissensão. Ele deseja ver falta de harmonia entre os membros da igreja de Deus. Deve ser dada maior atenção à questão da união.<sup>3</sup>

Você deseja adorar a Deus por meio dos dízimos e das ofertas? Então tome a decisão de fazê-lo não como você deseja, não como acha melhor (mais lógico ou mais fácil), mas de acordo com os princípios e as orientações bíblicas. Deus e Sua palavra são a única base segura para nossa adoração. Fale com Deus nesse momento e reestabeleça sua decisão de ser movido por princípios bíblicos.



Acesse o QR Code e conheça mais sobre os princípios da fidelidade.

### Referências

- <sup>1</sup>. Willen Vangemeren, ed., *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1997), v. 1, p. 448.
- <sup>2</sup>. Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), v. 1, p. 367, 368.
- <sup>3</sup>. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), v. 2, p. 159, 160.

# 21 • ALGUÉM ESTÁ VENDENDO!



*“Testifico aos meus irmãos e irmãs que a igreja de Cristo, por débil e defeituosa que seja, é o único objeto sobre a Terra a que Ele confere Sua suprema atenção.”*

*Ellen G. White*

*“Precisamos ter uma disposição individual de fazer esforços consideráveis para alcançar e manter a unidade da igreja.”*

*Ángel Manuel Rodríguez*

Certa vez, um homem resolveu invadir os campos de um vizinho para roubar um pouco de trigo. “Se eu tirar um pouco de cada campo, ninguém irá perceber”, pensou. “Então terei uma grande quantidade de trigo facilmente.” Ele esperou por uma noite escura e nublada para executar seu plano. Saiu de casa às escondidas e levou consigo sua filha.

“Filha”, disse baixinho, “fique de guarda e me avise se alguém aparecer.”

O homem entrou de mansinho no primeiro campo e começou a colheita. Mal havia começado quando ouviu sua filha gritar: “Papai, alguém está vendo você!”

O homem olhou em volta, sem ver ninguém; amarrou o trigo que havia colhido e foi rapidamente para o segundo campo. “Papai, alguém está vendo você!”, alertou a filha novamente. O homem olhou bem para todos os lados, mas novamente não viu qualquer pessoa. Irritado, disse à filha: “Por que você está dizendo que alguém está me vendo? Já olhei para todos os lados e não vejo ninguém.” “Papai”, murmurou a criança, “Alguém está vendo você lá de cima.”<sup>1</sup>

Até esse momento, estudamos sobre o belo exemplo da viúva e as lições que ela nos ensina a praticar, mas os versos bíblicos anteriores ao registro da história dela nos apresentam a mesma verdade contida na história da menina e seu pai desonesto: Alguém está vendo! Leia os versos 38 a 40 de Marcos capítulo 12: “E, ao ensinar, Jesus dizia: ‘Cuidado com os escribas, que gostam de andar

com vestes talares e das saudações nas praças; buscam as primeiras cadeiras nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; devoram as casas das viúvas e, para o justificar, fazem longas orações. Estes sofrerão juízo muito mais severo.”

Imediatamente após essa fala, está o relato da oferta da viúva. Isso é no mínimo curioso. Jesus deixa claro que Ele tanto observava a atitude pública da viúva como também a atitude privada dos escribas.

A palavra “escriba” vem do verbo “escrever”. Os escribas eram judeus que tinham a função de copiar manuscritos, ensinar e interpretar a Torá e outras literaturas judaicas e executar tarefas no templo. Além disso, eles atuavam na preparação de diversos documentos como escrituras e registros, eram como tabeliães da época. Muitos deles eram membros do Sinédrio, uma espécie de suprema corte judaica. Alguns deles faziam parte da seita dos fariseus ou saduceus, alguns também eram sacerdotes e levitas.<sup>2</sup>

Jesus os denuncia como orgulhosos, egoístas, hipócritas e indignos de confiança. E, em seguida, enumera seis pontos de suas atitudes malignas.

1) *Gostavam de andar com vestes talares* – Usavam uma faixa de tecido ao redor do pescoço, para diferenciá-los das pessoas comuns.<sup>3</sup>

2) *Gostavam de receber saudações públicas* – Tinham um desejo de reconhecimento público de superioridade.

3) *Gostavam das primeiras cadeiras nas sinagogas* – Quem se sentava à frente tinha a dupla vantagem de ler, orar e ver a todos. Além disso, era considerado um sinal de honra ser convidado a sentar-se nesse lugar.<sup>4</sup>

4) *Gostavam dos primeiros lugares nos banquetes* – Isso também era considerado um sinal de superioridade na época de Cristo.

5) *Devoravam as casas das viúvas* – Comentando sobre esse ponto, Ellen White declara: “Os fariseus tinham grande influência sobre o povo e se aproveitavam disso para servir aos próprios interesses. Conquistavam a confiança de piedosas viúvas e, então, apresentavam como seu dever dedicar sua propriedade a fins religiosos. Havendo conseguido controle sobre seus bens, os astutos calculistas usavam-nos para seu benefício.”<sup>5</sup>

6) *Tentavam se justificar com longas orações* – Em Mateus 6:6 a 8, Jesus já havia denunciado a prática hipócrita de fazer longas e audíveis orações em público para atrair a atenção.

Essas práticas dos líderes religiosos da época de Cristo eram amplamente conhecidas por todos. E Jesus, mesmo conhecendo as atitudes deles,

parabeniza a viúva por levar sua oferta para o templo, recursos esses que seriam administrados por eles. O teólogo Elwood Sanner até instiga nossa imaginação com a seguinte pergunta: “Poderia essa pobre viúva ser uma daquelas cujas casas foram devoradas pelos escribas?”<sup>6</sup>

Do ponto de vista humano, talvez fosse mais razoável que Jesus desestimulasse a prática da devolução das ofertas no templo, já que a corrupção prevalecia entre os líderes religiosos da época. Segundo Ellen White:

Muitos teriam aconselhado que ela guardasse seu escasso recurso para o próprio uso. Nas mãos dos ricos sacerdotes, seria perdido de vista entre as muitas e grandes ofertas levadas ao tesouro. Jesus, porém, entendeu o motivo dela. Ela acreditava que o serviço do templo era indicado por Deus e estava ansiosa por fazer tudo que lhe era possível para a manutenção dele.<sup>7</sup>

Preciso entrar em um ponto muito delicado neste momento. Ao longo de meus 20 anos de ministério tenho encontrado pessoas que me dizem serem incapazes de devolver os dízimos e as ofertas por não concordarem com a maneira como a igreja usa os recursos, por não concordarem com o estilo de vida de alguns pastores e não perceberem transparência no uso dos recursos da igreja. Elas me questionam e geralmente imaginam que irei afirmar que os líderes da igreja são infalíveis e inquestionáveis. No entanto, sempre que converso com pessoas que trazem seus questionamentos, eu respondo que ao longo de meu ministério também tenho feito meus questionamentos.

Não é proibido ter dúvidas e questionamentos; a grande questão é decidir o que fazer e como agir quando eles surgem. A história da viúva me ajudou a entender esse ponto. Jesus havia acabado de questionar a atitude dos líderes religiosos e, logo em seguida, estava no templo parabenizando a viúva por entregar a oferta a esses líderes questionáveis. Jesus nos ensina que, se esperamos atitudes corretas das pessoas, devemos agir corretamente. Martin Luther King Jr. afirmou: “Um grande perigo para nós é a tentação de imitar as pessoas a quem nos opomos.” Muitas vezes queremos ensinar valores corretos com atitudes erradas. Queremos defender a verdade indo às redes sociais fazer acusações. Queremos mudanças profundas com retaliações. Isso pode até ser estimulado no conturbado ambiente social em que vivemos, mas precisamos olhar para a Palavra de Deus e entender

que os valores e princípios do reino de Deus são diferentes dos valores e métodos do mundo.

Você deve então estar se perguntando: “Tudo bem pastor, mas como devo agir quando não concordo com a maneira pela qual as coisas são conduzidas na igreja?” Essa é uma pergunta tão importante que eu gostaria de responder com uma citação da profetisa Ellen White.

Alguns têm se sentido insatisfeitos, e dito: “Não devolvarei mais o dízimo; pois não confio na maneira pela qual as coisas são dirigidas na sede da obra.” Roubarão, porém, a Deus, por pensarem que a direção da obra não é correta? Apresentem sua queixa franca e abertamente, no devido espírito, e às pessoas competentes. Solicitem em suas petições que se ajustem as coisas e ponham em ordem; mas não se retirem da obra de Deus, nem se demonstrem infiéis porque outros não estejam fazendo o que é correto.<sup>8</sup>

Essa citação nos ensina cinco coisas muito profundas:

1) A decisão de ser infiel, por perceber coisas erradas sendo feitas com os recursos da igreja, é considerada por Deus como roubo.

2) Apresente sua queixa. Você não precisa ser omissivo e fechar os olhos para erros cometidos.

3) Essa apresentação da queixa deve ser feita de maneira franca. Franco é alguém que é sincero e não dissimula o pensamento. A franqueza é uma virtude, mas, assim como outras virtudes, Satanás pode transformá-la em um defeito. Algumas pessoas parecem gostar de se denominar francas, alegando que falam o que pensam a quem quiserem e na hora que bem entendem. Dessa maneira, a franqueza se torna destrutiva.

4) Para que a franqueza seja uma virtude cristã, ela deve ser apresentada no “devido espírito”. Não seria um erro acrescentar: “no devido espírito cristão”. Ore antes de apresentar a queixa, peça a Deus que coloque amor em suas palavras e lhe dê sabedoria ao apresentar seus questionamentos. Coloque-se em uma posição de alguém que quer ajudar e não destruir.

5) Apresente as observações a pessoas competentes. Eu poderia acrescentar: “Não apresente nas redes sociais.” Não siga o espírito revolucionário da época que ensina que a exposição é a única maneira de resolução. Por fim, não enxergue todos os que estão à frente da causa de Deus como aproveitadores e

desonestos, e sim como seres humanos que têm dado o melhor de suas vidas pela causa da cruz, mas que não passam de seres humanos falhos e passivos de erros voluntários ou involuntários. E o mais importante, admita estar errado quando as explicações apresentadas mostrarem isso.

A citação conclui afirmando: “Mas não vos retireis da obra de Deus, nem vos demonstreiis infiéis porque outros não estejam fazendo o que é correto.” Não se retire da obra de Deus. Ele tem uma obra neste mundo e convida você a unir-se completamente a ela. O Senhor está mais interessado em pôr em ordem Sua causa do que você; por isso, não responda com infidelidade aos erros cometidos por alguns.

Preciso terminar este capítulo louvando a Deus, pois, ao longo dos anos, percebo que na esmagadora maioria das vezes eu tenho visto a causa de Deus ser conduzida com sensatez e responsabilidade. Deus tem conduzido Sua igreja e eu quero permanecer unido e comprometido com ela até o fim.

Talvez você tenha perdido a confiança na maneira como a obra de Deus tem sido conduzida, por isso eu quero convidá-lo a orar neste momento e pedir sabedoria a Deus para agir de acordo com a orientação profética e principalmente para continuar envolvido com a causa da verdade com fidelidade.



Acesse o QR Code e relembre o que a Bíblia ensina sobre o tema deste capítulo.

### Referências

- <sup>1</sup> Adaptado de William J. Bennett, org., *O Livro das Virtudes para Crianças* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997), p. 68.
- <sup>2</sup> Peter Tan-Gatue, J. D. Barry e L. Wentz, orgs., *Lexham Bible Dictionary* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2014), p. 432.
- <sup>3</sup> W. Hendriksen, *Comentário Sobre o Novo Testamento: O Evangelho segundo São Marcos* (Grand Rapids, MI: Challenge Books, 1998), p. 506.
- <sup>4</sup> Hendriksen, *Comentário Sobre o Novo Testamento: O Evangelho segundo São Marcos*, p. 506.
- <sup>5</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 614.
- <sup>6</sup> A. E. Sanner, *Comentario Bíblico Beacon: Mateo hasta Lucas, Tomo 6* (Lenexa, KS: Casa Nazarena de Publicaciones, 2010), p. 384.
- <sup>7</sup> White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 615.
- <sup>8</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 227.

# CONCLUSÃO



*“Que regozijo haverá quando os remidos se encontrarem com os  
que se preocuparam em seu favor, e os saudarem!”*

*Ellen G. White*

*“Quando eu perseguia o dinheiro, nunca tinha o suficiente,  
mas quando eu concentrei minha vida em doar  
e ajudar, me tornei próspero.”*

*Wayne Dyer*

A dugnaw Worku é um experiente bibliotecário-chefe da Faculdade União do Pacífico, uma instituição adventista na Califórnia. No entanto, sua vida nem sempre foi cercada por livros. Ele nasceu na zona rural da Etiópia e, aos sete anos de idade, tornou-se um pastor de ovelhas. Até os 12 anos, sua obrigação diária era vigiar o rebanho da família. Sua família sobrevivia principalmente da lavoura, por isso, após os 12 anos de idade, ele aprendeu a arar, plantar e colher. O trabalho era extenuante; eles literalmente viviam do suor do rosto. Não era uma questão de escolha, mas de sobrevivência.

Entretanto, aos 15 anos, ele sofreu um terrível acidente que o cegou e desfigurou seu olho esquerdo. Os melhores “profissionais” de saúde da aldeia tentaram ajudá-lo, mas nada funcionou. Assim, a família decidiu enviá-lo para um hospital moderno. Ele caminhou por dois dias até o hospital mais próximo, construído no meio do “nada” e que pertencia aos adventistas do sétimo dia.

Quando ele chegou ao hospital, percebeu que ao lado havia uma igreja e uma escola adventista. Enquanto estava sendo tratado, observava atentamente os alunos da escola. Prestava atenção ao que faziam e como se comportavam. Logo percebeu que eles tinham algo especial que ele não tinha e sentiu o quanto necessitava de educação.

O desejo de frequentar a escola se tornou incontrolável, e Worku decidiu encontrar um meio de concretizá-lo. Havia, porém, dois grandes problemas: ele não tinha o consentimento dos pais nem dinheiro. No interior da Etiópia, os pais exercem poder e influência sobre os filhos na escolha da profissão, do cônjuge, da religião, etc. Mesmo com temor de ir contra o desejo dos pais, ele não deixava de pensar sequer um minuto sobre a possibilidade de frequentar aquela escola.

No hospital, ele aprendeu a orar, e durante todo o dia ele repetia a seguinte oração: “Querido Deus, por favor, me ajude!” O Senhor ouviu aquela simples oração e a respondeu miraculosamente. Ele conseguiu o consentimento dos pais e uma bolsa de estudos aos 15 anos. No meio do ano, ele ingressou na 1ª série. Ele estava tão agradecido e feliz que, até hoje, considera aquela data como o dia de seu segundo nascimento. Anos depois, ele se uniu à Igreja Adventista e passou por seu terceiro nascimento, o batismo.

Aos 22 anos, concluiu a 8ª série – e foi o primeiro em sua classe. Nada mal para um jovem agricultor! Naquele mesmo ano, conheceu, na sede da Missão, o doutor Harvey Heidinger e sua esposa, Elizabeth, uma maravilhosa família de missionários americanos, do sul da Califórnia, que lhe receberam em seu lar como um de seus filhos.

Essa família de missionários deixou o conforto e as conveniências do sul da Califórnia e viajou para aquela distante Missão, no noroeste da Etiópia. Eles financiaram os estudos de Worku e de seus irmãos até a faculdade. Após o ensino médio, ele foi matriculado na Faculdade Avondale, na Austrália, onde se formou aos 30 anos. Seguiu, então, para a Universidade Andrews, nos Estados Unidos, para cursar um mestrado. Casou-se aos 36 anos e tornou-se pai aos 40.

Toda uma vida foi transformada pela atitude de generosidade e bondade por parte da família Heidinger. Eles não imaginavam o quanto a ajuda oferecida teria impacto sobre toda uma geração e sua posteridade.

Geralmente é isso o que acontece com nossas atitudes de fidelidade: elas se tornam uma corrente de resultados positivos que desconhecemos onde vão parar. O mesmo é verdade em relação à oferta da viúva. Leia com atenção a seguinte citação:

A viúva pobre que entregou suas duas moedas na tesouraria do Senhor não teve a completa proporção de seu ato. Seu exemplo de sacrifício pessoal exerceu e exerce influência sobre milhares de corações em todas as terras e em todas as eras. Tem trazido para o tesouro

de Deus dádivas de nobres e humildes, ricos e pobres. Tem ajudado a manter missões, a estabelecer hospitais, a alimentar os famintos, vestir os nus, curar os doentes e pregar o evangelho aos pobres. Multidões têm sido abençoadas pelo seu ato de desprendimento. E, no Dia de Deus, ela verá os resultados de todas essas áreas de influência.<sup>1</sup>

Essa citação é extraordinária! Ela me faz viajar no tempo e imaginar a quantidade de sermões que já foram pregados sobre a atitude da viúva e suas duas moedinhas. Imagino quantas pessoas saíram da infidelidade para a fidelidade por causa do exemplo dela e penso nos imensos recursos destinados à causa da salvação pelos corações tocados por essa história.

Já vimos ao longo deste livro que a fidelidade não é uma moeda de troca pelos benefícios de Deus. No entanto, a Bíblia nos garante que a fidelidade traz recompensas parciais nessa terra e recompensas infinitas na eternidade. Um dia veremos os resultados da fidelidade e seremos eternamente gratos pela ação do Espírito Santo em nossa vida, ao nos livrar do egoísmo e nos tornar generosos e fiéis.

A recompensa nesta vida não é primariamente financeira, como ensina a teologia da prosperidade. Ellen White afirma: “A prosperidade espiritual está intimamente ligada à generosidade cristã.”<sup>2</sup> A fidelidade proporciona transformação do caráter e renúncia das paixões do pecado. Essa é a mais grandiosa prosperidade que devemos desejar.

Os seguintes versos falam sobre outras recompensas disponíveis já nesta vida: “Uns dão com generosidade e têm cada vez mais; outros retêm mais do que é justo e acabam na pobreza. A pessoa generosa prosperará, e quem dá de beber terá a sua sede saciada” (Pv 11:24-25).

“Sabendo que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, seja servo, seja livre” (Ef 6:8).

E, quando não conseguimos ver o fruto de nossa fidelidade nesta terra, temos na história da viúva o vislumbre do que receberemos na vida futura. A vida dela pode não ter sido uma série de vitórias segundo o padrão humano, mas no Céu veremos que as ações pela causa da salvação através da influência dela não deixam dúvida sobre o sucesso, a vitória e o propósito de vida que ela tinha.

Falando sobre a recompensa que a fidelidade trará na eternidade, Ellen White comenta:

Os remidos irão encontrar e reconhecer aqueles cuja atenção encaminharam ao excelso Salvador. Que alegres conversas terão com essas pessoas! “Eu era pecador, sem Deus e sem esperança no mundo; e você se aproximou de mim, e atraiu minha atenção para o precioso Salvador, como minha única esperança. E eu cri Nele. Arrependi-me de meus pecados, e foi-me permitido assentar com Seus santos nos lugares celestiais em Cristo Jesus.” Outros dirão: “Eu era pagão, em terras pagãs. Você deixou seu lar confortável e veio me ajudar a encontrar Jesus, e a crer Nele como único Deus verdadeiro. Destruí meus ídolos e adorei a Deus, e agora O vejo face a face. Estou salvo, eternamente salvo, para ver perpetuamente Aquele a quem amo.”<sup>3</sup>

Imagine esse momento! Imagine os encontros que teremos no Céu! Naquele momento, compreenderemos plenamente o que é prosperidade. Veremos que fizemos o melhor em nossa existência passageira na Terra. Não teremos nenhum remorso por ter colocado tudo o que eramos e possuíamos à completa disposição de Deus e Sua causa.

No entanto, precisamos despertar que esses encontros celestiais serão a colheita do que estamos fazendo hoje. Precisamos nos envolver completamente com a causa e começar a desfrutar dos vislumbres de alegria que sentiremos no lar eterno.

Há alguns anos, pude sentir um pouco dessa alegria. Em 2001, realizei uma série evangelística na cidade de Teresina, Piauí. Era meu terceiro ano na faculdade de Teologia, e aquele evangelismo fazia parte da formação acadêmica. No entanto, encarei aquele momento como a confirmação do meu chamado para ser um pastor e me dediquei completamente àquela missão. Foram dias incríveis ao sentir o Espírito Santo tocar vidas e levá-las ao arrependimento. Várias pessoas entregaram a vida a Cristo através do batismo. Entre as pessoas batizadas estava uma jovem senhora que após os estudos tomou a decisão de publicamente declarar seu desejo de seguir a Cristo e Sua verdade. Aquele era um batismo muito especial, pois ela estava nos últimos meses de gestação.

Após o evangelismo, eu retornei para o último ano da faculdade e, em seguida, me tornei um pastor. A correria da vida não me permitiu retornar a Teresina. Até que, 15 anos depois, fui convidado para pregar em um concílio de pastores naquela cidade. Imediatamente senti o desejo de encontrar um

espaço entre os compromissos e visitar aquela querida igreja. Combinei que iria visitá-los em uma quarta-feira à noite.

Foi um encontro emocionante. Revi pessoas queridas que tive o privilégio de conduzir a Cristo e à verdade. Após o sermão, uma jovem me procurou e fez uma pergunta que sempre desafia a memória de um pastor: “Pastor, o senhor se lembra de mim?” Eu pedi desculpas e respondi que não me lembrava dela. Ela sorriu e respondeu: “Seria impossível o senhor se lembrar; eu estava dentro da barriga de minha mãe quando ela foi batizada. Hoje também estou na igreja e participo ativamente do evangelismo da missão Calebe. Aquilo que você fez por minha família estou fazendo por outras famílias!”

Não tenho palavras para descrever o que senti. Não era apenas a emoção do momento, mas a emoção de imaginar encontros como aqueles durante a eternidade. Diante daquela igreja, mais uma vez decidi entregar meus dons, influência, recursos, capacidades, enfim, minha vida para que outras vidas fossem salvas e transformadas pelo poder do evangelho.

Amo ouvir histórias, e isso é uma das coisas que me fascina ao pensar na eternidade. Ouviremos histórias verdadeiras e impressionantes. Eu me imagino acompanhando aquela viúva no Céu, apenas para ver pessoas se aproximando dela e contando as decisões que tomaram a partir de sua história registrada em quatro versos bíblicos. Quero conhecer histórias de pessoas que foram ajudadas, alimentadas e vestidas como resultado da influência da história dela. Quero ouvir sobre os hospitais e as missões que foram estabelecidas como influência direta da atitude dela. Mas, acima de tudo isso, quero ser uma das pessoas que contará a ela o que aconteceu em meu coração e quais atitudes tomei pelo impacto que a vida dela exerceu sobre mim. Você quer se juntar a mim e formar o “fã clube” celestial da viúva de Jerusalém? Vamos juntos, será emocionante!

Este é o último capítulo de nossa caminhada. Na introdução, eu disse que esperava que a leitura deste livro fosse uma bênção para seu crescimento espiritual e que sua vida fosse impactada pela história dessa simples viúva de Israel. Espero que isso tenha acontecido em sua vida como aconteceu na minha.

Não sei se você concorda comigo, mas a história dessa humilde viúva de Israel é como um oásis no deserto. A atitude de fidelidade e generosidade em meio a ofertantes não espirituais e ostentosos é como uma linda flor que nasce em meio à lama. Após tudo o que estudei e escrevi sobre a vida dela, continuo profundamente tocado com o fato de uma mulher solitária, que havia perdido

o marido e cujos recursos eram escassos tenha sido usada tão poderosamente por Deus para deixar marcas tão profundas em minha vida.

Ela encontrou força e conforto em Deus e decidiu expressar isso através de uma entrega completa. Ela foi percebida pelo Mestre, sua memória foi imortalizada, sua ação se tornou uma inspiração para a igreja em todos os tempos. Seu exemplo foi seguido por milhares de cristãos conhecidos e desconhecidos e a cada ato de entrega completa o nome de Cristo foi glorificado. Cristãos conhecidos como João Wycliffe, Jerônimo, Martinho Lutero, Dietrich Bonhoeffer; ou desconhecidos como eu, você e o senhor Haim.

Permita-me concluir com esta história:

No vilarejo de Siem Riep, no Camboja, Haim e sua família foram capturados por soldados do regime comunista do país. Sua sentença era a morte, e seu crime era ser um fiel seguidor de Jesus Cristo. Ele havia ensinado sua família sobre entrega e fidelidade completas a Deus, e essa era a hora da prova. A família aprisionada passara a noite acordada, confortando-se e orando uns pelos outros, enquanto permaneciam amarrados juntos, debaixo de algumas árvores.

Na manhã da execução, todos foram levados para o campo de extermínio. Haim pediu aos guardas alguns minutos para se juntar à sua família em seu último momento de oração, e de mãos dadas, ao lado da cova onde seriam jogados, ele suplicou a Deus que os guardas e todos os que observavam de longe se arrependessem e cressem no evangelho.

Naquele momento, um dos filhos de Haim entrou em pânico e correu em direção a selva, desaparecendo entre os arbustos. O pai se levantou e, com autoridade, pediu aos guardas para não perseguirem o menino e permitirem que ele o chamasse de volta. Os espectadores estavam atônitos, e a família permanecia de joelhos ao lado da cova. Haim então se aproximou das árvores e começou a rogar que seu filho retornasse. Ele bradou: “De que adianta ganhar apenas mais alguns dias de vida na selva como fugitivo e viver de maneira miserável e solitária, em vez de se unir à sua família, momentaneamente ao redor da sepultura, e em breve estar ao redor do trono de Deus no Céu?” Depois de alguns minutos de tensão, o rapaz saiu dentre os arbustos chorando e caminhou lentamente ao seu lugar, entre os familiares ajoelhados. “Agora, estamos prontos para ir”, disse Haim aos guardas.<sup>4</sup>

Deus está nos convidando a fazer uma entrega completa de tudo o que temos e somos, a exemplo da viúva apresentada no evangelho e do senhor

Haim. Minha oração sincera é que todas as pessoas que entrarem em contato com este livro possam neste momento dizer: “Sou completamente teu Senhor. Tudo o que tenho e sou pertence a Ti, e sempre estará à Tua completa disposição. Se em algum momento eu tiver que decidir entre a fidelidade e a minha segurança, por favor me lembre que não há segurança no caminho da infidelidade.”

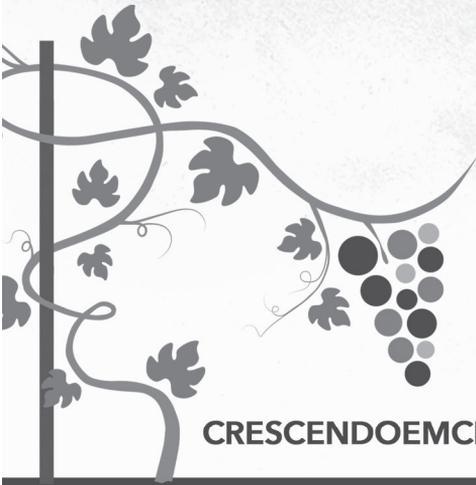
### Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), v. 6, p. 310.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 49.
- <sup>3</sup> White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 311.
- <sup>4</sup> Adaptado de Don Cormack, *Killing Fields, Living Fields: An Unfinished Portrait of the Cambodian Church* (Crowborough, England: Monarch Publications, 1997), p. 233, 234.



# CRESCENDO EM CRISTO

**Um curso de crescimento de  
7 semanas para os novos  
integrantes da família  
adventista**



[CRESCENDOEMCRISTO.ORG](http://CRESCENDOEMCRISTO.ORG)